



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

ERIKA CRISTINA DIAS NOGUEIRA

**MUNDOS POSSÍVEIS NO FACEBOOK:
NARRATIVAS DE MULHERES AMBIENTALISTAS CONTRA O FIM DO MUNDO**

BELO HORIZONTE

2021



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

ERIKA CRISTINA DIAS NOGUEIRA

**MUNDOS POSSÍVEIS NO FACEBOOK:
NARRATIVAS DE MULHERES AMBIENTALISTAS CONTRA O FIM DO MUNDO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) para obtenção do título de Doutora em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lilian Aparecida Arão
Linha de pesquisa: Tecnologia e Processos Discursivos

BELO HORIZONTE

2021

Nogueira, Erika Cristina Dias.
N778m Mundos possíveis no Facebook : narrativas de mulheres ambientalistas contra o fim do mundo / Erika Cristina Dias Nogueira. – 2021.
166 f. : il.
Orientadora: Lilian Aparecida Arão

Tese (Doutorado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2021.
Bibliografia.

1. Ambientalismo. 2. Narrativas pessoais. 3. Discurso. 4. Ativismo - Meio ambiente - Mulheres. 5. Redes sociais digitais. I. Arão, Lilian Aparecida. II. Título.

CDD: 401.41

*Dedico este trabalho à nova vida que cresce
em mim: esperança de um mundo possível.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, único e especial, só foi possível pelo apoio incondicional de seres iluminados que estiveram ao meu lado, sempre. Meu amor e sinceros agradecimentos.

Sigo eternamente agradecida pelo incentivo dos meus pais, Ana Maria e José Nogueira, que confiaram na potência desse árduo trabalho, motivando-me graciosamente, dia após dia. Sinto que o doutorado também é deles. Agradeço minha irmã Karine, por me inspirar com sua luta pelo meio ambiente e pela vida. Suas ações coerentes, seu ativismo e seus conselhos sábios estão nas páginas desta tese.

Sou muito grata ao Saulo, meu companheiro de vida e parceiro grandioso, que me inspirou leveza e poesia. Incentivador incondicional, seus bilhetinhos motivadores e suas leituras da tese foram fundamentais para a conclusão dessa pesquisa.

Agradeço a minha família em Cachoeira do Campo, Rios, Beth, Eliza e João Pedro, meus anjinhos, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio amoroso e escuta sem igual.

Agradeço às amigas Maria Angélica, Bárbara, Leilane, Íris e Nara, acompanhantes da jornada louca da minha vida, fiéis em todos os momentos, compartilhando alegrias e dores.

Ao Vitor Bedeti, meu amigo e alma gêmea. Agradeço infinitamente sua irmandade e cuidado comigo, sempre. São tantos agradecimentos para você que não cabem nesta tese.

Agradeço aos amigos Marco Túlio, Pedro, Leandro e Paim. Cada um com sua luz própria, iluminou meu percurso grandiosamente e são pessoas especiais que compartilham comigo essa grande viagem.

À Mércia Bicalho, artista inspiradora, que me incentivou tanto na vida e foi a responsável por mudanças significativas no meu pensamento.

À Professora Lilian, orientadora desde o mestrado. Agradeço os conselhos, o incentivo e a amizade construída durante esses anos.

Ao professor Cláudio, com suas leituras dedicadas, conselhos tão cuidadosos e que transformaram minhas perspectivas na tese.

Ao CEFET-MG: agradeço a imensa oportunidade e por acreditarem em mim, sempre.

Às alunas e alunos da PUC-MG: agradeço as trocas, diálogos e o aprendizado que compartilhamos desde o início do doutorado.

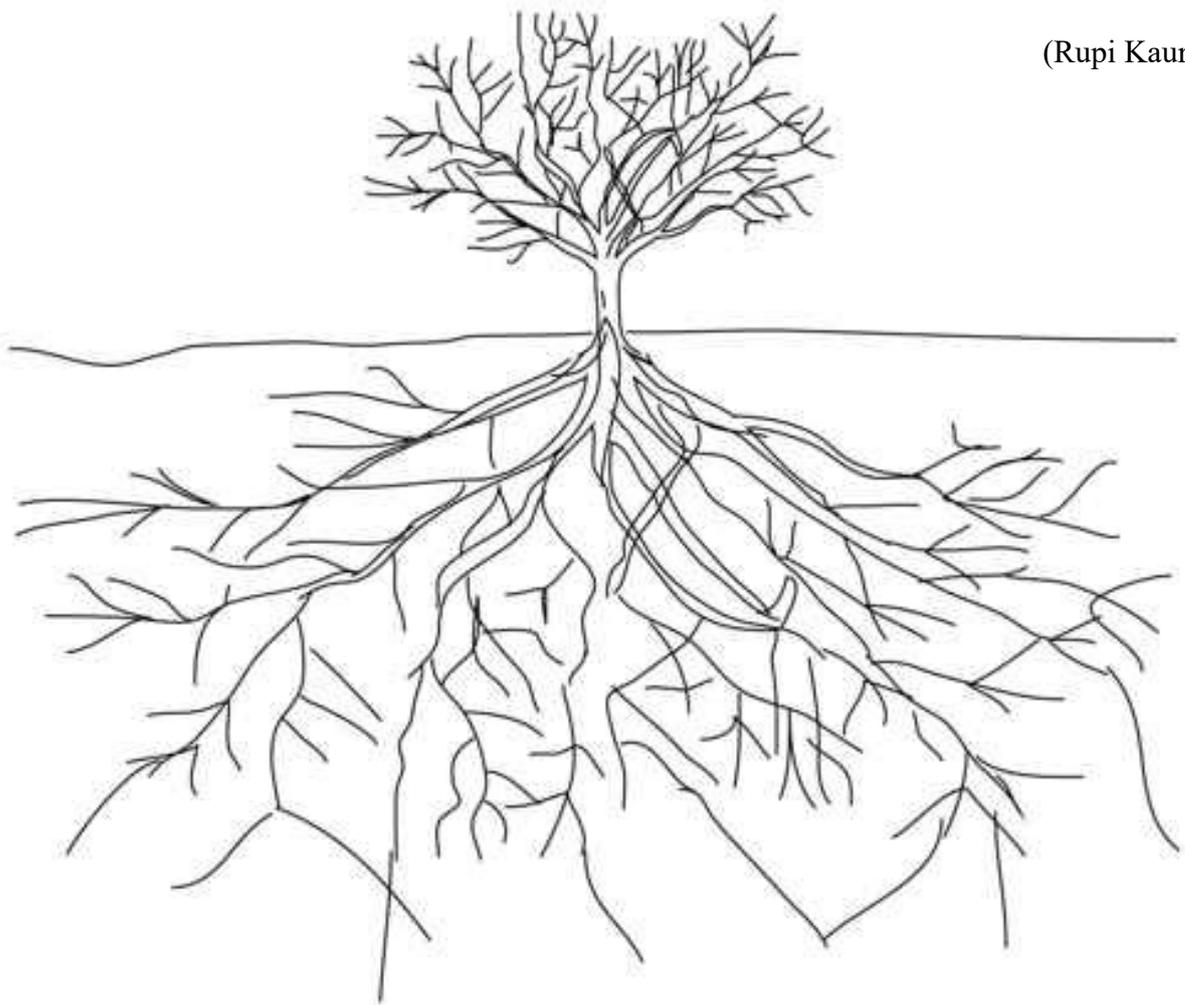
Grata sou por ter em minha vida dois seres que levaram alegria e serenidade aos meus dias: os gatinhos Mingau e Pudim. Ao Mike, que agora está no céu dos cachorros.

Às Deusas, Deuses e Orixás. Às mulheres e aos ativistas que participaram desse trabalho. À natureza. Às poetisas e aos poetas.

eu quero ficar tão
enraizada ao chão
que estas lágrimas
estas mãos
estes pés
afundarão

- pé no chão

(Rupi Kaur)



RESUMO

No Brasil, país considerado pela ONG Global Witness como o mais perigoso do mundo para o ativismo ambiental, tendo em vista o alto número de assassinatos de ambientalistas, mulheres lutam por espaços de expressão para disseminarem seu discurso em defesa do meio ambiente. Durante séculos, as mulheres tiveram suas vozes abafadas e silenciadas pela sociedade patriarcal, sobretudo em ambientes políticos. Atualmente, o protagonismo ambiental feminino é sustentado pela apropriação da internet, especificamente do site de rede social Facebook. Mesmo com alguns obstáculos que ameaçam a participação política nessa plataforma, como desigualdade de acesso, censura e controle excessivo das redes, a apropriação do site por ativistas pode contribuir para reflexões e trocas comunicativas, transformadoras de comportamentos e hábitos. É nesse espaço que estudamos as narrativas de quatorze mulheres ambientalistas no Facebook. As análises que fizemos, a partir das vozes e vivências das ativistas, almejam investigar as narrativas digitais como formas de expressão. Investimos em uma leitura crítica dos traços discursivos, efeitos de sentido e presença, atravessamentos linguísticos e estratégias sensíveis empregadas, discorrendo sobre os discursos digitais de forma constitutiva. Utilizamos uma base epistêmico-metodológica múltipla, que abarca a análise do discurso, notadamente as teorias semiolinguística e as narrativas de si; ainda a comunicação digital e os estudos da ecologia, da filosofia e da psicanálise. Os resultados de nossas análises apresentam as complexidades e multiplicidades da definição de um discurso ambiental contemporâneo e de um *ethos* ambientalista. Evidenciamos como as narrativas de si se fundem em narrativas ativistas, bem como as estratégias sensíveis são empregadas nas redes sociais, a partir de diversos componentes textuais – a exemplo de imagens críticas, uso de *hiperlinks* e recursos linguísticos persuasivos, intensidade na linguagem verbal, posicionamento de narradora-testemunha e citação de autoridade. Por fim, as formas de expressão das ambientalistas no Facebook foram divididas em duas categorias sensíveis: amor e medo/culpa. Nesse sentido, este trabalho apreende estratégias de resistência e sobrevivência em prol de mundos possíveis e contra o fim do mundo, por meio de narrativas que carregam consigo a intenção de captar a adesão e simpatia dos interlocutores para a causa ambiental, a partir da produção de presença e estratégias sensíveis que buscam proximidade e intensidade em suas falas.

PALAVRAS-CHAVE: Ambientalismo. Narrativas no Facebook. Discurso Digital. Mulheres ambientalistas. Ciberativismo.

ABSTRACT

In Brazil, a country considered by the NGO Global Witness as the most dangerous in the world for environmental activism, in view of the high number of murders of environmentalists, women struggle for spaces of expression to disseminate their speech in defense of the environment. For centuries, women have had their voices muffled and silenced by patriarchal society, especially in political settings. Currently, female environmental protagonism is supported by the appropriation of the internet, specifically the social networking site Facebook. Even with some obstacles that threaten political participation on this platform, such as inequality of access, censorship and excessive control of networks, the appropriation of the site by activists can contribute to reflections and communicative exchanges, transforming behaviors and habits. It is in this space that we study the narratives of fourteen women environmentalists on Facebook. The analyzes we made, based on the voices and experiences of the activists, aimed to investigate digital narratives as forms of expression. We invested in a critical reading of the discursive traits, effects of meaning and presence, linguistic crossings and sensitive strategies employed, talking about digital discourses in a constitutive way. We use a multiple epistemic-methodological basis, which encompasses discourse analysis, notably semi-linguistic theories and self-narratives; digital communication and studies of ecology, philosophy and psychoanalysis. The results of our analyzes present the complexities and multiplicities of the definition of a contemporary environmental discourse and an environmentalist ethos. We highlight how self-narratives merge into activist narratives, as well as sensitive strategies are used in social networks, based on several textual components - such as critical images, use of hyperlinks and persuasive linguistic resources, intensity in verbal language, positioning witness narrator and citation of authority. Finally, the forms of expression of environmentalists on Facebook were divided into two sensitive categories: love and fear / guilt. In this sense, this work apprehends strategies of resistance and survival in favor of possible worlds and against the end of the world, through narratives that carry with it the intention to capture the adhesion and sympathy of the interlocutors for the environmental cause, from the production of presence and sensitive strategies that seek proximity and intensity in their speeches.

KEYWORDS: Environmentalism. Narratives on Facebook. Digital Speech. Environmental women. Cyberactivism.

RÉSUMÉ

Au Brésil, pays considéré par l'ONG Global Witness le plus dangereux du monde pour l'activisme environnemental, en vue du nouveau chiffre d'assassinats d'écologistes, les femmes battent pour le droit d'exprimer son discours en défense de l'environnement. Pendant des siècles, les femmes ont vu leurs voix réduites au silence par la société patriarcale, en particulier dans les contextes politiques. Actuellement, le protagonisme environnemental des femmes est soutenu par l'appropriation d'Internet, plus précisément du Facebook. Malgré certains obstacles qui menacent la participation politique sur la plateforme, comme la disparité d'accès au réseau, la censure et le contrôle excessif, l'appropriation par des militants peut encourager à des réflexions et des échanges communicatifs, en transformant des habitudes. C'est là où nous étudions les récits de quatorze femmes environmentalistes sur Facebook. Les analyses, inspirés par les voix et les expériences des militantes, visaient chercher les récits numériques en tant que formes d'expression. Nous nous sommes débrouillés sur une lecture critique du discours, des effets de sens et de présence, des croisements linguistiques et des stratégies sensibles, parlant des discours numériques de manière constitutive. Nous avons utilisé une base méthodologique épistémique multiple, qui englobe l'analyse du discours, notamment les théories semi-linguistiques et les auto-récits; encore que la communication numérique et les études d'écologie, de philosophie et de psychanalyse. Les résultats des analyses présentent les complexités et les multiplicités de la définition d'un discours environnemental contemporain et d'un ethos environmentaliste. En évidence, nous montrons comment les récits d'eux-mêmes se fondent dans des récits activistes, ainsi que des stratégies sensibles sont utilisées dans les réseaux sociaux, à partir de divers éléments textuels - tels que des images critiques, l'utilisation d'hyperlinks et de ressources linguistiques persuasives, l'intensité du langage verbal, le positionnement narrateur- témoin et la citation d'autorité. Enfin, les formes d'expression des écologistes sur Facebook ont été divisées en deux catégories sensibles: l'amour et la peur / culpabilité. En ce sens, le travail appréhende des stratégies de résistance et de survie en faveur des mondes possibles et contre la fin du monde, à travers des récits qui portent l'intention de l'adhésion et de la sympathie des interlocuteurs pour la cause environnementale, à partir de la production de présence et stratégies sensibles qui recherchent la proximité et l'intensité dans leurs discours.

MOTS CLÉS: Environmentalisme. Récits sur Facebook. Discours numérique. Femmes de l'environnement. Cyberactivisme

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – FOTOS UTILIZADAS PELAS MULHERES AMBIENTALISTAS EM SEUS PERFIS NO FACEBOOK.	15
FIGURA 2 – CAPA DO DISCO AS FORÇAS DA NATUREZA (1977)	22
FIGURA 3 – CLARA NUNES NA CONTRACAPA DO DISCO AS FORÇAS DA NATUREZA (1977)	23
FIGURA 4 – FLUXOGRAMA PROPOSTO PARA A PESQUISA ETNOGRÁFICA	29
FIGURA 5 – ÁRVORE-FLUXOGRAMA PROPOSTA PARA A ANÁLISE DAS NARRATIVAS AMBIENTALISTAS NO FACEBOOK.	30
FIGURA 6 – POST DE ADRIANA DO DIA 1/3/2017	38
FIGURA 7 – POST DE VIVIANE DO DIA 5/6/2017	43
FIGURA 9 – A ÁRVORE DUMAR	94
FIGURA 10 – A ÁRVORE KHIRSALI	95
FIGURA 11 – POST DE CLÁUDIA DO DIA 20/8/2019	105
FIGURA 12 – POST DE IARA DO DIA 20/8/2019	106
FIGURA 13 - POST DE VIVIANE DO DIA 20/8/2019	107
FIGURA 14 - POST E PERFIL DE ADRIANA DO DIA 08/03/2017	116
FIGURA 15 – POST DE IARA DO DIA 14/01/2017	119
FIGURA 16 - POST DE SILVIA DO DIA 27/01/2017	122
FIGURA 17 – PERFIL DE SILVIA DO DIA 27/01/2017	124
FIGURA 18 – PERFIL DE NÉLIA DO DIA 9/01/2017	126
FIGURA 19 – POST DE NÉLIA DO DIA 09/01/2017	127
FIGURA 21 – POST DE NÉLIA DO DIA 07/01/2017	131
FIGURA 22 – POST DE CLÁUDIA DO DIA 25/08/2019	133
FIGURA 23 - POST DE VIVIANE DO DIA 21/08/2019	137
FIGURA 24 – POST DE VIVIANE DO DIA 22/03/2017	142
FIGURA 25 – PERFIL DE IARA DO DIA 23/07/2020	144
FIGURA 26 - POST DE IARA DO DIA 09/03/2017	145
FIGURA 27 – POST DE SILVIA DO DIA 28/02/2017	148
FIGURA 28 - POST DE CLÁUDIA DO DIA 13/01/2017	151
FIGURA 29 – POST DE MURIEL DO DIA 19/06/2017	152

SUMÁRIO

<u>PRIMEIRAS PALAVRAS</u>	11
<u>INTRODUÇÃO</u>	13
<u>CAPÍTULO 1 – CONTEMPLAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: ÉTICA E ESTÉTICA DISCURSIVA NO FACEBOOK</u>	18
1.1 ÉTICA E ESTÉTICA: POLÍTICA DE COEXISTÊNCIA NO DISCURSO DIGITAL	26
1.1.1 O ECOSISTEMA FACEBOOK	31
1.2 VOZES E VIVÊNCIAS: FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	36
1.3 ESTRUTURA DA NARRATIVA DIGITAL: UMA CONFIGURAÇÃO DE PRESENÇA E SENTIDO	45
2.1 A LUTA FEMINISTA: O MOVIMENTO E SUAS ONDAS	56
2.1.1 FEMINISMO NA INTERNET	66
2.2 ATIVISMO AMBIENTAL COMO RESISTÊNCIA	70
2.2.1 VOZES QUE ECO(AM)	78
<u>CAPÍTULO 3 - APOCALIPSE: NARRATIVAS SOBRE A DESTRUICÃO</u>	90
3.1 A COSMOVISÃO CRISTÃ COMO FUNDAMENTO PARA A SOCIEDADE	96
3.1.2 O APOCALIPSE CRISTÃO E O DISCURSO NATURALIZADO SOBRE A NATUREZA	99
3.2 APOCALIPSES BRASILEIROS	103
<u>CAPÍTULO 4 - ÉDEN: A BUSCA POR UM MUNDO PERDIDO</u>	111
4.1 MUNDOS POSSÍVEIS NAS NARRATIVAS AMBIENTALISTAS	115
4.1.2 NARRATIVAS ATIVISTAS EM DISSOCIAÇÃO SOBRE O APOCALIPSE	132
4.2 POLÍTICAS DA COEXISTÊNCIA NAS NARRATIVAS AMBIENTALISTAS	139
4.2.1 ESPIRITUALIDADE E MEIO AMBIENTE	140
4.2.2 FILIAÇÕES ATIVISTAS E PARTIDÁRIAS	143
4.2.3 TECNOLOGIAS VERDES E CIÊNCIAS	147

4.2.4 O MERCADO VERDE 150

CONSIDERAÇÕES FINAIS **154**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **161**

PRIMEIRAS PALAVRAS

Sou afeita às causas ambientais desde criança, época da qual guardo alguns flashes com carinho na memória. Lembro de gostar de colocar os pés na grama, de me sujar de lama e sentir o gosto doce das cachoeiras mineiras. Lembro dos cachorrinhos que nasciam aos montes em minha casa e que fazem parte da minha história. Sou da cidade e vivo há mais de 30 anos entre muros e tijolos. O cheirinho de chão batido do interior esteve em minha vida somente nos passeios pela roça de Rio Espera, cidade do meu pai. A infância entre muros contou com o privilégio das árvores, flores e outras plantas que minha mãe conservou em nosso quintal. Esse jardim imenso para mim foi o espaço do qual sempre gostei mais na casa. Eu não tinha a dimensão dos embates políticos e sociais do mundo externo, vivia alheia a eles nesse pequeno espaço de brincadeira no quintal. A sabedoria das crianças e a pureza no contato com a natureza residiam em mim. A primeira fase da minha vida só tem lembranças boas.

Com o tempo, sinto que me desliguei muito desse desejo de conexão, afastando-me, aos poucos da elevação desse cenário verde. O quintal de casa nem me importava mais durante a adolescência e até o início da vida adulta. Engolia-me o tempo passado entre os prédios, escritórios e tecnologias. Meu retorno ao quintal aconteceu como um lampejo. O desejo de voltar a me conectar com a natureza se confunde com o desejo de me conectar com o meu interior. Talvez resida aqui o que Vandana Shiva e a filosofia indiana chama de “Prakriti”, a natureza primordial do ser humano. Nesse processo de descoberta da vida, em uma dimensão holística, que abarca os seres e as coisas do mundo, busquei me aproximar da causa ambiental por diversos meios, sejam eles acadêmicos ou existenciais.

As palavras iniciais dessa tese não vão conseguir descrever esse retorno ao mundo perdido da infância. Creio que redescobri a afeição à causa ambiental (e sua multiplicidade) por volta de 2010. Nesses últimos 10 anos, posso dizer que o aprendizado passou de uma simples afeição a um completo mergulho nas diversas dimensões, sentidos e presenças do ambientalismo e das questões da natureza. Agora, não há mais volta. Este trabalho é um registro dos últimos 4 anos e meio de pesquisa com mulheres ambientalistas e ambientalismo. Digo mais: é um registro das reflexões, pensamentos e sentimentos que se passaram em minha vida neste tempo, atravessado por outros tempos vividos, como as lembranças da infância que carrego.

Podem ser que algumas reflexões e entrelaces que utilizo aqui sejam distantes de um trabalho acadêmico canônico, pois apresentam observações atravessadas por temporalidades e espaços vivenciados por mim e os ecos de outras vozes e vivências que escutei para basear

minhas escolhas de investigação. Procurei, estrategicamente, e de forma consciente, romper com certos padrões dualistas e antagonistas de escritas e registros acadêmicos. Meu objetivo foi oferecer algo que possa realmente abarcar a dimensão de uma tese de doutorado. Contudo, de forma coerente ao que abordo sobre resistências e mundos possíveis.

Dentre os fatos marcantes desse tempo, que muito me afetaram, está a ascendência do governo genocida de Jair Bolsonaro que deslegitima as ciências e a pesquisa acadêmica, contra a educação, a vida e o meio ambiente, a consequente luta política travada contra esses movimentos de caráter fascista, bem como a pandemia global do novo coronavírus, já no final dessa investigação, em 2020, que aterrorizou o mundo e estabeleceu um estado de alerta, distanciamento e isolamento social. Entretanto, algumas descobertas nesse tempo foram um alívio e mudaram o percurso da escrita e da vida: a potência dos movimentos indígenas e as vozes de lideranças Sônia Guajajaras, Ailton Krenak e David Kopenawa, que muito contribuem para sonhar mundos possíveis e crescer em mim a esperança diária de novos tempos no Brasil; as canções de Elza Soares e Emicida, as poesias de Virginia Woolf, Rupi Kaur e Pablo Neruda, ofereceram-me outras perspectivas e ampliaram os caminhos da pesquisa.

Essas são imagens da minha vida e da vida das quatorze mulheres que me acompanharam nesse trabalho. Eu deixo agora o "eu", e falo de "nós", para representar o percurso coletivo que iniciou nessa tese.

INTRODUÇÃO

“Não vou fugir e nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor numa terra onde possam viver e produzir com dignidade sem devastar.”

Dorothy Stang¹

Revolucionárias. Ativistas. Ambientalistas. Ecologistas. Várias qualificações são encontradas para definir as mulheres que lutam em defesa do meio ambiente. Cada uma tem sua parte na história do ambientalismo, que se confunde com suas próprias vidas. Suas vozes e vivências têm encontrado abrigo na internet, em especial no site de rede social Facebook, ainda propício à divulgação de vidas e causas políticas, mesmo com inúmeras barreiras. Dificuldades também fazem parte da vida *off-line* das ambientalistas. Dorothy Stang, umas das ambientalistas mais conhecidas da história brasileira, teve sua revolução apagada em 2005. Várias outras também enfrentam diariamente as ameaças ao seu ativismo no Brasil, um dos países mais violentos para mulheres e ativistas ambientais. Um país que abriga em sua história o desastre histórico de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais, a PL do Veneno e o gigantesco incêndio na Floresta Amazônica; as imagens atuais de uma série de políticas de morte contra o meio ambiente. A repetição histórica de opressões propaga papéis, normas sociais e destruições. Algo próprio da modernidade que, sob o discurso capitalista do progresso e do desenvolvimento, estrutura as bases da sociedade, silenciando, sujeitando corporeidades, dizeres, comportamentos e hábitos.

A sujeição da mulher e da natureza são reveladas nesse cenário, indicando-nos que a degradação de ambas está conectada. Uma necessidade de luta é inquestionável e o ambientalismo surge como resistência, ancorado em lutas do passado. Uma força contra-hegemônica conduzida por meio de levantes contra tais condições opressoras (BUTLER, 2017). Levantam-se os que estão exaustos do sofrimento oriundo da exploração. Visam propor novos

¹ Ambientalista assassinada por fazendeiros, no Pará, em 12/2/2005, quando estava vestida com uma blusa com os dizeres "A morte da floresta é o fim da nossa vida".

olhares, situações e transformar padrões destruidores. Estratégias de resistência que vão da comunicação política até a mobilização presencial são utilizadas por ativistas que, ancorados nas imagens de destruição vivenciadas por séculos, constroem narrativas urgentes que denunciam um passado de destruição e apontam para um futuro de mudanças possíveis. Em meio a uma crise ecológica, questões ambientais são motivadas a estarem no centro dos debates públicos. A dificuldade de tal visibilidade e legitimação das causas ambientais é latente em uma dimensão capitalista cuja lógica é transformar recursos naturais em mercadorias e intervir, cada vez mais, no meio ambiente, em repetição cíclica.

Em meio à crítica ao sistema vigente destruidor e à exaltação de rastros de um passado profícuo, ou de um futuro promissor, a ruptura proposta pelo ambientalismo necessita ganhar ecos. Fazer com que o sujeito moderno visualize a degradação e se posicione a favor da preservação dos recursos naturais são objetivos das ativistas ambientais. A expressão é, assim, potência emancipatória (SODRÉ, 2016) em meio ao cenário marcado por sujeições. No âmbito da internet, razão e paixão se encontram. A sensibilidade como uma das principais estratégias de legitimação e visibilidade frente ao capital se irradia entre as narrativas cotidianas das ambientalistas. Os discursos digitais construídos são múltiplos, plurisemióticos, fragmentados e autônomos.

Ao discorrermos sobre discurso, consideramos a noção da linguística, como maneira de apreender a linguagem, sendo forma de ação que abarca as seguintes características: orientado, interativo, contextualizado, assumido e regido por normas sociais, além de localizado em um universo de outros discursos (interdiscurso). Falamos, então, de um discurso que se molda a partir de traços do ambientalismo. Optamos por utilizar o conceito de narrativas, que está conectado ao universo do discurso ambientalista, para se referir, especificamente, às falas das mulheres ambientalistas, e demonstrar a operacionalização das histórias contadas pelas enunciantoras.

O Facebook, site de rede social analisado neste trabalho, posiciona-se como principal mídia de divulgação para as ativistas, devido, principalmente, à facilidade de autoexpressão na plataforma. Propício à exposição de discursos e identidades, o ambiente pode ser considerado um espaço biográfico (ARFUCH, 2010), lugar de denúncias e argumentações, como também de publicidade e controle, cada vez mais exacerbado, seguindo a lógica dos produtos midiáticos tradicionais. Sua apropriação demanda a adaptação das ambientalistas para promoverem suas divulgações, bem como a ampliação de suas redes para se fazerem ser e parecer no espaço virtual.

Diante dessa paisagem, nossa investigação procurou ouvir mulheres ambientalistas desde o início, em 2016. Descobrimos redes de mulheres que compartilhavam, entre si e externamente, diálogos ambientalistas, promovendo eventos e expressando suas preocupações no Facebook. Das trinta mulheres que conhecemos no Facebook, somente quatorze autorizaram a participação nesta pesquisa. São elas: Adriana, Barbara, Cláudia, Érica, Iara, Jane, Lindalva, Luciana, Muriel, Nélia, Rachel, Sabina, Silvia, Viviane (FIGURA 1). Esse grupo de mulheres foi concluído após uma intensa busca de ambientalistas que possuíam perfis no Facebook - realizada de agosto de 2016 até março de 2017. Nossas conversas e observações identificaram imagens, formas, aparências e ritmos em suas narrativas. Visamos acrescentar suas vozes e vivências neste trabalho, indicando também que a nossa própria voz e vivência como pesquisadora, mulher e com inclinação para a luta contra-hegemônica interfere na investigação.

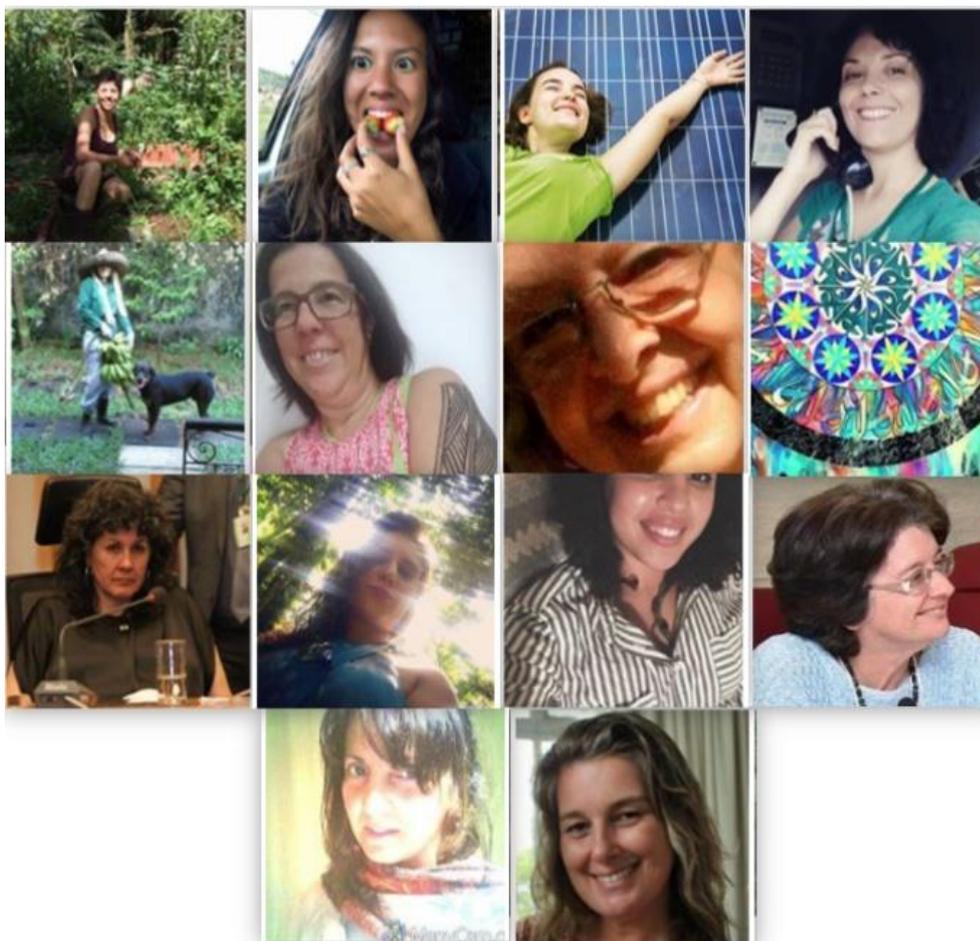


FIGURA 1 – Fotos utilizadas pelas mulheres ambientalistas em seus perfis no Facebook. Coletadas em Março/2017

Em trabalho anterior no âmbito do mestrado (NOGUEIRA, 2015), entre os anos de 2013 a 2015 no CEFET-MG, a pesquisa esteve ancorada no discurso de ONGs ambientais no Facebook, em formato diferenciado da atual. Com o título “Facebook como espaço de legitimação virtual: uma análise de *posts* e reações discursivas em páginas de ONGs ambientais”, a dissertação se utilizou de bases e posicionamentos teóricos da Linha II “Discurso, Mídia e Tecnologia”, da Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, mesma linha contemplada pela atual pesquisa de doutorado, que privilegia a análise das construções discursivas em uma mídia digital. Contudo, a proposta estava voltada para o discurso institucional e não para a dimensão subjetiva do ativismo, como a investigação atual.

A pesquisa de doutorado analisou as formas de expressão ciberativista de mulheres ambientalistas brasileiras no site de rede social Facebook. Identificamos e compreendemos o funcionamento das narrativas digitais de mulheres ambientalistas, descrevendo os traços discursivos, os possíveis efeitos de sentidos, bem como os atravessamentos discursivos (opções políticas e os aspectos históricos, culturais e sociais relacionados à vida da mulher e as causas defendidas) e as estratégias sensíveis. Também problematizamos o papel do Facebook como espaço de expressão ativista. A investigação sobre o tema proposto foi realizada a partir dos conceitos de ambientalismo, feminismo, narrativas no Facebook, discurso digital e ciberativismo, abarcando a dimensão política das expressões. Pretendemos, assim, formar um estudo que amplie o debate sobre o ciberativismo, estruturando um diagnóstico das possibilidades e desafios para o ambientalismo, que poderá servir de referência para outros pesquisadores e colaborar com as ações ciberativistas das ambientalistas.

Ante tal interesse, reunimos dois tipos de corpus: periférico e central, que serão descritos profundamente na metodologia. Eles foram construídos a partir de observações *on-line* de perfis no Facebook, entre os anos 2016 e 2019, das quatorze ambientalistas (periférico) e da coleta de narrativas ambientalistas de sete ativistas (central). Devido à enorme quantidade de narrativas nos perfis, decidimos por sete mulheres para obtermos uma análise aprofundada para a tese, sendo uma ambientalista de cada região geográfica do Brasil que publicava constantemente em seu perfil (Adriana – Centro-Oeste, Cláudia – Sudeste, Muriel – Norte, Nélia – Nordeste e Silvia – Sul) e duas que não tem residência fixa (Viviane e Iara). Composto por *posts* e comentários das mulheres ambientalistas nos meses de janeiro, março e junho de 2017, bem como os de agosto de 2019, o corpus central será utilizado na tese para ilustrar as análises. Contudo, é necessário ressaltar que nossas compreensões acerca das narrativas de todas as mulheres estão

interligadas às observações iniciais do corpus periférico, abarcando todas as dimensões dos discursos ambientalistas analisados.

O quadro em que se insere nossa pesquisa é o dos estudos de linguagens. Porém, a fim de melhor esclarecer as questões apresentadas, nossa escolha foi cruzar diversas trajetórias de pesquisa. Nos dezesseis anos de existência do Facebook, diversos estudos foram realizados pelo mundo, principalmente nas áreas de comunicação e tecnologia. Boa parte dos trabalhos envolvem questões de interatividade, conversação e multimodalidade na nova rede, com as pesquisas pioneiras de Recuero (2009, 2014). Há ainda pesquisas interdisciplinares (comunicação e linguagem) como as de Soares (2011) e Rodrigues e Campos (2013). Há também os trabalhos precursores de Pereira (2008, 2011) sobre o ciberativismo dos movimentos ambientais. No âmbito da Análise do Discurso, existem algumas pesquisas como as de Emediato (2015), Dias (2014-15), Lysardo-Dias (2016) e Paveau (2014-15). Porém, poucos são os trabalhos que apresentam uma discussão sobre o discurso ambiental no Facebook, com destaque para a Tese de Doutorado de Miguel (2014), que se intitula “Pensar a cibercultura ambientalista: Comunicação, mobilização e as estratégias discursivas do Greenpeace Brasil”, e para nossa dissertação de mestrado (NOGUEIRA, 2015). Entretanto, não foi localizado nenhum trabalho que apresente uma discussão sobre o discurso de mulheres ambientalistas no Facebook.

Acreditamos que esta seja a novidade apresentada por nossa pesquisa: trabalhar em conjunto com três dimensões (discurso digital, ativismo ambiental e ciberativismo), que se encontram em uma única mídia digital, sob a ótica da interação feminina com o meio ambiente. Uma busca política pela compreensão das expressões de causas ambientalistas por mulheres, entendendo as faces de uma resistência que se forma no cenário digital.

Diante desse anseio, organizamos os capítulos desta tese a fim de construir uma narrativa, por meio de quatro capítulos, que apresenta diversas nuances e complexidades da investigação em torno das formas de expressão das mulheres ambientalistas no Facebook. No primeiro capítulo, nosso objetivo foi demonstrar os métodos e teorias que embasaram a pesquisa de doutorado. Além de registrarmos as bases utilizadas para a coleta de dados no Facebook, o capítulo compreende as bases apropriadas para a análise dos dados, como: o estudo da dimensão estética e ética das narrativas, os fundamentos da análise do discurso necessários para o entendimento das vozes e vivências expressas em *posts* das ambientalistas e, por fim, apresentamos as complexidades e reflexões que contribuíram para delinear uma estrutura da narrativa digital. Nossas contemplações teórico-metodológicas estão organizadas a partir do que chamamos de árvore-fluxograma, desenvolvida pela autora como uma proposta para a

análise das narrativas ambientalistas no Facebook e que contém as categorias criadas para fundamentar nossa investigação.

O capítulo 2, denominado “Vozes e resistência: a luta da mulher por expressão”, aborda os traços históricos de expressão da mulher, compondo-se inicialmente pela discussão em torno dos ideais de feminilidade e da construção discursiva do substantivo mulher, incidindo, posteriormente, por um regaste dos primórdios da escrita feminina e de um discurso de resistência, este já delineado como parte do movimento feminista e das denominadas ondas do feminismo - sem deixarmos de apontar as violências de gênero inerentes às mulheres historicamente. Por fim, nossa discussão, amplamente teórica neste capítulo, contempla questões que coexistem à expressão da mulher e a luta feminista, como a crise política do meio ambiente. O ativismo ambiental como resistência e as vozes que eco(am) em vistas ao fortalecimento da causa ambiental e ao protagonismo feminino neste tipo de ativismo.

No capítulo 3, denominado “Apocalipse: narrativas sobre a destruição”, dissertamos sobre a constituição do discurso ambiental em diversas vertentes, principalmente a partir de um discurso naturalizado cristão, cujos fundamentos acreditamos ser base para a configuração de sentidos e significados na sociedade moderna que persiste em pleno século XXI. Compreendemos neste capítulo as cosmovisões originárias e as conexões entre o fim do mundo, em seu entendimento apocalíptico, e a natureza nesse contexto. Por fim, no tópico que denominamos “apocalipses brasileiros”, realizamos uma investigação de como as mulheres ambientalistas participantes desta pesquisa apresentam suas narrativas ao acoplar a temática do fim do mundo em seus *posts* no Facebook.

O capítulo 4, intitulado “Éden: a busca por um mundo perdido” continua as análises dos *posts* sob as bases teórico-metodológicas escolhidas para a investigação, com o foco na investigação das formas de expressão das ambientalistas que estão conectadas à procura por soluções ecologicamente viáveis para evitar ou eliminar a possibilidade de catástrofes naturais. Denominamos assim “mundos possíveis” aqueles cenários construídos discursivamente pelas ambientalistas por meio de suas narrativas no Facebook.

Nossa investigação se finda, assim, por apresentar todas as dimensões observáveis nas expressões das mulheres defensoras do meio ambiente participantes desta pesquisa. Temáticas como “filiações ativistas”, “espiritualidade”, “tecnologia” e “mercado verde” são notáveis nas escrituras das ativistas, sendo pauta frequente em seus investimentos narrativos na rede social. Apreendemos ainda as estratégias de resistência e sobrevivência em prol de mundos possíveis e contra o fim do mundo, por meio de narrativas que carregam consigo a intenção de captar a

adesão e simpatia dos interlocutores para a causa ambiental, a partir da produção de presença e das estratégias sensíveis que buscam proximidade e intensidade em suas falas.

CAPÍTULO 1 – CONTEMPLAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: ÉTICA E ESTÉTICA DISCURSIVA NO FACEBOOK

*Quando o Sol
Se derramar em toda sua essência
Desafiando o poder da ciência
Pra combater o mal
E o mar
Com suas águas bravias
Levar consigo o pó dos nossos dias
Vai ser um bom sinal
Os palácios vão desabar
Sob a força de um temporal
E os ventos vão sufocar o barulho infernal
Os homens vão se rebelar
Dessa farsa descomunal
Vai voltar tudo ao seu lugar
Afinal*

*Vai resplandecer
Uma chuva de prata do céu vai descer, la la la
O esplendor da mata vai renascer
E o ar de novo vai ser natural
Vai florir
Cada grande cidade o mato vai cobrir, ô, ô
Das ruínas um novo povo vai surgir
E vai cantar afinal*

*As pragas e as ervas daninhas
As armas e os homens de mal
Vão desaparecer nas cinzas de um carnaval*

Árvores e flores aos montes, regendo um colorido perfeito, plantas medicinais, animais saudáveis, rios limpos, comidas preparadas sem transgênicos e ar puro nas florestas e no ambiente urbano. Um cenário que remete ao Éden, paraíso bíblico cristão que indica o início da vida no planeta Terra. Lugar onde seres humanos convivem entre si e coisas do mundo em harmonia, sem degradar e utilizando recursos naturais. Um panorama que soa utópico nos dias de hoje, onde o habitual do ser humano são os remédios. Em que os animais domésticos se alimentam de rações transgênicas, os que vivem na zona rural servem como apoio à produção ilimitada do agronegócio e as árvores, plantas e flores recebem toneladas de poluentes, são queimadas ou cortadas para darem espaço a cidades, móveis, papéis, etc. A própria produção do computador utilizado para a escrita desta tese faz parte desse processo que parece sem fim e sem saída. Nossas roupas, os alimentos que compramos e até os produtos de higiene e limpeza que utilizamos estão incluídos no sistema de consumo que se apresenta, cada vez mais, insustentável para a Terra, sem falar do lixo. Gerado e organizado em montanhas dentro das cidades. Nosso planeta deteriorado pede socorro.

Há décadas são criados órgãos de proteção do meio ambiente, legislações e instituições não-governamentais, mas o problema da vida na Terra, que reflete a problemática ambiental e a degradação do ser humano, continua agravante. Discursos ancorados nos interesses econômicos da sociedade moderna balizam a prática de degradação e minimizam os problemas ambientais. Sabemos que estamos todos sujeitos a esse processo que esconde os reais motivos da trágica experiência cotidiana. As ambientalistas parecem saber também do modelo hegemônico de tratar a natureza, sustentado pelos meios de dominação econômicos, sociais, culturais e técnicos, que têm causado a destruição. De forma crítica, um discurso de resistência é criado como contraponto a todas essas imagens destrutivas criadas. Imagens de um éden são construídas pelas ambientalistas. A força da utopia as levanta contra a situação vivida. Discursos ambientalistas vindos de Adriana, Barbara, Cláudia, Érica, Iara, Jane, Lindalva, Luciana, Muriel, Nélia, Rachel, Sabina, Silvia, Viviane – mulheres que participam desta pesquisa - e tantas outras pelo mundo, são construídos a partir de textos, áudios, fotografias e vídeos, que revelam imagens, formas, aparências e ritmos. Dão sentidos aos costumes, hábitos,

² Poema de Paulo César Pinheiro (1977) “As Forças da Natureza”, interpretado por Clara Nunes.

regras e valores das ativistas ambientais que lutam por um novo modo de vida no planeta, mais sustentável e crítico aos processos capitalistas de degradação.

Algo como a cantora e intérprete brasileira Clara Nunes profetiza na música *As Forças da Natureza* (1977), do álbum de mesmo nome. Um verdadeiro manifesto ambiental lançado na década de 1970, auge de uma série de preocupações ambientais. Ao ouvirmos a canção, percebemos uma melodia triste ao início que, ao som do pandeiro e da voz marcante de Clara, constroem o painel da natureza na modernidade, até que, da segunda estrofe para o final da canção, um grito da cantora traduz a utopia de uma nova vida, do carnaval em harmonia com o meio ambiente. Na capa do disco (FIG. 2), não vemos o rosto da cantora estampado, como veríamos em outros álbuns, somente uma pedra sendo atingida por uma gota d'água. Representação da sintonia de Clara Nunes com a natureza, também expressa nas canções do disco *Senhora das Candeias*, *Rancho na Primavera* e *Fado Tropical*, bem como evidente na contracapa do disco (FIG.3).

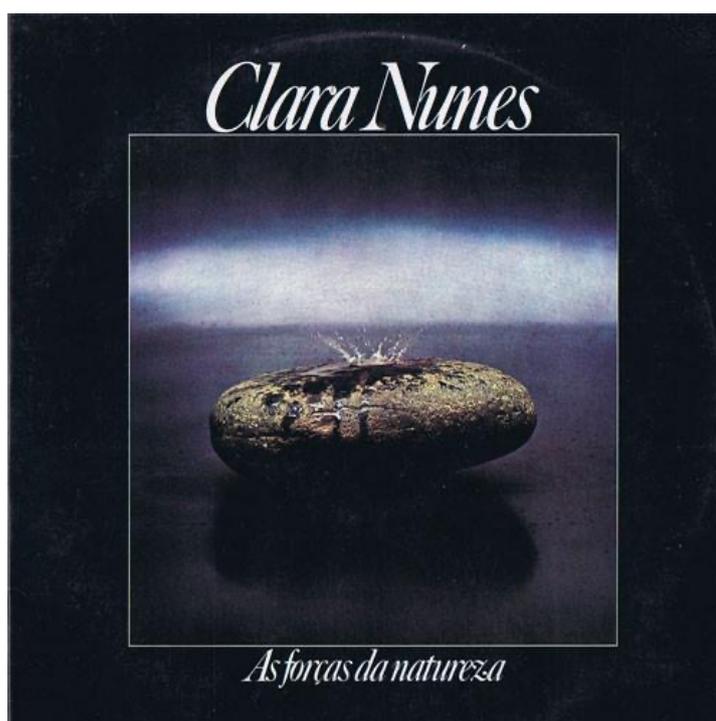


FIGURA 2 – Capa do disco *As forças da natureza* (1977)



FIGURA 3 – Clara Nunes na contracapa do disco *As forças da natureza* (1977)

Pela voz de Clara somos levados a visualizar duas imagens que atravessam essa pesquisa: o Éden e a destruição, ou: o “esplendor da mata” e a “farsa descomunal”, na música. De certa forma, as vozes das ambientalistas no Facebook ecoam a voz de Clara Nunes. Juntas, representam falas rebeldes para fazer “voltar tudo no lugar”. A esperança de um “ar de novo”, “natural”, da luta de um passado que motiva novos levantes. As ambientalistas expiram o sonho de uma resistência. Em cada dizer, em cada silêncio, imagens do ambientalismo são construídas. Ao observarmos tais empreendimentos, nossa proposta epistêmico-metodológica envolve a dimensão sensível dos discursos das ambientalistas, a fim de mostrar como vozes e vivências são empregadas no ecossistema do Facebook, lugar que pode conferir clareza e validação às narrativas ativistas. Compreendemos, assim, o ciclo biológico de construção de suas falas e como suas publicações contribuem para a expressão ativista, pensando também sobre o papel do Facebook na divulgação da luta ambiental.

O estudo do sensível nas narrativas das quatorze ambientalistas participantes dessa pesquisa nos parece ser um dos principais caminhos de investigação a seguir. Partimos assim do pensamento do sociólogo Muniz Sodré (2016), que diz sobre uma ordem natural na atualidade, em que há a emergência de uma sensorialidade, uma época estética, com potência emancipatória na dimensão do sensível. Como ação emancipatória, o autor considera um gesto positivo na sociedade, que não é dominado por um poder transcendental. A manifestação

sensível se dá em uma sociedade da comunicação e da informação, uma nova “cidade humana no âmbito das novas tecnologias do social” (SODRÉ, 2016, p.12). Um lugar que nos impõe nos níveis intelectual, espacial e afetivo o rompimento com a oposição histórica entre *logos* e *pathos*, ou entre razão e paixão, que vigorou no pensamento social durante séculos. Por esse motivo, a sugestão de Sodré (2016) é eliminar tal dicotomia, que propõe, por exemplo, o isolamento da dimensão sensível na análise, submetendo-a à lógica racionalista inerente ao capital. Contra esse quadro, o autor sugere uma leitura epistemológica sobre os fenômenos do mundo a partir de estratégias sensíveis³. Nesse sentido, o autor afiança que:

É uma oposição que perde progressivamente a sua radicalidade diante do desafio que os novos modos operativos da ciência e da técnica lançam ao racionalismo platônico, velha garantia entre o sensível das imagens e a verdade inteligível do mundo. [...] A informação, a comunicação, a imagem, com todas as suas tecnologias – uma forma de conhecimento sem os requisitos hierárquicos imprescindíveis à formação e à circulação dos saberes clássicos – têm-se progressivamente imposto aos sujeitos da teoria e da prática como o pretexto para se cogitar de um outro modo de inteligibilidade do social. Por quê? Porque a afetação radical da experiência pela tecnologia faz-nos viver plenamente além da era em que prevalecia o pensamento conceitual, dedutivo e sequencial, sem que ainda tenhamos conseguido elaborar uma práxis (conceito e prática) coerente com esse espírito de tempo marcado pela imagem e pelo sensível, em que emergem novas configurações humanas da força produtiva e novas possibilidades de organização dos meios de produção. (SODRÉ, 2016, p.12)

Diante de uma modernidade regida pela técnica, em que o mundo que se faz imagem pela razão, o autor evoca a aliança entre razão e emoção, no campo da linguagem, em que o aspecto afetivo condiciona as operações do espírito e o aspecto intelectual as do coração. A dimensão afetiva, sensível, que abriga o afeto, está na comunicação e transfere sentidos pelas impressões a excitações, em operações distintas dos processos intelectuais. O afeto é o que precede a discursividade do que é representado, conectado ao corpo e ao espírito sob uma energia psíquica que implica um movimento, sendo a potência de um agir em busca de um desejo, vontade ou prazer. Desconsiderar a dimensão sensível das narrativas nos levaria a priorizar puramente a racionalidade instrumental da interpretação semântica. Analisar a sensibilidade envolve a compreensão da experiência, da imagem, do afeto, reconhecendo a potência emancipatória da emoção, dos sentimentos e da imaginação, estratégia que aproxima as diferenças (SODRÉ, 2016). Um investimento em abraçar as imagens da “força de um temporal”, sentir seus ventos que sufocam e seu “barulho infernal”, imagens reveladas na escuta

³ Como estratégias sensíveis, Sodré (2016) considera como “jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem” (SODRÉ, 2016, p. 10). O termo é inaugurado para responder à pergunta “quem é, para mim, este outro com que eu falo e vice-versa?”, vista pelo autor como uma interrogação que não pode ser respondida totalmente pelo pensamento racionalista, atrelado ao sentido.

de *As forças da natureza*, por exemplo. O saber constituído pela canção e pelo sentido de suas letras transcende a representação linguística. Soma-se a ela o afetivo, aproxima-se o inteligível da emoção.

Sentindo os afetos na canção, nosso corpo estende a escuta ao espírito. O pensamento é acionado pelo sentir, aproximando-nos de uma experiência de sentido sobre a canção. Apreendendo as manifestações sensíveis, criamos um vínculo com a cantora, sendo possível o diálogo a partir de múltiplas vozes. A força das águas, dos ventos, das flores, da mata, das pragas, ervas-daninhas e das armas são vivenciadas. Uma ordem estética que decifra o afetivo da linguagem é ativada, trabalho “feito de falas, gestos, ritmos, ritos, movidos por uma lógica afetiva em que circulam estados oníricos, emoções e sentimentos”, nos termos de Sodré (2016, p.46).

Construímos, assim, paisagens simpáticas e antipáticas, sob a batida do pandeiro como em uma trilha sonora de filme. Sobrevoamos, no formato de um sonho, o Éden, um passado perdido e um futuro possível. Ainda que pela tragédia de uma contemporaneidade em ruínas, a emoção nos atrai para as figuras mobilizadoras. A eloquência da voz de Clara Nunes na interpretação da canção exprime a paixão argumentativa. Podemos, de tal modo, afiançar que uma outra posição analítica não seria possível sem considerarmos a ordem sensível. A proposta de Sodré (2016) para uma nova epistemologia da comunicação que propõe o conhecimento compreensivo, sob o título de “Teoria Compreensiva da Comunicação”, indica uma trilha conveniente para circundar a singularidade dos fenômenos, visando envolver as expressões sensíveis e o comum, como “sintonia sensível das singularidades, capaz de produzir uma similitude harmonizadora do diverso” (SODRÉ, 2016, p.69). Um pensamento teórico é capaz de iluminar hipóteses sobre as mudanças identitárias e políticas, utilizando o afeto como mecanismo de compreensão. Como diz o autor:

A compreensão opera buscando as irregularidades linguísticas da produção de sentido não apenas em seus aspectos empíricos e positivos, transformáveis em juízos argumentativos, mas também naqueles de caráter subjetivo e afetivo (apreensíveis por juízos reflexivos, de apreciação e avaliação) que, em inúmeros casos, precedem o discurso e o sentido (SODRÉ, 2016, p.70).

Notemos que o pensamento de Sodré se vincula àquilo que apresentaremos na análise do discurso digital, de Marie-Anne Paveau (2014-15), na medida em que propõem uma mudança de perspectiva para compreender as narrativas contemporâneas. Sodré (2016) critica os paradigmas que veem a comunicação como uma transferência de informações, sem se aterem às dimensões sensíveis da vivência. A alternativa, para o autor, está distante de pensar a

sociedade sob o fundamento da razão, que “termina sempre por ratificar uma suposta ‘natureza’ economicista e bélica do homem” (SODRÉ, 2016, p. 66), emerge-se, assim, a ideia do “ser comum”, situado no afeto, no sensível como fundamento do agir ético.

As armas desaparecem “nas cinzas de um carnaval”, como diz Clara Nunes. Pelo viés da comunicação sensível em Sodré (2016), não há sentido o binarismo que separa razão/afeto. Inteligível e sensível, pensar e agir estariam, assim, conectados. Conteúdo e forma juntos, de forma simultânea, vistos assim também por Paveau (2014-15) como ideal para realizar uma análise discursiva no espaço digital. Assim como Butler (2003) também propõe um pensamento não-binarista a respeito dos gêneros, bem como Mies e Shiva (1993) e Capra (2006) a respeito do meio ambiente. Parece, ao nosso ver, ser um modelo proficuo para essa pesquisa.

Além das teorias da análise do discurso, utilizamos, igualmente, as da comunicação, do feminismo e do ambientalismo em nossa investigação. Vimos, assim, como melhor forma para entender todas as dimensões das narrativas digitais de mulheres ambientalistas brasileiras no Facebook. Nosso objetivo foi o de cruzar diversas trajetórias de pesquisa a fim de melhor empreender a análise do *corpus*.

1.1 ÉTICA E ESTÉTICA: POLÍTICA DE COEXISTÊNCIA NO DISCURSO DIGITAL

“Não sei se estou vivo...

Estou morto.

Um vento morno que sou eu

Faz auras pernambucanas.

Rola rola sob as nuvens

O aroma das mangas.

Se escutam grilos,

Cricrido contínuo

Saindo dos vidros.

Eu me inundo de vossas riquezas!

Não sou mais eu!

Que indiferença enorme...”.

Mário de Andrade

Quão intensamente é difícil uma coleta de mangas, quando a mangueira possui uma imensidão de galhos juntos ou tortos? Uma copa que não permite a subida, uma altura que não permite nos entregarmos à escalada? Ou quando ela está recheada de fungos que não permitem a colheita? Nosso sentimento a respeito da observação e do arquivamento no Facebook é similar a uma colheita difícil. Frutos de publicações complexas de serem coletadas, devido à plataforma que não permite a coleta por *softwares* especializados. Nossa escalada em prol dessa colheita se iniciou em 2016 e a limitação do *site* não permitiu que coletássemos todas as publicações que imaginávamos. Inúmeras experiências foram realizadas, indicando uma quantidade enorme de narrativas que dificultariam a análise a partir do nosso foco de pesquisa. Nossa alternativa, em um primeiro momento, foi sentir o “aroma das mangas”, como sugere Mário de Andrade no poema. Baseamo-nos em Paveau (2014-15), que propõe observar a materialidade digital *online*, ou seja, a forma como ela é apresentada, com atenção ao ambiente em que se encontra. Tal perspectiva é defendida por sua metodologia de análise do discurso digital, propondo a coleta e a análise de dados, paralelamente. Mesmo que abordemos aqui os dois processos de forma isolada, eles são, na prática, entrelaçados, sendo os *posts* e comentários analisados enquanto os coletamos/observamos. Nessa fase de observação, sentimos os aromas e escutamos os ecos e vivências das quatorze mulheres.

Em um segundo momento, encontramos na etnografia de mídias sociais, ou netnografia, uma alternativa para a problemática da coleta, a fim de localizar uma metodologia consistente para essa ação final que visa o registro dos dados para a escrita da tese. Fato que nos causou certa frustração, pois poderíamos trabalhar com a observação, analisando todas as dimensões do discurso. Contudo, diante da necessidade de arquivamento e justificação dos métodos de coleta de dados (que inclusive preferimos denominar somente de narrativas, evitando um posicionamento binarista), os frutos da árvore foram colhidos e ofertados nesta tese.

Escolhemos, desde o início da pesquisa, coletar narrativas de dois meses que possuíam datas comemorativas ligadas às mulheres (março/2017) e ao meio ambiente (junho/2017), bem como de um mês comum (janeiro/2017), a fim de obter uma ampla compreensão das narrativas ambientalistas em diferentes épocas do ano. Iniciamos uma tentativa de pré-coleta em março de 2017 no perfil de uma ambientalista e obtivemos uma enorme quantidade de dados: mais de

200 *posts* publicados em um único mês. Por isso, dividimos o *corpus* em dois tipos: “*corpus* central” e “*corpus* periférico”.

O *corpus* periférico, construído primeiro, é composto por relatórios de observação de *posts* nos perfis das quatorze mulheres ambientalistas entre março e agosto de 2017. Essa fase está ligada à descrição que fizemos do trabalho proposto por Paveau (2014-15), bem como da etnografia em mídias sociais, como veremos adiante. Apesar de nosso trabalho centrar-se em *posts* ambientalistas, consideramos para esse *corpus* todos os tipos de *posts* publicados no momento da observação, como também comentários, o que nos possibilitou acompanhar os entrelaçamentos temáticos e discursivos nos perfis dessas mulheres, bem como os múltiplos ativismos. Avaliamos os *posts* e comentários, no entanto, escolhemos analisar detalhadamente só uma quantidade denominada *corpus* central. O *corpus* central foi construído pelos *posts* ambientais encontrados nos três meses selecionados, sendo os que mais atendiam aos nossos objetivos de pesquisa. Inspiramo-nos na etnografia em mídias sociais (FIGURA 4) para a formação do *corpus* periférico e do *corpus* central, apresentado por Zanini (2016), que aponta a metodologia como “[...] uma forma de nos aproximarmos da realidade que nos propomos estudar e entender”, nas palavras de Zanini (2016, p.171). A autora ainda afirma que:

A Etnografia surge como uma metodologia das ciências sociais para estudo do comportamento humano e da cultura de **grupos específicos dentro da sociedade** – seus códigos culturais e suas percepções, sua comunicação, entre outros. E a Etnografia Digital é justamente para isso: entender o comportamento humano e cultural (junto com seus códigos culturais e simbologias) de grupos específicos dentro de um ambiente digital. A Etnografia nos ajuda e ensina como ir a campo estudar estas questões comportamentais e culturais. (ZANINI, 2016, p.171)

Apropriando-nos da metodologia etnográfica digital, utilizamos a observação como método. Escolhemos o formato de observação não-participante, que propõe entrar em contato com o grupo estudado sem integrá-lo. Tal observação foi dividida em três etapas: descritiva, focalizada e seletiva (FIGURA 4). Procuramos dividir a observação, como é sugerida pelo método etnográfico, para conseguir compreender a totalidade do discurso das ambientalistas, apreendendo o contexto, suas performances, as transformações durante o tempo de análise e os possíveis atravessamentos.

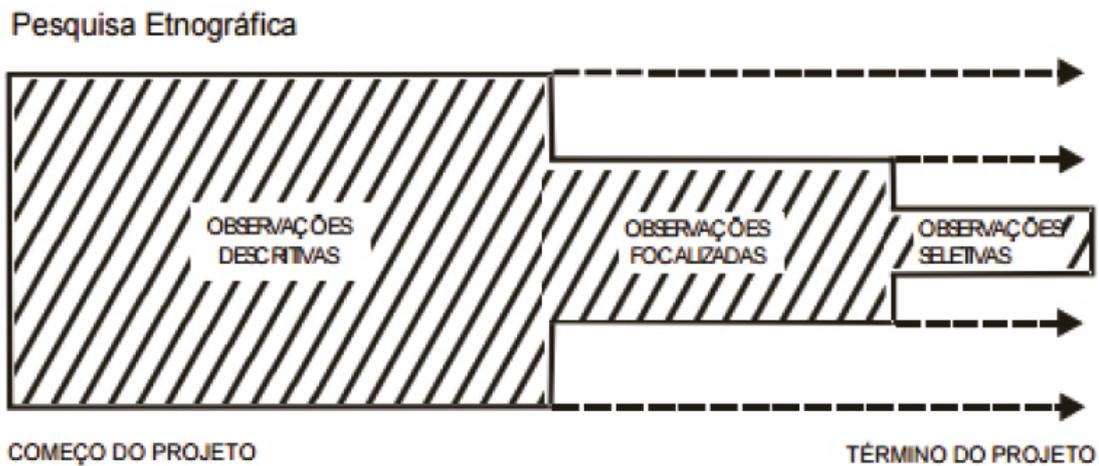


FIGURA 4 – Fluxograma proposto para a pesquisa etnográfica
 Fonte: Zanini (2016, p. 180)

A primeira (descritiva) e a segunda (focalizada) fases de observação serão destinadas à construção do *corpus* periférico. Nessas fases, observaremos o que as ambientalistas fazem de fato em seu cotidiano. Já na focalizada, examinaremos somente os *posts* ambientalistas dos meses escolhidos (janeiro, março e junho de 2017). Em uma terceira fase de observação (seletiva) será construído o *corpus* central da pesquisa. Após a observação seletiva dos *posts* e comentários ambientalistas, realizamos um arquivamento dos dados que respondam aos nossos objetivos de estudo, em um número limitado, pelo procedimento de cópia (via recurso digital “copiar e colar”, *print screen*). É interessante ressaltar que, a fim de validar a confiabilidade e qualidade dos dados, o trabalho também indica a data e endereços *on-line* das informações coletadas.

Nosso foco, afinal, é compreender as formas de expressão ciberativista dessas mulheres no Facebook. Para a análise das narrativas coletadas, consideramos a apropriação do site pelas ambientalistas, para ecoarem suas falas. Elas são vistas por nós como protagonistas na defesa do meio ambiente em seus perfis virtuais, onde expõem suas vozes e vivências, tecendo narrativas ciberativistas que instigam uma legitimação de si e de suas causas. Vozes marcadas por opiniões e sentimentos, que revelam suas filiações ativistas e suas estratégias para se fazerem ouvidas e que refletem a dimensão ética da narrativa. Vivências que revelam seus modos de vida, o lugar onde praticam seu ambientalismo, além de uma construção de si, a partir de um autorretrato, identidades trabalhadas e suas histórias, refletem uma dimensão estética da narrativa ativista. Ao nos utilizarmos dos termos ética e estética, estamos nos fundamentando em Sodré (2016), cuja teoria já versamos a respeito no início deste capítulo. Conectadas, as

dimensões ética e estética organizam nosso pensamento analítico, destinando demais categorias de análise interligadas a essas estruturas, conforme a FIGURA 5.

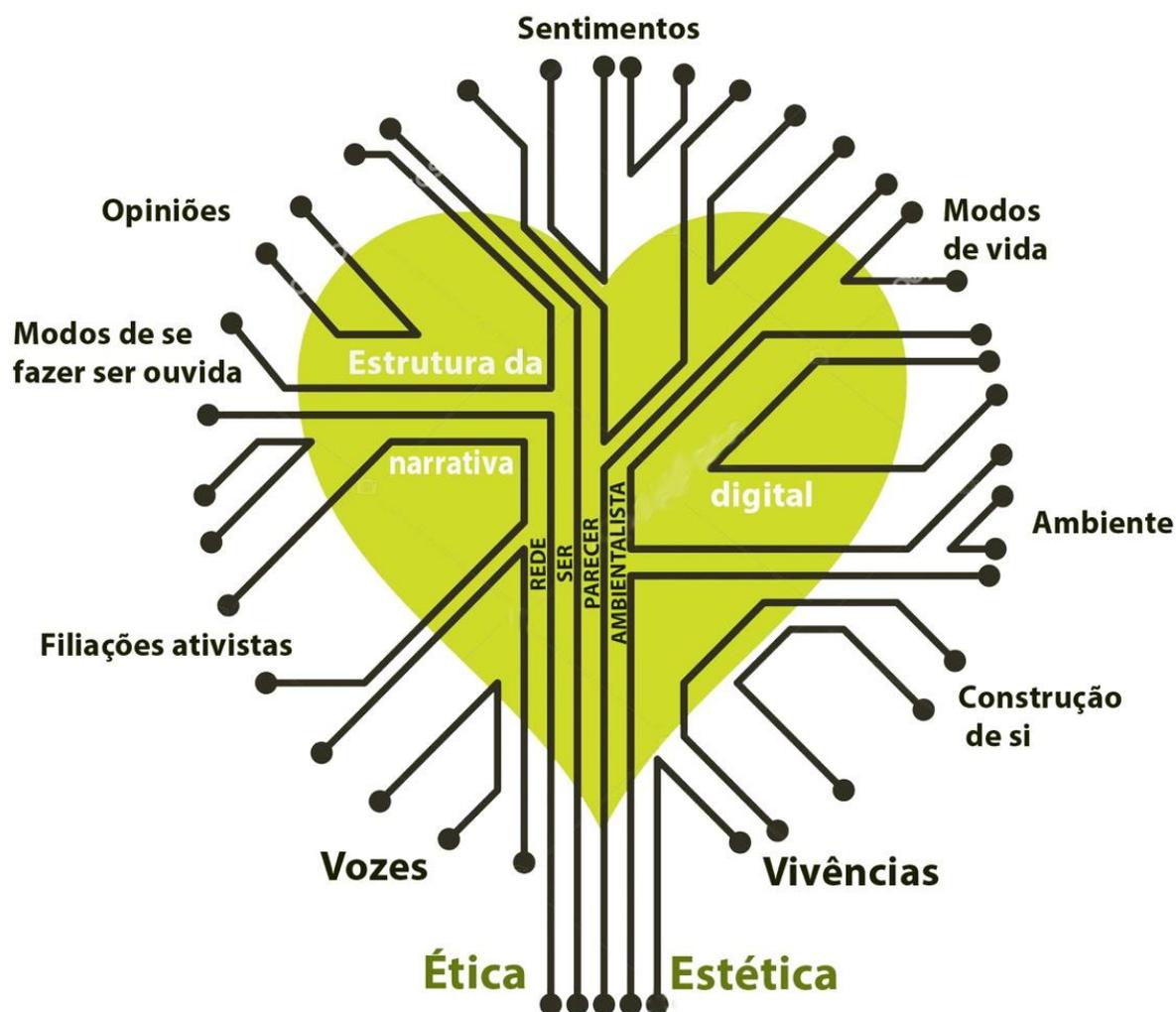


FIGURA 5 – Árvore-fluxograma proposta para a análise das narrativas ambientalistas no Facebook.
Fonte: Elaborado pela autora.

A proposta acima com as categorias para análise das narrativas no Facebook de mulheres ambientalistas foi concretizada após todas as etapas descritas de coleta e análise. As vivências, o ambiente em que vivem, os modos de vida e a construção/exaltação de si (autorretrato, identidades e história) são frutos da dimensão estética, bem como consideramos as vozes, as filiações ativistas, os modos de se fazer ser ouvida, as opiniões compartilhadas no

Facebook como frutos da dimensão ética. A categoria “sentimentos” é um limítrofe entre ética e estética, pois é ela que estrutura a união entre as dimensões.

Compreendemos ainda em nossa investigação a estrutura de uma narrativa digital no Facebook, apontando as limitações propostas pela plataforma, os modos de publicação (público ou limitado a amigos), bem como o uso de *hashtags* e o compartilhamento de *links* ou *posts* autorais como estratégias discursivas.

Voltando à questão das dimensões éticas e estéticas, ressaltamos que elas estão interligadas, de forma não-binária, como raízes de uma árvore que sugam elementos para seu crescimento, atuando em conjunto. As raízes dão sustento ao desenvolvimento da planta, contribuindo para a prosperidade de seus galhos, folhas e frutos. Galhos e folhas como metáforas de parte da estrutura narrativa, que envolve o espaço digital do Facebook – a árvore, que dá suporte às narrativas ambientalistas - os frutos. Sobre a proposição ética classificamos, de acordo com Sodré (2016), todos os indícios que formatam o pensamento crítico-reflexivo das ambientalistas, sendo assim pertencentes a esse conjunto a representação, o ordenamento linguístico, os traços e atravessamentos discursivos (opções políticas e os aspectos históricos, culturais e sociais relacionados à vida da mulher e às causas defendidas), que produzem o sentido. Na estética, apreciamos a materialidade sensível que precede o linguístico, o afeto, o modo existencial e dialógico, as impressões de sentido junto ao sujeito, compreendendo, assim, imagens, formas, aparências e ritmos da fala, bem como as estratégias sensíveis da experiência vivida (SODRÉ, 2016).

Em uma ligação de raízes, as dimensões ética e estética constroem, assim, o tronco que gera a narrativa. No interior do tronco, estão ainda os mecanismos de formação de redes ativistas no Facebook entre as ambientalistas e os intuitos de ser ou parecer das ambientalistas. Camadas interiores que fazem parte do organismo Facebook e que são apreciadas em nossas análises.

1.1.1 O ecossistema Facebook

A árvore, o Facebook, com seus inúmeros galhos, por vezes tortos, por vezes contaminados, foi apreendida para nossa colheita. Durante nossa escalada, alguns desses galhos foram encontrados pelo caminho. Parte enorme da floresta midiática, o Facebook é um site de rede social difuso, apropriado pelas mulheres ambientalistas para realizarem suas divulgações, de si e de suas causas. Nessa paisagem, elas enfrentam possibilidades e dificuldades.

Em estudo anterior (NOGUEIRA, 2015), dialogamos com os teóricos que versam sobre as redes sociais digitais e o Facebook, abordando a composição de uma esfera pública midiaticizada, bem como a formação de esferas públicas virtuais nesse meio. Revisitando as questões apresentadas, enfatizamos que, contemporaneamente, a esfera pública é composta por uma interface relevante com as mídias, com trocas argumentativas e debates mediados pelos meios de comunicação. Para exercerem o ativismo, as ambientalistas deveriam, portanto, apropriar-se desses meios para promover as redes de comunicação fundamentais para a divulgação de suas causas, realizando trocas discursivas e argumentativas necessárias para engajarem outros seres em prol da defesa do meio ambiente. Ações estratégicas que podem ser impulsionadas pela facilidade de justificação da causa ambiental no espaço público, bem como pela carga persuasiva e participativa das questões que o movimento pauta (MIGUEL, 2011).

Com mais de dois bilhões de usuários em todo o mundo, o Facebook se posiciona como principal mídia de divulgação da atualidade. Mesmo com as campanhas que incentivam a exclusão de contas, como a #DeleteFacebook do início de 2018, o site continua aumentando o número de usuários e sua arrecadação financeira. Seu caráter permanece mais livre do que de outros *sites* de internet, pois ainda permite a produção e divulgação de materiais pessoais e institucionais por qualquer pessoa que se cadastre na rede social, bem como outras redes como Twitter e Instagram o fazem, porém nenhuma delas cobre os números recordes do Facebook. Nesse ambiente, novos discursos são construídos por inúmeros usuários, com diversos posicionamentos; que antes circulavam somente na esfera privada de suas vidas e que, agora, tomam formas virtuais em esferas públicas digitais de exposição constante (VAN DJICK, 2012). Em um site que se apresenta como as mídias tradicionais, visando ao comércio, à institucionalização de processos, vulnerável ao controle e influência da censura governamental, o que confirma a impossibilidade de se falar do surgimento de uma nova esfera pública, mas sim de um novo canal de publicidade, sociabilidade e exposição de perfis privados.

O papel do Facebook seria, assim, oferecer um lugar de exposição de sujeitos e subjetividades. Nesse espaço biográfico, diversos tons das histórias de vida e da intimidade ganham as esferas públicas, instigando uma pluralidade de vozes, incluindo as marginalizadas, oferecendo a elas “[...] um lugar de denúncia pautada na trajetória individual de vida autobiograficamente elaborada e capaz de comover o outro por substituir uma argumentação racionalmente construída pelo testemunho de uma trajetória de privações” (LYSARDO-DIAS, 2016, p. 992). Na internet, as ambientalistas têm maiores possibilidades para exporem suas identidades coletivas. O Facebook ainda é mais propício para a construção, a manutenção e a

exibição dessa identidade ambientalista. As ativistas podem desenvolver o papel que desejarem por meio de seus “perfis”⁴, em um ambiente digital, virtual, particular e autônomo. Nos perfis do Facebook são evidentes as possibilidades de autorepresentação e a disseminação de enunciados diversos. Nesses espaços em que a esfera privada da vida dos usuários é exposta, há uma complexa mistura entre o privado e o público, que ocorre quando o sujeito compartilha seu conteúdo performatizado na rede e o torna visível para outros usuários, criando um tipo de “extimidade”, como veremos posteriormente.

Os enunciados digitais podem ser construídos por qualquer um, que pode ser visto, lido ou ouvido. Os sujeitos virtuais têm a possibilidade de exibir suas encenações virtuais que se colocam a serviço da construção da própria imagem. Produtores e usuários das mídias digitais se confundem, em um processo denominado *produsage*⁵, tornando-se um *producer*, construindo informações constantemente sobre qualquer assunto, sob o discurso “agora qualquer um pode”, criando eus diversos e personalidades visíveis. É o que diz Sibilia (2008, p.233-234):

Pois graças a esse poderoso arsenal que hoje está à disposição de praticamente qualquer um, de fato agora você também pode criar livremente aquilo que seria a sua principal obra. Isto é: a sua personalidade, que deve consistir em um modo peculiar de ser, impregnado com vestígios do antigo estilo artístico de ares românticos, mesmo que as belas artes da era burguesa tenham pouca relação com estas práticas. Mas se é isso o que se constrói e se cultiva com esmero nesses espaços da internet saturados de eu, o que seria mesmo uma personalidade? Existem várias definições possíveis para esse termo tão rico em conotações. Neste contexto, porém, a personalidade é sobretudo algo que se vê: uma subjetividade visível, uma forma de ser que se cinzela para ser mostrada.

PAVEAU (2014-15) denomina “identidade digital” essa construção de imagem realizada pelo enunciador digital. Segundo a autora, tal identidade “é o conjunto de dados pessoais na *web*, ou seja, o que fazemos, dizemos, compartilharmos, sentimos (amor, ódio, busca, etc.). São todos os nossos passos digitais, marcas de nossa presença *on-line*”⁶ (PAVEAU, 2014-15, p.10-

⁴ Segundo o Facebook: “O perfil é um conjunto de fotos, histórias e experiências”, que contam a história de um usuário do site. Disponível em: <https://goo.gl/QBH3Z1>

⁵ Segundo Paveau em seu dicionário virtual da análise do discurso digital (Disponível em: <https://goo.gl/B6pW2u>): “Produsage é um termo em inglês proposto por Axel Bruns, vindo da junção das palavras produção e usar (Brown 2008). O produsage revela que em uma comunidade colaborativa *on-line*, a linha entre o produtor e o conteúdo do usuário desaparece: o usuário combina as duas funções e torna-se um agente híbrido ‘producer’. O produsage permite a invenção de novos usos, juntamente com uma melhoria contínua do conteúdo existente, a partir das *affordances* técnicas da Web”.

⁶ Tradução nossa para: “L’identité numérique est l’ensemble des données personnelles que nous déposons ou laissons à notre insu sur le Web, c’est-à-dire ce que nous faisons, disons, partageons, ressentons, aimons, détestons, recherchons, etc. C’est l’ensemble de nos traces numériques, des marques de notre présence en ligne”.

11). Podemos considerá-la, assim, rastros de uma presença digital, indicando a fabricação de uma imagem de si no espaço virtual. Algo apontado, anteriormente, por Arfuch (2010) como parte de uma obsessão autobiográfica, comum desde meados dos anos 1990 e que ganhou amplitude com o crescimento do universo *on-line*.

Contudo, ao utilizarem o site como aliado na divulgação ambientalista, elas também enfrentam as restrições de publicação impostas por sua configuração maquínica. Adaptar-se ao ambiente do Facebook envolve, assim, um investimento em estratégias, como as sensíveis (SODRÉ, 2016), para ampliar a circulação de seus discursos. Uma estrutura da narrativa digital deve considerar, as limitações da ferramenta, os recursos interativos utilizados e os modos de publicação no site. Modos de construir uma rede de solidariedade e conexões, bem como de ser e parecer. A limitação que restringe a visualização de publicações faz o Facebook se tornar, cada vez mais, uma plataforma com considerável “engenharia da sociabilidade” (VAN DIJCK, 2012), que ativa impulsos relacionais via uma tecnologia própria do *site* que promove a geração de códigos algorítmicos configurados para calcular a popularidade, atenção e conectividade das relações. Uma configuração maquínica que transforma a esfera privada, provocando alterações a partir de seu uso, onde “a cena simboliza a esfera social em transformação, esfera essa que prospera com a troca de gostos, sentimentos e preferências”, de acordo com Van Dijck (2012, p. 162)⁷.

Como um espaço que reproduz as normas de interação e comportamento da sociedade *off-line*, o Facebook produz novas formas de sociabilidade e altera as regras de privacidade da esfera privada, colaborando para uma transparência que se torna mais manipulável e controlável pelas instituições governamentais e privadas. Segundo Van Dijck (2012, p. 168), “enquanto muitas pessoas consideram as mídias sociais como uma tradução técnica da sociabilidade humana, a sociabilidade é mais uma construção projetada do que um resultado da interação social humana”⁸. A metáfora maquínica utilizada por Van Dijck para representar a forma como o Facebook atua, parece ser ideal para esse *site* que constantemente promove atualizações limitadoras aos usuários. A tal liberdade de expressão no site, apontada como uma possibilidade atual e altamente publicizada pelo seu fundador e *CEO*, Mark Zuckerberg (quarto homem mais rico do mundo, em 2020), se vê, fadada à censura. Os frutos da imensa árvore de conexões e

⁷ Tradução nossa para: “The scene epitomizes a transforming social realm, a realm that thrives on the exchange of tastes, feelings, and preferences.”

⁸ Tradução nossa para: “While many people consider social media to be technical translation of human sociality, sociality is rather an engineered construct than a result of human social interaction.”

informação recebem a toxicidade de agentes que definem seu formato, acinzentam suas cores, e tendem a envenenar seu aroma e sabor. Os algoritmos são esses limitadores.

Sob o discurso da “otimização”, esses agentes nos vigiam e calculam racionalmente cada desenvolvimento das redes. A maior fonte de informações atual é também a mais vigiada. Não pensaríamos que seria diferente da conformação de produtos midiáticos da modernidade. O Facebook é uma empresa privada, age em prol dos interesses econômicos e possui acordos de espionagem com o governo norte-americano, como foi revelado por Edward Snowden⁹. Em 2018, Zuckerberg compareceu ao congresso americano para discursar sobre o vazamento de dados de 87 milhões de usuários. Ao ser perguntado sobre espionagem, admite que foi um erro o vazamento, indicando que houve uma falta de controle do site que resultou na utilização das informações vazadas por outras empresas com interesses comerciais e políticos (como a campanha que elegeu Donald Trump). O objetivo de Zuckerberg para 2018 era “adotar inúmeras medidas para conceber e aplicar novas ferramentas de inteligência artificial para derrubar notícias falsas, aumentar a nossa equipe de segurança para mais de 20 mil pessoas [...] para assegurar que esse tipo de interferência que os russos fizeram em 2016 será muito difícil de ser levada a cabo no futuro.”¹⁰ No entanto, o Facebook e outras plataformas regidas por seu CEO, seguem sendo utilizadas para negócios escusos, como a propagação de *fake news*.

Distopia das redes. Algo previsto por George Orwell (2009). Um controle total da corporeidade está ao alcance das instituições. Nesse *big brother* digital, sabemos tudo sobre nosso vizinho, sobre os gostos e preferências políticas de um futuro pretendente, bloqueamos, desfazemos vínculos e destilamos amor e ódio nas redes. Não há sentido na viagem de férias sem a divulgação de fotos e mensagens. Somos funcionários de uma empresa gigante que faturou cerca de 21 bilhões de dólares em 2020. Cada vez mais, recursos de interação são lançados pelo Facebook para facilitar nossa expressão e conexão com “amigos”. Além disso, o site trabalha com nossos impulsos psicológicos mais profundos, a partir da análise de perfis realizada pelo site.

Parece assustador se olharmos mais afundo, mas diante do brilho da tela, passa despercebida a ruína da dependência. O fascínio, mecanismo pelo qual o capitalismo seduz é provocado pelo caráter totalizante das ferramentas. O indivíduo que se pensa livre, não percebe a sujeição. Um culto de adoração permanente próprio do capitalismo. Evento que se repete, de

⁹ Snowden revelou em 2013 o projeto PRISM que conta com a colaboração para espionagem de empresas de telefonia e internet, como o Facebook. Mais na notícia: <https://bit.ly/2nRQWQa>

¹⁰Disponível em: <https://bit.ly/20O3wey>

formas diferentes e bem sucedidas, promovem o engajamento subjetivo, que Benjamin já revelava em suas angústias na virada do século XIX para o século XX e que Orwell advertia na obra *1984* sobre a automatização e o controle das vidas, apresentam-se de contornos sutis no Facebook. Diante de galhos contaminados e tortos, o tronco de uma árvore que apresenta mais camadas do que podemos conhecer.

Como mídia de ampla visibilidade, o Facebook reproduz a materialidade dos fenômenos, portador de sentido, presença e conteúdo tecnológico, segue a “forma de codificação hegemônica” (SODRÉ, 2016, p.17). Nesse contexto, o meio de comunicação possui uma forma tecnológica que equivale ao seu conteúdo, não se portando mais como mero transmissor de conteúdos. Parte de um ordenamento próprio da mídia contemporânea, o mundo sensível criado pelo site é repleto de signos sensoriais, abarcando uma onipresença das redes, notado por Benjamin e Orwell. Representação de uma mídia que diz: “Eu estou aqui, eu sou eu e eu sou você” (SODRÉ, 2016, p.20) e o usuário que responde: “Não sei se estou vivo...Estou morto”, consoante poema de Mário de Andrade. Uma cultura que se define pela conexão, menos pelo contato, que é forma perceptiva e afetiva de conhecimento, segundo Sodré.

Nos perguntamos: como esse cenário desolador favorecerá a legitimação e visibilidade das causas ambientais? Nesse círculo sem saída de ruínas, caberia a nós, usuários das redes do site, implantarmos sementes contra-hegêmicas? As ambientalistas se engajam fazem isso e analisaremos as formas dessa expressão ciberativista no tópico seguinte, apresentando as bases para uma análise discursiva no Facebook.

1.2 VOZES E VIVÊNCIAS: FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

protesto → proteste → poeta →

poético → poeta

poesia

Amanda Lovelace

Avaliamos neste trabalho a constituição dos frutos/expressões ambientalistas no Facebook. Para isso, utilizamos bases da análise do discurso, em contato com outras teorias, para atender a nosso objetivo de compreender as manifestações digitais de mulheres ambientalistas. Convocamos Charaudeau (2012) para entendermos a constituição da narrativa.

O autor explica que a narrativa é composta pela ação de narrar, que é definida como “expor minuciosamente” algo que se quer relatar. As narrativas são “uma totalidade” (CHARAUDEAU, 2012, p. 156), que engloba diversos componentes a fim de “corresponder à finalidade do ‘que é contar?’”. Dentre os componentes da narrativa está o Modo de Organização Narrativo, utilizado para nortear as análises do discurso narrado e realçar as particularidades do objeto estudado. Charaudeau (2012, p.157) diz que um sujeito que narra utiliza o modo narrativo para organizar “o mundo de maneira sucessiva e contínua, numa lógica cuja coerência é marcada pelo próprio fechamento (princípio/fim)”. É o que notamos, primariamente, nos *posts* publicados pelas ambientalistas no Facebook.

No Facebook, as ativistas procuram contar, de forma contínua e sucessiva, sua realidade particular, por meio de *posts* ou do que Charaudeau (2012, p.156) classifica como “narrativas de forma breve”, que se compõe por “fragmentos de vida” e “se nutrem de pedaços de ser”. Os sujeitos que narram desenvolvem um universo de representações de suas ações por meio de narrativas que visam predominantemente “fazer crer no verdadeiro” (CHARAUDEAU, 2004, p.154), atuando discursivamente como testemunhas do que narram. Fazer crer é considerado uma “visada discursiva” utilizada pelas enunciatóricas para conquistar efeitos visados nos seus interlocutores. Segundo Charaudeau (2004, *on-line*), “as visadas correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte, da própria troca linguageira”. As visadas definem, portanto, o caminho que a enunciação seguirá a partir do discurso enunciado pelo enunciador. Charaudeau (2004, *on-line*) aponta as principais visadas existentes:

- a visada de “prescrição”: *eu* quer “mandar fazer” (*faire faire*), e ele tem autoridade de poder sancionar; *tu* se encontra, então, em posição de “dever fazer”.
- a visada de “solicitação”: *eu* quer “saber”, e ele está, então, em posição de inferioridade de saber diante do *tu* mas legitimado em sua demanda; *tu* está em posição de “dever responder” à solicitação.
- a visada de “incitação”: *eu* quer “mandar fazer” (*faire faire*), mas, não estando em posição de autoridade, não pode senão incitar a fazer ; ele deve, então “fazer acreditar” (por persuasão ou sedução) ao *tu* que ele será o beneficiário de seu próprio ato ; *tu* está, então, em posição de “dever acreditar” que se ele age, é para o seu bem.
- a visada de “informação”: *eu* quer “fazer saber”, e ele está legitimado em sua posição de saber; *tu* se encontra na posição de “dever saber” alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porque ou o como de seu surgimento.
- a visada de “instrução”: *eu* quer “fazer saber-fazer”, e ele se encontra ao mesmo tempo em posição de autoridade de saber e de legitimação para transmitir o saber; *tu* está em posição de “dever saber fazer” segundo um modelo (ou modo de emprego) que é proposto por *eu*.
- a visada de “demonstração”: *eu* quer “estabelecer a verdade e mostrar as provas” segundo uma certa posição de autoridade de saber (cientista, especialista, expert); *tu* está em posição de ter que receber e “ter que avaliar” uma verdade e, então, ter a capacidade de fazê-lo.

As visadas são consideradas, assim, as atitudes enunciativas orientadas pela finalidade do ato de linguagem que encontramos em um *corpus* de estudo. Elas são definidas, conforme Charaudeau (2004, *on-line*), por um duplo critério ancorado na finalidade: a intenção de um sujeito que o liga a outro e a posição que esse outro deve ocupar segundo as intenções. Em uma situação de comunicação, podemos encontrar uma ou várias visadas, sendo que uma pode ser dominante.

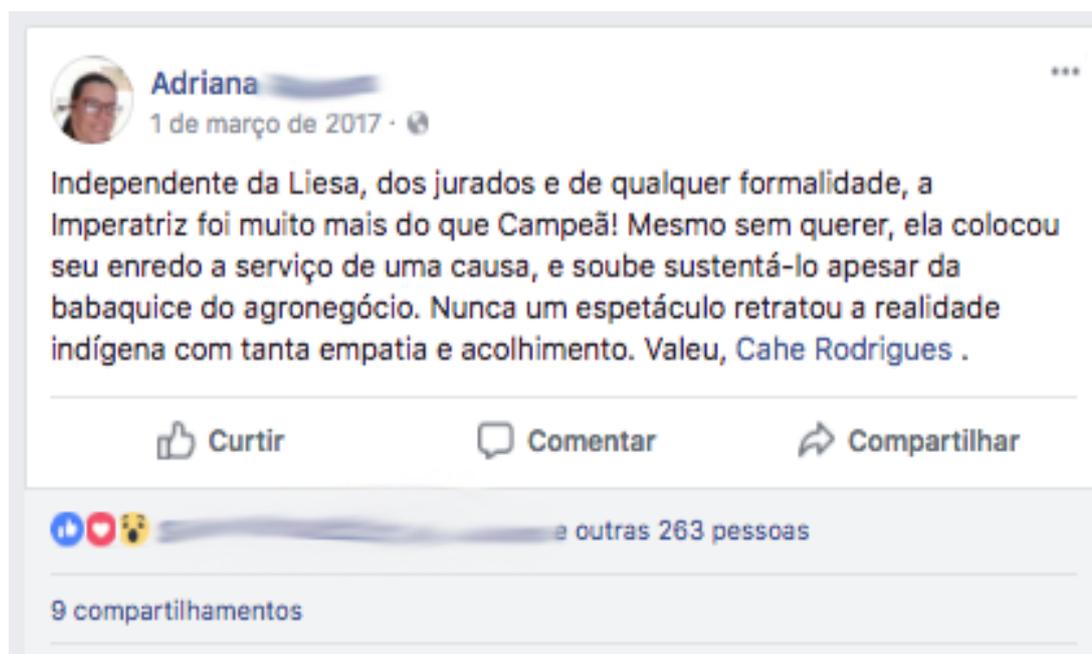


FIGURA 6 – *Post* de Adriana do dia 1/3/2017
Fonte: www.facebook.com

No *post* acima (FIGURA 6) podemos inferir que as visadas presentes são: a visada de incitação, ou “fazer acreditar”, que procura captar a atenção dos interlocutores a partir de um discurso atraente da ambientalista, bem como a visada de demonstração, visto que a ambientalista possui uma autoridade de especialista no assunto ambiental e, portanto, está em uma posição de “estabelecer a verdade e mostrar as provas”, fazendo com que o interlocutor avalie a verdade estabelecida. Sua voz é revelada pelos dizeres escritos no interior do *post*, marcada por opiniões e sentimentos, próprios de uma estratégia sensível, acompanhados das expressões adjetivas “muito mais”, “mesmo sem querer”, “soube sustentá-lo”, “apesar de”, “nunca um” e “com tanta”. Traços que marcam sua posição com relação ao assunto abordado.

Adriana expressa sua opinião, denuncia, provoca e sustenta uma polêmica ao publicar que “(...) ela colocou seu enredo a serviço de uma causa, e soube sustentá-lo apesar da

babaquice do agronegócio”, a respeito da apresentação da escola de samba Imperatriz Leopoldinense (durante o carnaval de 2017) que homenageou o Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso, apresentando uma crítica ao agronegócio¹¹. Exaltando a escola de samba por proporcionar uma reflexão sobre a causa indígena, que Adriana possui afinidade como ambientalista, posicionando-se claramente contra o agronegócio. A ambientalista, assim como outros ativistas ambientais, apresenta o setor como um dos “vilões” da preservação da natureza. Charaudeau (2009) diz que o jogo enunciativo que utiliza a polêmica quer influenciar o interlocutor pelo questionamento de valores defendidos por ele ou por um outro. Segundo o autor, “trata-se de ‘destruir um adversário’ questionando suas ideias, e, até mesmo, sua pessoa” (CHARAUDEAU, 2009, *on-line*). Na tentativa de influenciar e sensibilizar através da polêmica os leitores de suas publicações, Adriana também pode informar ao leitor de suas redes ou de outras (pois o *post* está em “modo público”), e ainda alcançar outras redes a partir do compartilhamento de amigos de suas redes.

Ao utilizar a visada demonstrativa, Adriana confere a si um *ethos* de especialista no assunto, legitimada, então, a falar sobre o tema e a convocar seguidores para tal. Tal *ethos* também pode ser justificado pelo histórico dessas mulheres, carregado de características que podem lhe conferir certa noção de si como credível perante a esfera social. Conduzida por essa noção, Adriana investe, sem precisar apresentar referências, na identidade discursiva de especialista em seu *post* autoral que conquista grande interação dos amigos de suas redes sociais (notamos na FIGURA 6 que ela obteve curtidas e reações de 263 pessoas, bem como nove compartilhamentos, que denotam, superficialmente, um alto nível de participação). Ao comprovar seu próprio texto com outros argumentos apresentados nas reportagens compartilhadas, a ambientalista está documentada para defender uma causa, marcando uma parcialidade.

O *ethos* concede o sentido de existência ao sujeito, estabelece as diferenças e aproximações com a comunidade ambientalista (SODRÉ, 2016). Ainda marca as filiações ativistas de Adriana. Somos afetados por seu posicionamento. Em um contexto de destruição causado pelo agronegócio, o levante apaixonado da ambientalista permite que ela seja ouvida, ao menos por meio de suas redes. Em uma passagem curta, a imagem de uma esperança contra hegemônica vinda do carnaval é posta. A eloquência da voz, mesmo que não cantada como a

¹¹ Com o tema “Xingu, o clamor que vem da Floresta”, a Imperatriz Leopoldinense desagradou parte do setor do agronegócio por exibir uma crítica ao setor. Ver mais em: <https://goo.gl/y6mfZo>

de Clara Nunes, é estabelecida como fonte de confiança dos interlocutores. Uma estratégia de convencimento, segundo Sodré (2016), e fonte de afeto e razoabilidade, mobilizando emocionalmente o outro, ou o interlocutor, para a causa.

Ao observarmos a materialidade digital de forma empírica, sistemática e constitutiva, compreendendo os “ecossistemas” da internet, segundo sugere Paveau (2014-15), optamos pela escolha epistemológica do pós-dualismo¹². Assim, obtivemos uma visão situada, livre de julgamentos e da separação entre o sujeito e o objeto diante do *post* de Adriana e de todas as publicações analisadas. A análise, portanto, considera a historicidade, os valores culturais e as interações. Já o objeto foi visto como dinâmico, por possuir uma discursividade inerente ao contexto social, e o sujeito, também considerado intrínseco ao social, é visto como o ator que afeta e é afetado, concomitantemente.

Posto isso, Paveau ainda sugere que o trabalho na internet demanda competências visuais e cognitivas do analista, pois, segundo ela, há uma linguagem “plurisemiótica” na internet. A cor, por exemplo, é considerada como um fenômeno linguístico e parte do discurso, bem como os ícones, os códigos informacionais, as “tecnopalavras” e o “plano morfodiscursivo” em que o enunciado está inserido. Para Paveau (2014-15), as ferramentas tecnológicas são denominadas “agentes psíquicos” e *affordances*¹³. A autora considera que o objeto, o não-humano, atua no desenvolvimento da expressão dos enunciadores, que se apropriam desses objetos, mobilizando-os e sendo mobilizados por eles. As ferramentas tecnológicas são parte do discurso, responsáveis pelo “aumento enunciativo”. Sendo assim, a autora propõe que não somente a língua, como também os traços sociais, culturais, históricos e tecnológicos, como as *affordances*, são observáveis na análise da materialidade digital, formatando o que Paveau denomina “tecnologia discursiva”¹⁴.

Outra característica apontada como própria das narrativas no Facebook é a escrita “fragmentária” ou fragmentada, segundo Dias (2014-15). Tal escrita para Dias (2014-15) é, ao

¹² De acordo com sua proposição de “linguística simétrica”, Paveau indica que uma visão pós-dualista da materialidade analisada evita, segundo a autora, posicionamentos binaristas e considera que há um *continuum*, não uma ruptura entre materiais linguísticos e extralinguísticos. Dessa forma, caberá ao analista do discurso refletir sobre o conteúdo e a forma, simultaneamente, bem como pensar o enunciado como inseparável de seu contexto, como já indicamos no tópico inicial.

¹³ Termo em inglês criado por James Gibson e Don Norman e apropriado por Paveau (2014-15) para significar os modos de utilização que são inerentes em um objeto.

¹⁴ Investimos, portanto, em uma abordagem ecológica do *corpus*, que o permite analisá-lo empiricamente, considerando suas *affordances*, sua linguagem composta, plurisemiótica e impregnadas de técnicas. Cabe ao pesquisador, então, obter as habilidades extralinguísticas e tecnológicas, ingressando totalmente em um universo discursivo para aferir melhor os traços dos tecnodiscursos da *web*.

mesmo tempo, compartilhada, sem início, meio ou fim, como um diário ou notas de viagem. Um tipo de narrativa do meio digital que é comum nos perfis de sites de rede sociais, onde o código verbal engloba a alta velocidade de compartilhamento e a economia de palavras. Ao promover uma intimidade por meio de narrativas de vida no Facebook, o sujeito virtual se engaja em um processo descrito por Dias (2014-15) como “narratividade digital”. Nesse processo, o sujeito virtual revela sua vida em pequenos textos ou a partir de compartilhamentos, constituindo uma “escrita fragmentada” (DIAS, 2014-15). Similar ao que já acontecia na literatura, por exemplo, nas epigramas do poeta e dramaturgo Bertold Brecht reunidos em *ABC da Guerra*, uma série de textos curtos com fotografias recortadas da imprensa e colecionadas por Brecht durante o exílio (na Escandinávia e nos Estados Unidos). Como em um *post* de Facebook, o que vemos são imagens e fragmentos de suas observações a respeito da II Guerra Mundial.

Ao apresentar uma das características da narrativa no Facebook, Dias (2014-15) dialoga com os estudos de Paveau (2014-15) sobre as materialidades digitais. Paveau (2014-15) diz que os “discursos nativos da *web*”, ou “tecnodiscursos” em ambientes *on-line*, são “formas coconstitutivas de materiais tecnológicos e dispositivos comunicacionais” (PAVEAU, 2014-15, p.3)¹⁵, podendo se apresentar em um formato delinear, que possui uma linguagem clicável, permitindo ao leitor criar seu próprio repertório de sentido, o que atenua a dimensão relacional do discurso. Além da delinearização, Paveau (2014-15) aponta outras características do discurso digital: o aumento enunciativo, a tecnogenericidade e a plurisemiotização (uma convergência entre verbal e não-verbal).

Sobre a delinearização, Paveau (2014-15) comenta que é uma característica dos enunciados nativamente *on-line*, que podem se apresentar, por vezes, desserializados pelo que ela considera serem “tecnopalavras” (pseudônimos, *hashtags*), “tecnosignos” (botões como curtir, comentar, compartilhar) e *hiperlinks*. Já sobre o aumento enunciativo, Paveau (2014-15) qualifica como uma “voz composta” que é apresentada por enunciadores ao produzirem “tecnoescrituras” com outros oradores em espaços participativos. Há uma ampliação que pode estar relacionada às *affordances* do ambiente que o enunciador utiliza para se expressar. Por exemplo: um *post* no Facebook pode ser acrescido de discussões nos comentários, ampliando

¹⁵ Tradução livre do artigo original em francês, ainda sem tradução oficial em português: “(...) formes de discours sont co-constitutives des matières technologiques et des dispositifs communicationnels” (PAVEAU, 2014-15, p.3).

a enunciação e viabilizando uma “enunciação múltipla”, que é característica exclusiva desse tipo de ferramenta.

Uma terceira característica do discurso digital, segundo Paveau (2014-15) é a tecnogenericidade. A autora acredita que os ambientes tecnodiscursivos possibilitam o surgimento de novos gêneros do discurso (tecnogêneros), nativos da *web*, materialmente compostos e definidos por certos recursos tecnológicos. São exemplos de tecnogêneros: os pedidos de amizade do Facebook (um tipo de conversa) e o *post*. Por último, a autora aponta como característica a plurisemiotização. Para ela, o discurso digital é considerado plurisemiótico, pois seu sentido depende de uma série de materialidades, que se combinam, como, por exemplo, os textos, as imagens fixas e em movimento, e o som. A pluriosemiotização pode ser uma característica presente em todas as categorias apontadas acima. De acordo com Paveau (2014-15), a produção plurisemiótica é contextualizada em um ecossistema tecnodiscursivo, que pode ser, por exemplo o do Facebook. Tal ecossistema modifica totalmente o discurso social, pois produz certa discursividade que afetará as circulações discursivas dos indivíduos naquele espaço. Podemos dizer que existe, assim, um “discurso do Facebook”, um “discurso nativo da *web*” (PAVEAU, 2014-15), com regras de composição da escrita e da leitura específicas do meio virtual, reconstruindo as formas já conhecidas de ler, escrever e pensar.

Em seu estudo pioneiro sobre o discurso digital, Paveau (2014-15) adota a perspectiva ecológica, mesma utilizada pelos autores já citados na discussão sobre o ambientalismo (MIES e SHIVA, 1993; CAPRA, 2006). Tal entendimento, denominado por Paveau (2014-15) como “linguística simétrica”, propõe entender o discurso em sua multiplicidade de formas e materialidades, em detrimento de uma análise das materialidades por perspectivas logocentradas e egocentradas, criticadas pela autora. Ao escolhermos tal perspectiva de Paveau para nossa pesquisa, que contempla a composição plurisemiótica do discurso, destacamos outra característica das narrativas no Facebook: elas são, em sua maioria, narrativas fotográficas, como podemos notar no *post* abaixo.



FIGURA 7 – Post de Viviane do dia 5/6/2017
Fonte: www.facebook.com

Em uma empreitada autoral, assim como Adriana, Viviane expõe sentimentos, emoções e convoca o interlocutor a compartilhar de suas dores, provocações e exaltações, apresentando, assim, uma forma de expressão ciberativista favorável à divulgação de suas causas e

legitimação de si. Sua vivência, o ambiente em que vive e o modo de vida também são convocados na publicação. Ecos de um ambientalismo que se apropria de todos os meios de comunicação para promover suas causas. Conhecemos ainda as filiações ativistas que Viviane segue (permacultura, medicina holística, economia colaborativa, desenvolvimento *open source*). A partir do compartilhamento de suas vivências e vozes, observamos as imagens do éden e da destruição. O éden, no segundo, terceiro e quarto parágrafos, compreendidos nos agradecimentos pelo que está acontecendo no planeta, um “momento histórico da humanidade”, um cenário de cocriação de diversas ações ambientais e ativistas, bem como aponta, ao final, o impacto revolucionário do que faz parte. A destruição, no primeiro e no terceiro parágrafo, com o provérbio africano e as notícias de degradação, o desrespeito com os animais e a desconexão das pessoas. A alternativa para o éden vem, segundo Viviane, de um “levantar-se” (BUTLER, 2017).

É também para a construção de uma imagem do éden que Viviane investe em um autorretrato. A apropriação de uma linguagem não-verbal pode propor o efeito de autenticidade que a enunciativa deseja, estratégia sensível e visada de demonstração (CHARAUDEAU, 2005, *on-line*), indicando o lugar a que pertencendo, revelando suas vivências e sua conexão com a natureza. Charaudeau (2012) chama este procedimento de “citação de uma experiência”. Segundo o autor, a citação de uma experiência acontece quando “a citação se refere às declarações de alguém que testemunha o que viu ou ouviu” (CHARAUDEAU, 2012, p.241). Tanto na imagem, quanto no texto verbal, o testemunho atribui sentido a um fato e reforça o argumento do discurso, referindo-se de forma mais fiel possível a um acontecimento dando, nas palavras de Charaudeau (2012, p.241), “uma impressão de exatidão” e “um efeito de autenticidade”. O autorretrato atua como uma fonte de verdade, testemunha de uma experiência de ativismo que contribui para reforçar a aparência de dedicação ambientalista de Viviane.

Cada imagem, seja em movimento ou fixa, possui uma estratégia discursiva para situar e alicerçar o lugar de fala das ambientalistas. Utilizar imagens para narrar vidas é algo comum no ambiente do Facebook, que é apropriado pelos enunciadores de forma a modificar formas canônicas da imagem, conforme Mendes (2013):

É possível, inclusive, dizer que atualmente, para alguns, a vida passa na/pela imagem: tudo é fotografado, filmado e exposto em redes sociais as mais diversas, gerando até mesmo novas releituras de gêneros antigos, como a atual prática do *selfie*, que reedita e coloca em voga o autorretrato (MENDES, 2013, p.13 e 14).

Contudo, mesmo que as narrativas autobiográficas das ambientalistas exibam fotografias que podem provocar um efeito de real, existe o entendimento que tais imagens foram enquadradas pelas enunciantoras, sendo “resultado da percepção direta que um sujeito tem do mundo físico, de uma impregnação, no seu cérebro e na sua memória de sujeito, o que produz uma ‘imagem mental’ como primeiro enquadramento do mundo” (CHARAUDEAU, 2013, p.383). Quais seriam, então, os efeitos sociais da imagem? Charaudeau ressalta que esta é uma questão complexa, pois:

Declarar quais são os efeitos que uma imagem produz realmente sobre os sujeitos que a veem é um assunto bem difícil de tratar, pois os efeitos visados não coincidem necessariamente com os efeitos produzidos, os efeitos individuais se entrecruzam com os efeitos coletivos. Isso se dá porque a interpretação da imagem repousa sobre um jogo complexo entre visível (o que é dado a ver) e o não visível (o que é sugerido). Os efeitos que resultam disso dependem dos imaginários sociais que são suscetíveis de serem mobilizados através da recuperação de índices e do trabalho de inferência ao qual se dedica o sujeito olhante, de acordo com a situação de exposição das imagens na qual ele se encontra. (CHARAUDEAU, 2013, p.404)

No Facebook, a análise dos efeitos apontados por Charaudeau (2013) é facilitada devido à natureza relacional do site. As reações, espaço disponível para os interlocutores dialogarem com as ambientalistas, exibem traços dos efeitos produzidos pelo discurso das enunciantoras. Para as ativistas, esse diálogo contribui para desenvolverem e incentivarem uma participação política. Instigados pelo discurso apaixonado de Viviane, uma imagem crítica (DIDI-HUBERMAN, 2010) é formatada em nossa observação, como aquela que transforma e inquieta, traz efeitos de conhecimentos sobre a situação degradante do meio ambiente, bem como um despertar sobre a atuação do ambientalismo atual. Imagem crítica que rompe e oferece a dimensão da catástrofe, podendo transformar o interlocutor. Uma estratégia sensível que reflete suas vozes e vivências, trazendo consigo o protesto a favor da causa ambiental. Uma resistência possível diante das ruínas.

1.3 ESTRUTURA DA NARRATIVA DIGITAL: UMA CONFIGURAÇÃO DE PRESENÇA E SENTIDO

“As mulheres eram um pouco menos atrevidas em seu discurso e menos livre em seus modos do que os pássaros. Empoleiravam-se em seus

*joelhos, lançavam os braços ao redor do seu
pescoço e, percebendo que algo fora do comum
se escondia sob sua capa de pano grosso,
ficavam tão ansiosas em chegar à descoberta
quanto o próprio Orlando.”*

Virgínia Woolf

Virgínia Woolf, escritora e biógrafa, viveu no início do século XX. Em um tempo de extrema opressão feminina, sua voz inspira diversas mulheres. Considerada um dos ícones do movimento feminista, sua escrita revelou as dores de um tempo. A expressão da mulher ainda é limitada, devido ao machismo estrutural vivenciado ainda no século 21. Estratégias de ampliar o espaço de visibilidade e legitimação de vozes sempre estiveram na pauta dos movimentos políticos. Com o tempo, mídias como panfletos, cartas e livros foram utilizados para compartilhar as escritas ativistas, mas nunca com um espaço autônomo tão ampliado como nos dias de hoje, devido ao universo digital.

Compreendemos as limitações desse ambiente e de suas mídias, como as redes sociais objeto desse estudo. A autonomia e a visibilidade da escrita digital estão diretamente conectadas ao alto controle governamental dos dados, à desigualdade de acesso, vivenciada pelos usuários das redes sociais, bem como sistemas de filtragem de informação que limitam o compartilhamento político de posts. O Facebook, inserido no sistema mercadológico capitalista comum às mídias tradicionais, visa ao lucro e os usuários são seus funcionários sem remuneração. É importante apontar tais configurações dessa mídia. Contudo, o desafio diário de quem escreve nesse espaço é atravessar uma espécie de “camadas tecnológicas” para difundir sua fala.

A necessidade de criar espaços de fala inseridos em um espaço limitador como o Facebook é o que instiga as mulheres a empreender estratégias de legitimação nas narrativas publicadas por elas, visando a difusão da causa que lhes afeta: o meio ambiente. Tais estratégias visam transpor a dimensão estrutural do site para fazer circular as narrativas ambientalistas por redes sociais diversas. Pensamos, assim, em possibilidades de produzir presença e sentido nas redes, para a análise da estrutura da narrativa digital no Facebook inspirados pelo pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht (2010).

O historiador propõe uma reflexão sobre os processos de extração e produção de presença e de sentido, como forma de se pensar a experiência do ser humano com as coisas do mundo. O autor diz haver uma tensão entre os componentes de sentido e presença nos modos pelos quais experienciamos o mundo, sendo que produzir ou extrair sentido é gesto vinculado a uma espécie de interpretação fenomenológica das coisas, própria da hermenêutica e metafísica como referenciais filosóficos ocidentais. Já a dimensão da presença diz respeito a um aspecto estético, que não está exatamente ligado a processos de interpretação, mas possui caráter sensível, substancial, capaz de nos tocar em uma dimensão afetiva. Nesse sentido e a título de exemplo, o autor, afirma que as dimensões de sentido são predominantes na leitura de um texto, posto que há nessa experiência um intenso movimento de interpretação da narrativa ali presente. As de presença, por sua vez, ativadas quando ouvimos uma música e nos deixamos levar no âmbito de nossa corporeidade. No entanto, é importante ressaltar, que tanto as ações em que predominam o sentido, quanto aquelas em que predominam uma relação de presença, comportam dimensões de presença e sentido, respectivamente. Haverá, assim, em nossa cultura, uma tensão ou oscilação entre presença e sentido, de maior ou menor proximidade e intensidade, ainda que, segundo Gumbrecht (2010), na sociedade contemporânea, sobretudo a ocidental, há uma predominância das dimensões de sentido.

Produzir sentido é uma noção usualmente utilizada nos estudos de linguagens e comunicação. Ela remete à metafísica, tradição histórica dos estudos de interpretação dos fenômenos do mundo. O sentido é visto “como algo espiritual que é transportado e precisa ser identificado para além das superfícies puramente materiais” (GUMBRECHT, 2010, p.13). Já, para o autor, a noção de produção de presença implica que:

[...] o efeito de tangibilidade (espacial) surgido com os meios de comunicação está sujeito no espaço a movimentos de maior ou menor proximidade e intensidade. Pode ser mais ou menos banal observar que qualquer forma de comunicação, com seus elementos materiais, “tocará” os corpos das pessoas que estão em comunicação de modos específicos e variados [...] (GUMBRECHT, 2010, 38-39).

Pensar em produção de presença é, para o Gumbrecht, refletir sobre os movimentos das materialidades da comunicação. Uma vez que, algo será considerado como presente, quando for considerado tangível, bem como o termo “produção” se refere a trazer adiante, ao alcance dos corpos.

Consoante ao pensamento filosófico de Gumbrecht (2010) e objetivando observar o conteúdo digital complexo do Facebook, optamos por utilizar as categorias de presença e

sentido como chave analítica para perscrutar as camadas que, juntas, formam o conteúdo digital: (configurações materiais e limitadoras de texto, imagem, vídeo, *hiperlinks* e tecnosignos variados), bem como as estratégias utilizadas para uma escrita se fazer visível nesse espaço de intensa quantidade de informações.

Assim, a categoria presença abarca os enunciados textuais (palavra escrita e imagens) totalmente desenvolvidos para indicar essas filiações que apontamos, de forma explícita, posicionando a narrativa em uma dimensão ética. Ela atua de forma inconsciente, tocando os usuários, de uma forma que eles não conseguem explicar o porquê de interagir com a publicação que faz parte dessa camada. Nela, se encontra a materialidade propriamente dita, algumas palavras mais visíveis e atrativas no *post*, o uso de um *layout*, imagens e vídeos engajadores, ou ainda, os recursos retóricos das *hashtags*, que podem atrair a atenção do usuário.

A necessidade de presença é desejo obsessivo de uma sociedade contemporânea que vive o vazio da experiência real, facilmente substituída pela mediação da comunicação na contemporaneidade. É pelo afeto que uma rede se movimenta em velocidade máxima. A presença serve, segundo Gumbrecht, como referência espacial, algo que “está à frente, tangível para nossos corpos” (2010, p. 38) é aquilo que vai conquistar o corpo, como forma de suprir o desejo de ser e estar em algum lugar. Está conectada, assim, a uma imaginação, ao sonho e a sensação de corporificação. Sentimentos que podemos notar que são evocados e simulados nas redes sociais.

Já a categoria de sentido é predominantemente ética. Contudo, o ato interpretativo, típico dos processos de extração e produção de sentido, pode ativar emoções e sensibilidades, ligadas ao caráter estético da narrativa. Em nossas análises, classificamos a ordem do sentido como aquela apreendida nas narrativas com traços discursivos e linguísticos que tem a função de atrair o interlocutor a um determinado modo de olhar o mundo e as coisas, próprio das ambientalistas, utilizando, por exemplo, marcas explícitas de suas filiações ativistas, políticas, científicas e midiáticas nos *posts* do Facebook.

CAPÍTULO 2 - VOZES E RESISTÊNCIAS: A LUTA DA MULHER POR EXPRESSÃO

“Não nos deixaremos, portanto, intimidar pelo número e pela violência dos ataques dirigidos contra a mulher, nem nos impressionar com os elogios interesseiros que se fazem à ‘verdadeira mulher’, nem nos contaminar pelo entusiasmo que seu destino suscita entre os homens que por nada no mundo desejariam compartilhá-lo”.

Simone Beauvoir

A emoção em torno do primeiro choro de uma criança que acabou de nascer. Seus primeiros sorrisos e seu olhar atento ao novo universo que lhe é apresentado. Os gestos iniciais com o passar dos anos e a descoberta das formas de expressão. A cada ano de sua infância, novas aquisições em sua linguagem orientam suas manifestações. Falas moldadas por suas vivências, pelos pais, pela mídia ou pela escola. A manifestação de seus desejos, sentimentos e pensamentos segue regida pelos discursos que a atravessam com o passar dos anos. Um ciclo que se repete a cada nascimento.

Por vezes, há nesse ciclo uma série de silenciamentos, ligados à construção de gênero, já marcada na criança, desde o nascer, por forças dominantes. O enquadramento do que é ser mulher e ser homem pode surgir com a primeira roupa rosa ou azul comprada pelos pais e seguir com a aquisição de enunciados costumeiramente vinculados ao universo feminino ou masculino. Símbolos que definem uma trajetória de gênero, podendo carregar estereótipos por toda uma vida.

Uma feminilidade ou uma masculinidade previamente construída afeta a expressão de um novo ser. Sua voz é moldada pelos atravessamentos discursivos que remontam à ancestralidade. As diferenças sociais e comportamentais atribuídas a cada gênero impõem modos de expressão específicos, que podem coibir a fala, bem como definir os modos de ouvir. Tais discrepâncias entre mulheres e homens, bem como o enquadramento das similaridades entre seres de mesmo

gênero, sujeitam-nos a seguir certos comportamentos próprios de cada rótulo, definindo como impróprias vozes destoantes dessa linha de pensamento de gênero binário.

O sexo, pensado historicamente como aquilo que é inato ao ser humano, do ponto de vista biológico, e o gênero, como construção social de papéis atribuídos à mulher e ao homem, parecem-nos ser categorias mais complexas do que tais definições tradicionais propõem. Se refletirmos sobre a dualidade que o sexo propõe, ela é, senão, a mesma que o gênero ativa. Sexo e gênero, portanto, são constructos atravessados pela cultura e por um domínio pré-discursivo que marca os enquadramentos do “feminino” e “masculino”. Na linha desse raciocínio não-binarista, Butler (2003, p.24) acredita na sexuação como não produzida pelo sexo biológico e aponta que, ao mesmo tempo que a categoria sexo não esteja atrelada a uma problemática binária, “não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois”. A hipótese binária dos gêneros, que acaba por indicar uma relação mimética entre gênero e sexo, é desconstruída pela autora, que reflete:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a ‘natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura. (BUTLER, 2003, p.25)

Consoante a Butler, pensaremos aqui o sexo como meio discursivo e cultural, diferente da proposta de dualidade do sexo por um domínio pré-discursivo, em que uma modalidade binária é assegurada. Podemos presumir, assim, que desde criança, o ser será atravessado pelas posições imaginárias de sexualidade, conduzidas pela família, pelas instituições ou pelos universos simbólicos que tem acesso e que definem a sua percepção de corpo, dirigindo-se a escolha e performance de uma identidade sexual, e de gênero. Contudo, se uma pessoa “é” mulher ou homem, isso não é tudo que define o seu ser, conforme Butler:

[...] não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2003, p. 20).

Ao apontar que os ideais de feminino e masculino são dimensões culturais e políticas, sustentadas pela operação de um poder hegemônico, e que os indivíduos devem resistir determinando seus próprios significados, Butler defende a liberdade de expressão de gênero. Com tal livre-arbítrio, os sujeitos podem viver com o gênero que lhes foi atribuído socialmente desde o nascimento ou construir sua identidade com base em suas escolhas. Partindo de uma divisão binária historicamente proposta, a construção pré-discursiva limitará homens e mulheres a papéis sociais e certos comportamentos, em um formato sexo-político de poder. Nesse contexto, os homens, regidos sob uma égide da masculinidade, são orientados como porta-vozes dos discursos de dominação masculina, escrevendo grande parte da cultura que vivemos. Muitos deles promotores de uma desvalorização do feminino pelo viés da misoginia. É nesse enquadramento, por exemplo, que se encontra a figura de Jair Bolsonaro, que, ao proferir frases como “não iria estuprar, porque não merece”¹⁶ a uma mulher, reforça e naturaliza a barbaridade de uma certa cultura do estupro, forma de violência que inferioriza e desumaniza as mulheres através do estímulo ao estupro. Uma cultura, portanto, que perpetua, justifica e tolera uma violência física e simbólica, naturalizando-a.

A partir desse ponto de vista, podemos asseverar que a mulher, presa às imposições do que constituem um ideal feminino, tem sua expressão fadada ao silenciamento, instigado pela influência dos discursos do patriarcado¹⁷ que limitam, ou extinguem a legitimidade de suas falas, bem como os espaços políticos e existenciais de sua difusão, estabelecendo um conjunto de características e restrições circunscritas ao “território do feminino” que, mantidas há séculos, atrelam as atitudes e as falas da mulher ao ordenamento de uma “natureza feminina”. Fazem parte desse enquadramento: o recato, a docilidade, a receptividade passiva que silencia os seus desejos e sentimentos. Neste sentido, é importante prestarmos atenção às palavras de Kehl:

A ideia de que as mulheres formariam um conjunto de sujeitos definidos a partir de sua natureza, ou seja, da anatomia e de suas vicissitudes, aparece nesses discursos em aparente contradição com outra ideia, bastante corrente, de que a “natureza feminina” precisaria ser domada pela sociedade e pela educação para que as mulheres pudessem cumprir o destino ao qual estariam naturalmente designadas. A feminilidade aparece aqui como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora; a partir daí, atribui-se às mulheres um pendor definido para ocupar em um único lugar social - a família e o espaço doméstico -, a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade (KEHL, 2016, p. 40).

¹⁶ Notícia disponível em: <https://bit.ly/2rwwred>

¹⁷O termo patriarcado utilizado é um nome que unifica todas as facetas da dominação masculina. Segundo Miguel (2014, p.18), “ele corresponde a uma forma específica de organização política, vinculada ao absolutismo [...]”.

A autora delinea, assim, a construção discursiva de uma feminilidade em seu estudo sobre esta questão na cultura europeia dos séculos XVIII e XIX, que se mantém até os dias de hoje em todo o mundo, expressão da cristalização de imaginários de uma tradição patriarcal. Kehl aponta que o lugar ocupado pela mulher e idealizado pelo outro masculino foi construído de modo a complementar e manter a posição masculina, como o “Outro do discurso”. Como socialmente invisível, à mulher estaria destinada a não-produção de discursos, correspondendo somente ao que já estava designado no discurso do Outro, ou, podemos dizer, nos discursos que fizeram parte de uma produção discursiva hegemônica que balizou a manutenção de um ideal feminino e sujeitou as mulheres à correspondência desse enquadramento. Uma construção da feminilidade que, imposta, causou incômodo nas mulheres de uma época em que os ideais de autonomia, liberdade e desenvolvimento autoral de constituição do indivíduo moderno eram disseminados ao passo que “outros discursos e outras expectativas entraram em choque com os ideais predominantes de feminilidade” (KEHL, 2016, p. 38).

Diante das tensões existentes em cada época, há deslocamentos na construção discursiva da feminilidade que produzem saberes antagônicos a essa posição engendrada. Na história, podemos notar esse tipo de desconstrução realizada tanto pelas mulheres consideradas “bruxas” pela Igreja Católica durante a Alta Idade Média (séculos V até XV) e se estendendo até meados da Idade Moderna (séculos XVI e XVII)¹⁸, sendo perseguidas e exterminadas por apresentarem crenças diferentes das que eram comuns na época, por se manifestarem politicamente e/ou subverterem o dócil estereótipo feminino, indicando certa “libertinagem”; quanto pelas “históricas” do século XIX. Por séculos, acreditou-se que a mulher era portadora da histeria, doença nervosa estudada por Freud, que supostamente acometia mulheres com desajustes neuróticos, sendo efeito de um recalque¹⁹, como toda neurose. Essas eram mulheres que apresentavam comportamento fora do padrão do significado hegemônico de ser mulher na época, que se recusavam “em aceitar a feminilidade como modelo de subjetivação e de sexualização” (KEHL, 2016, p.153), apresentando sinais de rebeldia em relação a uma identidade feminina e ao lugar de submissão destinado a elas.

¹⁸ A referência de datas foi retirada da pesquisa “Mulher e Ciência – A Revolução Científica, a Caça às Bruxas e a Ciência Moderna”, disponível em: <https://bit.ly/2MdP8eJ>

¹⁹ Segundo Kehl (2016, p. 218), “o recalco, isto é, o que fica inconsciente, é também o que está vazio, sem palavras, sem lugar no Outro”.

Contudo, entendemos hoje que a histeria foi uma das primeiras formas de expressão possível das mulheres que se sentiram silenciadas e chegaram ao limite da sujeição de suas corporeidades (KEHL, 2016). A histérica, como figura representativa da mulher que se rebela, rompe com um silenciamento imposto e se inscreve em um campo simbólico em um período que Kehl (2016, p.210) aponta a inexistência de “um lugar de fala e a produção discursiva de algumas mulheres não suficientemente identificadas com os ‘ideais de feminilidade’ de seu tempo”. Mulheres essas que estavam atreladas ao discurso do espaço doméstico como seu “habitat natural” e a imposição de uma “natureza feminina”, que as limita, fazendo com que grande parte delas, até o começo do século XX, fosse estereotipada como mãe ou histérica (KEHL, 2016); identidades femininas, que, por sua vez, sustentam clichês, propagam o silenciamento histórico e a dominação de vozes masculinas.

Como contraponto ao desgosto da propagação de um ideal e de uma vida doméstica destinada às mulheres, uma obsessão pela leitura teve início, e vozes e vivências foram compartilhadas por uma onda de escritoras na metade do século XIX. Essas experiências, lidas por outras mulheres, causaram identificações e reconhecimentos que “vêm dar conta dos anseios e das fantasias que o silêncio das ‘rainhas do lar’ até então encobria” (KEHL, 2016, p.57).

Obras autobiográficas, altamente reflexivas, cujo objeto constituía experiências íntimas de mulheres, proporcionavam às escritoras e leitoras um alívio contra as limitações impostas. A escrita de si como resistência e empoderamento contribuiu para satisfazer o desejo de expressão das mulheres oitocentistas, evidenciando suas vivências sofridas, conforme Kehl:

Em uma esfera mais reflexiva, a mesma literatura que apontava o amor como a maior realização da vida feminina dava conta da pobreza e da frustração que advinham de apostar todas as fichas da vida no casamento e revelava o desejo ainda disforme de muitas mulheres de se tornar sujeitos de sua própria vida, “autoras” de suas aventuras pessoais, em consonância com os ideais de autonomia e liberdade individual que a modernidade havia muito tempo oferecia aos homens (KEHL 2016, p.83).

A escrita como forma de expressão inspirou mulheres, a exemplo da escritora inglesa Virgínia Woolf. Em *Um teto todo seu* (1928), a autora compartilha minuciosamente suas vivências e pensamentos, expondo as sujeições e os papéis sociais destinados à mulher no início do século XX, concedendo destaque às escritoras e suas dificuldades de livre expressão. Woolf engendra suas reflexões e descrições a partir de uma frase célebre que marca o início da obra e nomeia o livro: “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu” (WOOLF, 2014, p.12). Seus questionamentos, de cunho feminista, sobre os privilégios do homem e as atribuições destinadas

à mulher permeiam todo o livro e apontam para sua identidade revolucionária e militante, por assim dizer, indicando sua insatisfação com os enquadramentos propostos na época, como nesta passagem: “Mas é óbvio que os valores das mulheres diferem com frequência dos que foram forjados pelo outro sexo; naturalmente, é assim. Ainda assim, são os valores masculinos que prevalecem” (WOOLF, 2014, p. 106-107). Este inconformismo e a natureza melancólica de Woolf, parecem ter levado a autora a uma morte prematura, em 1941. Já desacreditada de uma cura para sua depressão e exposta a uma infinidade de críticas às suas obras, a escritora se afogou em um rio perto de sua casa. Para o marido, Leonardo Woolf, Virginia deixou uma carta apontando a “loucura” como a razão de sua morte prematura:

Querido, tenho certeza de que estou enlouquecendo de novo. Sinto que não podemos passar por outra daquelas terríveis fases. E desta vez não ficarei curada. Começo a ouvir vozes, e não posso me concentrar. Assim, estou fazendo o que me parece melhor. Você me deu a maior felicidade possível. Não creio que duas pessoas pudessem ser mais felizes até chegar esta doença terrível. Não consigo mais lutar. Sei que estou estragando a sua vida e que sem mim você poderá trabalhar. E você vai, eu sei. Está vendo, nem consigo mais escrever adequadamente. Não consigo ler. O que quero dizer é que devo a você toda a felicidade da minha vida. Você foi absolutamente paciente comigo e incrivelmente bom. Quero dizer isso — e todo mundo sabe. Se alguém pudesse me salvar, teria sido você. Perdi tudo, menos a certeza da sua bondade. Não posso mais continuar estragando sua vida. Não creio que duas pessoas tenham sido mais felizes do que nós fomos. (Carta de suicídio de Virginia Woolf, 28 de março de 1941)

O legado literário de Woolf e sua escrita autobiográfica²⁰ espelham e ecoam vozes de experiências do feminino parecidas com a sua. Uma estratégia de disseminação e fomento de vozes femininas. Autobiografias que se encontram, tendo experiências de subjugação como ponto de interseção, e se desenvolvem em um determinado “espaço biográfico” (ARFUCH, 2010), lugar em que se desenham as narrativas singulares, a voz autocentrada, e construídas as diversas identidades.

Nesse espaço biográfico²¹ estão as narrativas vivenciais, os relatos de uma vida que também são relatos de todos; uma espécie de “cartografia da trajetória individual sempre em busca de seus acentos coletivos” (ARFUCH, 2010, p.15). As narrativas autobiográficas possuem, assim, uma “voz autorreferencial (Eu, só)”, uma “primeiridade”, “a promessa de uma

²⁰ Segundo Kehl (2016), o gênero “escrita de si” foi inaugurado no século XVI, porém Arfuch (2010) diz que uma obsessão autobiográfica teve início em meados dos anos 1990 e que ganhou amplitude e visibilidade com o crescimento da internet.

²¹ Consideramos o Facebook como um espaço biográfico ou autobiográfico, propício à narração de vidas, sejam elas célebres ou comuns, devido aos recursos oferecidos pelo site para autoexpressão e apropriados pelas narradoras para o desenvolvimento das suas escritas autônomas e íntimas.

fidelidade absoluta” e a “[...] percepção aguda de um outro como destinatário, cuja adesão é incerta” (ARFUCH, 2010, p.48). Construções que apontam para a narração da própria experiência, da voz interior, como se uma intimidade fosse revelada pela narradora, fazendo com que essa narrativa possua um tom terapêutico ou um aspecto de confissão para o interlocutor. Para Arfuch (2010, p.48) essa é uma “[...] retórica da autenticação, do apagamento das marcas ficcionais”, que leva o público a ser “[...] co-partícipe, envolvido em aventuras semelhantes da subjetividade e do segredo”, instigado a ser, ao mesmo tempo, cúmplice e *voyeur*.

A escrita de si revela o íntimo. Relatos vivenciais, com a potencialidade de destituir imaginários solidificados pela exposição de um testemunho, destacam traumas, feridas e dores, revelando o oculto, algo que, por vezes, compunha as páginas de um diário íntimo. Quando exposta, a vivência feminina desvenda uma extimidade, definida pelo psicanalista francês Jacques Lacan como uma exterioridade íntima (DUNKER, 2017).

Senso assim, ao compartilharem suas narrativas, as mulheres encontram “a intimidade fora e o estranhamento dentro, sem que eles sejam equivalentes”, nos termos de Dunker (2017, p.13). Por meio da composição de uma narrativa extima, a situação vivida é recriada. Para Dunker (2017), a intimidade pressupõe um diálogo pessoal, uma conversação sem fim, mesmo que imaginária. Por isso, o autor diz existir uma confusão entre os conceitos de intimidade e privacidade, sendo os dois utilizados de forma errônea como similares por produtos midiáticos - programas de *reality shows* e noticiários sobre a vida de celebridades -, gerando “a ilusão de que, dispondo do espaço privado, se terá acesso ao íntimo” (DUNKER, 2017, p.84). Nesses casos, imagens da vida privada não produzem diálogos íntimos.

No processo de produção de enunciados e de compartilhamento de narrativas íntimas, as histórias se transformam, fazendo com que o autor também mude a partir da escrita que expõe sua narrativa (DUNKER, 2017). Revelar uma vivência se apresenta como uma saída terapêutica para essas mulheres que estruturam o sofrimento na linguagem. O teor sofrido de um relato pode incumbir à leitora ou ao leitor a ser transformado também por um *pathos*²² na

²² Os conceitos de *ethos*, *pathos* e *logos* foram criados pelo filósofo grego Aristóteles, na retórica clássica, e são empregados no estudo da argumentação. *Pathos* assinala os discursos que funcionam sobre efeitos emocionais, *Ethos* constitui o caráter do orador e sua influência no auditório, *logos* se refere à argumentação ou ao discurso em si mesmo. Aristóteles considerava que um discurso sempre poderia ser analisado a partir dessas três estratégias discursivas, que são os meios de persuasão pelo discurso. O fenômeno da busca pela emoção – *pathos* - é apropriado por Charaudeau e Maingueneau (2014, p.372) e sinalizado como uma noção “[...] utilizada para assinalar as discursivizações que funcionam sobre efeitos emocionais com fins estratégicos”. Como uma estratégia de apelo à emoção, o *pathos* não é uma tática discursiva inconsciente, como muitas vezes o universo das emoções é considerado. O teórico defende a ocorrência de uma “racionalidade subjetiva” das emoções, em que o sujeito é

narrativa. Como uma estratégia de apelo à emoção, o *pathos* pode ser incitado nos relatos, causando emoções diversas, como a indignação, o ódio ou a solidariedade. Seja transformando a narradora, seja modificando os leitores, o sofrimento externalizado está carregado de uma potencialidade da transformação quando reconhecido dessa forma, podendo criar uma mobilização coletiva e política por todos que partilham das mesmas demandas. Falas íntimas de mulheres carregadas de dor e traumas em decorrência das violências sofridas por gerações estão inscritas em diversos meios, onde encontram recinto para exercer a resistência. Desse modo, as escritas autobiográficas, quando carregadas de potencialidade de empoderamento, ascendem como transformadoras, a partir da destituição de tradições misóginas.

A leitura de Kehl (2016) a respeito das mulheres do século XIX nos diz muito sobre o que ainda vivemos no século XXI. Mulheres revolucionárias, como a escritora Virginia Woolf, pouco puderam mudar em face dos “poderosos argumentos” de que o lugar da mulher é determinado por sua natureza; fato que mantém o silenciamento feminino na história, enclausurando mulheres a padrões continuados de feminilidade. Mais do que dar vozes às mulheres, dar ouvidos para a expressão feminina em uma sociedade misógina é um desafio complexo, ainda presente na atualidade, a fim de libertar as mulheres de enquadramentos e estereótipos negativos.

Homens e mulheres se deslocando dos lugares que ocupavam em certos discursos. O feminismo e os movimentos atuais sustentando os aspectos de emancipação da causa. Mobilizações que geram para os indivíduos uma possibilidade de ir além da alienação e da repetição automática de padrões e pensamentos, fazendo, segundo Kehl (2016, p.218) “um furo no muro da linguagem”, uma forma de “inscrever no campo simbólico alguma coisa que represente o sujeito a partir do seu desejo”, espécie de resistência à ordem preestabelecida com o potencial de conceder outras escutas às mulheres, revelando-as como seres de um discurso próprio para escreverem um destino diferente das mulheres do passado.

2.1 A LUTA FEMINISTA: O MOVIMENTO E SUAS ONDAS

orientado sempre por uma intencionalidade de seu ato de linguagem e as emoções “são orientadas em direção a um objeto ‘imaginado’ já que este objeto é extirpado da realidade para se tornar um ‘real’ significante” (CHARAUDEAU, 2007, *on-line*).

*“você me diz para ficar quieta porque
minhas opiniões me deixam menos bonita
mas não fui feita com incêndio na barriga
para que pudessem me apagar
não fui feita com leveza na língua
para que fosse fácil de engolir
fui feita pesada
metade lâmina metade seda
difícil de esquecer e não tão fácil
de entender.”*
Rupi Kaur

Carregada pelos traumas de violências sofridas, os versos de Rupî Kaur - nascida em uma zona de conflitos na Índia, perseguida por sua etnia (*sikh*), sobrevivente de feticídio e abusada sexualmente na infância - são duros, combativos e evidenciam questões ligadas ao universo da mulher, como o abuso, a violência, o amor, o sofrimento, a maternidade e o machismo, temas que compõem, principalmente, a narrativa de seu primeiro livro *Outros jeitos de usar a boca* (2017). Falas com uma carga emotiva e íntima, que nos tocam ao revelar as feridas acumuladas em sua vivência como mulher. Ao expor as dores e situações vividas pela mulher em sua poesia, Kaur se posiciona em uma luta de combate à opressão feminina.

Uma das autoras mais lidas no ano de 2018, Kaur é exemplo de resistência feminista. Resistir à ordem preestabelecida parece ser uma estratégia de sobrevivência para as mulheres que anseiam se tornarem seres falantes, para que construam suas próprias narrativas, disseminando suas experiências e posicionando-se contra as formas de dominação masculina. Não só nos livros, a resistência está também nas ruas, nos cinemas, nos teatros, na internet e na música, em versos de cantoras brasileiras como Elza Soares.

Contudo, a violência do silenciamento da mulher ainda é frequente. Fora do ideal feminino, o discurso combativo da mulher é ora apagado, ora recalcado. A revelação de suas vivências, dores, traumas e a conseqüente expressão combativa contra os algozes é vista, muitas vezes, como agressiva, radical ou reivindicações sem sentido. Resistir é perigoso. Se na história, por apresentarem vozes dissidentes, milhões consideradas bruxas foram queimadas vivas; milhares

foram rotuladas como histéricas e submetidas a tratamentos médicos agressivos - como a massagem pélvica e a utilização de sanguessugas²³, outras torturadas com ratos inseridos em suas regiões genitais, a exemplo do que ocorreu na Ditadura Militar no Brasil, a violência contra a mulher persiste. Evidencia-se nas altas taxas de feminicídio em todo o mundo, especialmente no Brasil, que possui a quinta maior taxa, com treze feminicídios por dia, sendo uma mulher morta a cada 1h50min, segundo dados do Mapa da Violência de 2015²⁴. Tais dados apontam a mulher negra como vítima prioritária nesse ciclo de violência – aumento de 54%, em dez anos, no número de homicídios de mulheres negras, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013, enquanto a quantidade anual de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%, saindo de 1.747 em 2003 para 1.576 em 2013. Números que apresentam uma rotina de violência contra as mulheres negras no Brasil e que, em 2018, tomaram dimensão mundial após o assassinato da feminista negra e vereadora defensora de pautas dos movimentos sociais Marielle Franco²⁵. Morta a tiros, Marielle teve sua voz silenciada por suas posições políticas. E, infelizmente, não será a última a ser silenciada.

As mortes e repressões agressivas contra mulheres conduzem a levantes, como o mundo assistiu após a execução de Marielle. Mesmo sendo perigosa, o levante, ação política realizada no espaço público por um grande número de pessoas, é decorrente de uma situação de sofrimento insustentável que emerge a partir de um “foco de frustração e ódio” (BUTLER, 2017, p. 23), por indivíduos que estão indignados ou cansados da sujeição. O levante constitui-se em uma forma de alcançar a emancipação contra a opulência de poderes expressivos, sendo assim, sempre um perigo àqueles que se levantam. Nas palavras de Butler:

Todo levante é um risco: os que se levantam contra um poder serão vencidos por esse poder ou o levante se prolongará até se tornar uma situação revolucionária, chegando a uma emancipação? Levantes procuram sempre mudar de nome e se tornar insurreições ou revoluções mais duráveis, inaugurando um futuro de emancipação. Aqueles que participam podem muito bem saber que o levante não irá “funcionar” e que o “fracasso” pode perfeitamente ser a conclusão da história – ou, no mínimo, uma conclusão possível da história. Apesar de tudo, a história do levante fracassado pode se tornar uma referência e um precedente importante para outros levantes. Um levante audacioso que fracassa não deixa de produzir heróis, mártires, narrativas de sacrifício pela nação, imagens de esperança; seu fracasso é o que dá ao levante uma chance de se tornar emblemático e incitar levantes futuros (BUTLER, 2017, p.31).

²³ No século XIX, os tratamentos foram considerados eficientes e legítimos para as mulheres diagnosticadas com histeria, uma doença que, acreditava-se, era associada à anatomia e fisiologia reprodutora da mulher. A massagem pélvica propunha a estimulação da genital da mulher, de forma manual pelo médico, até que essa alcançasse o orgasmo. Já a utilização de sanguessugas no órgão genital da mulher, com o objetivo de aliviar problemas no útero e excitação sexual.

²⁴ Disponível em: <https://bit.ly/20GMDUM>

²⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2ILieRa>

Resistindo aos “fracassos” da história, mulheres continuam se levantando contra a sujeição. É justamente se rebelando contra as várias formas de dominação masculina, e buscando fazer ouvir suas vozes, que o movimento feminista surgiu, indo contra os ideais impostos à mulher, tanto cultural, quanto socialmente.

Ainda que se assemelhando a um ciclo sem saída, em que violências e silenciamentos se perpetuam, podemos citar aqui resistências na história, momentos em que mulheres se rebelaram contra um lugar subalterno reservado a elas em relação aos homens. Durante a Revolução Francesa, por exemplo, apoiadas nos ideais de emancipação feminina da época, mulheres saíram às ruas com “tanta sede de participação cívica e desobediência revolucionária” (KEHL, 2016) que a presença delas foi marcante durante as lutas, desempenhando o papel de agitadoras²⁶.

Constituindo um levante contra o patriarcado e tendo a palavra como luta, o feminismo busca uma sociedade sem a hierarquia de gênero, em que este não seja apropriado para conferir privilégios ou legitimar opressões. As feministas são, portanto, aquelas que se incomodam com a dominação masculina histórica, que exclui e apaga as mulheres de uma atuação como indivíduos de uma sociedade.

Podemos afirmar, com certa segurança, que o feminismo é, historicamente, dividido em “ondas” (momentos em que determinadas pautas dominaram o debate em torno do tema). Em uma chamada primeira onda, com início no fim do século XIX, as reivindicações estavam voltadas para os direitos ao voto e à vida pública, em uma sociedade marcada pelo industrialismo e influenciada pelos ideais iluministas de liberdade individual e igualitarismo. Relegadas à denominação de seres humanos de segunda categoria, as mulheres aprenderam a ler em alguns países somente no século XIX, o que era permitido apenas aos homens, pois, como aponta Boff e Muraro (2002, p.189) “até o século XIX as mulheres eram pouco mais que escravas”. Nesse momento inicial, se destacam a atuação das sufragistas, movimento que reclamou a participação na cena eleitoral, visando estender o direito ao sufrágio universal às mulheres, que eram consideradas incapazes de participar da vida política pública. Com o lema “ações e não palavras”, as mobilizações iniciaram no Reino Unido, em 1910, com atos radicais das militantes, como atirar pedras em lojas e pichar prédios, promovendo inúmeros protestos,

²⁶ “Incendiárias, indisciplinadas, ‘buchas de canhão’ nas mais violentas insurreições populares, as mulheres estiveram na linha de frente das manifestações públicas no fim do século XVIII” (KEHL, 2016, p.43).

com confrontos e prisões. Devido à força do movimento, que motivou mulheres em outros países, o direito de voto foi alcançado em 1928. No Brasil, esse direito só foi conquistado em 1932, após movimento sufragista conduzido pela feminista Bertha Lutz.

A segunda onda, que começou em meados de 1950 e se estendeu até a transição das décadas de 1980 e 1990, ampliou o debate feminista, incluindo na pauta a luta pelos direitos reprodutivos e as discussões acerca da sexualidade. Nesse momento, as feministas buscavam identificar a origem da condição feminina e os fundamentos da opressão. Em um período marcado, inicialmente, por um cenário pós-guerra, e nas décadas de 1960 e 1970 pelos inúmeros movimentos contra-culturais, como o hippie e estudantil, os manifestos contra a guerra do Vietnã e as resistências contra as Ditaduras Militares da América Latina. Destaca-se na segunda onda a disseminação de ideias baseadas no ensaio *O Segundo Sexo*, publicado em dois volumes em 1949, pela escritora Simone de Beauvoir, que teve um papel importante ao descrever e explicar pela primeira vez o lugar secundário que a mulher ocupa na humanidade. O livro conta com uma série de teses que podem ser resumidas com a célebre frase que abre o segundo volume do ensaio: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016, p.11).

Filósofa e escritora feminista, Simone de Beauvoir nasceu em 1908, na França, e formou-se em Filosofia, lecionando até 1943. Nesse mesmo ano, Simone iniciou sua empreitada na escrita, com a publicação ficcional “*A Convidada*” (1943), obra marcada pela narrativa de dilemas existenciais de uma mulher de trinta anos, mesma faixa de idade da autora à época, sendo considerada uma obra que refletiu o *alter ego* de Beauvoir e uma primeira empreitada de posicionamento feminista, mesmo que não declarado. Aos 40 anos de idade, decide escrever um livro que descreve suas observações sobre a mulher, a partir de aspectos psicológicos, biológicos e históricos, aprofundando-se a respeito da situação de inferioridade feminina, que, segundo a autora em entrevista²⁷, estava explícita na sociedade, mas nunca percebida. Com uma linguagem acadêmica, didática e direta, mas que não deixa de ser um manifesto militante feminista, *O Segundo Sexo* foi lido por milhares de mulheres em todo o mundo e marcou uma geração interessada em questões ligadas à opressão feminina, sendo considerado, até hoje, a mais importante obra feminista. Pela apropriação das palavras de Beauvoir, o movimento feminista ganhou forças, novos fundamentos e mulheres puderam ter ferramentas para refletirem, desconstruírem padrões negativos e resistirem à dominação masculina da época.

²⁷ A rara entrevista após a publicação de *O Segundo Sexo* foi concedida a um programa de televisão francês em 1975 e está disponível no endereço: <https://bit.ly/2rWrjAb>

Apresentando a mulher como definida pelo homem, a obra versa sobre temas como o mito da natureza feminina e de seu destino biológico; as obrigações impostas às mulheres pela sociedade desde a infância, que envolvem o casamento, a maternidade e a dependência da mulher; bem como os direitos desiguais e, por vezes, inexistentes que tornam a mulher “se não a escrava do homem, ao menos sua vassala [...]” (BEAUVOIR, 2016, p. 17). A desigualdade de condições explicitada pela autora está ligada à baixa remuneração recebida pelas mulheres, o trabalho não reconhecido, ao pouco espaço político e de poder destinado a elas e ainda a imposição de uma vida doméstica, confinando-a a uma atividade não-assalariada, gerando um ciclo de dependência e pouca autonomia. A manutenção desse ciclo de opressão da mulher e a aversão ao feminismo gera, segundo a autora, a continuidade da posição inferiorizada da mulher na sociedade e em espaços políticos. Segundo Beauvoir:

[...] quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, ele é de fato inferior; mas é sobre o alcance da palavra *ser* que precisamos entender-nos. A má-fé consiste em dar-lhe um valor substancial quanto tem o sentido dinâmico hegeliano: *ser* é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, *são* hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se estado de coisas deve se perpetuar (BEAUVOIR, 2016, p. 21).

A inferioridade da mulher é vista por Beauvoir como construída ao longo da história, uma posição que a coloca submetida à dominação masculina, situando-a como o Outro e a diferenciando do homem, “Sujeito, o Absoluto” (BEAUVOIR, 2016), detentor do poder que tende a manter a mulher como sua dependente; condição que, para Beauvoir (2016, p.199) “servia aos interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais”. As primeiras mulheres, no século XIX, que se levantaram contra os códigos de opressão e silenciamento estabelecidos, foram consideradas revoltadas e encontraram, segundo a autora, adversários agressivos. Na época, Beauvoir diz que as próprias manifestações feministas se tornaram valorizadas somente quando aconteceu uma decisão masculina para as colocarem como tais.

Beauvoir apresenta, assim, em *O Segundo Sexo*, os retratos da condição da mulher, que podemos perceber como realidades presentes ainda no século XXI, pautando a agenda de luta feminista atual. Colocando-se como militante feminista após a publicação do livro e ciente da disseminação de suas palavras pela militância feminista, Beauvoir oferece ferramentas de luta para a mulher, incentivando-a a “forjar um futuro novo”, que segundo a autora parte, notadamente, tanto da afirmação da mulher e da desconstrução de seu confinamento por um imaginário de feminilidade, como do encerramento da disputa entre homens e mulheres vinda

de um provável reconhecimento de ambos como semelhantes, instituindo uma fraternidade entre eles, de forma a libertar a mulher de sua condição inferior (BEAUVOIR, 2016).

Apesar de agradar grande parte do público feminino, as teses feministas da obra de Beauvoir foram alvo de uma série de críticas negativas à época, escandalizando o leitor masculino, principalmente na França, que acolheu a obra como uma ofensa. Foram reações deslegitimadoras recebidas por anos, mas que não inibiram a pensadora feminista de seguir no movimento e inspirar outras mulheres e pensadoras, como Judith Butler, principal representante da terceira onda, a refletir criticamente sobre o feminismo.

A terceira onda propôs a discussão sobre as teorias feministas apresentadas nas ondas anteriores, em um período marcado pela queda do muro de Berlim, o fim do comunismo na Europa, o início do apogeu do neoliberalismo e o crescimento do imperialismo norte-americano.

Nascida em 1956, poucos anos após a publicação de *O Segundo Sexo*, a filósofa norte-americana Judith Butler, publicou sua primeira obra feminista em 1990. O livro *Problemas de Gênero*, foi uma das principais referências da época, reconhecendo as contribuições das teses propostas por Beauvoir, porém apontando as limitações teóricas da autora francesa. A principal crítica de Butler se refere à universalidade das alegações e termos apresentados por Beauvoir, considerados excludentes devido à falta de intersecções com as questões de classe, raça e etnia, bem como as modalidades sexuais e regionais. Butler (2010) aponta, assim, uma frágil constituição da categoria “mulher”, propondo pensar no sujeito mulher sem uma identificação de sexo binário - como mencionamos no primeiro tópico deste capítulo. Para a autora, um poder opera na produção de uma estrutura binária que fundamenta a conceituação hegemônica de gênero. Para Butler (2010), a categoria “mulher” estável, presumida pela teoria feminista tradicional, universaliza a construção do gênero, aludindo interpretações conflituosas que excluem as diferenças ao constituir uma identidade definida, imóvel, concreta. Instituindo um termo operacional, a partir de uma função normativa da linguagem, a categoria “mulher” conduziu a representação política de sujeitos mulheres pelo movimento feminista. Conforme Butler (2010), tal linguagem pareceu necessária, à época, para o desenvolvimento de uma representação que promovesse a visibilidade política das mulheres, deflagrando interesses e objetivos feministas, ao unificar as mulheres na reflexão sobre as opressões vivenciadas

Contudo, a categoria “mulheres” é um ideal normativo que condiciona uma heterossexualidade também normativa, eliminando aqueles que não se encaixam nessa prescrição, estabelecendo-se, assim, de forma coercitiva. Propondo repensar tal categoria,

Butler (2010, p.18-19) diz que “as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que a representação possa ser expandida”, sugerindo, assim, uma transformação no pensamento feminista, a partir da compreensão de “como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação”. Nas palavras da filósofa:

A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina. A noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe (BUTLER, 2010, p.20).

Baseadas em pontos comuns compartilhados, as alegações universais do feminismo conferem um status universal ao patriarcado e à sua estrutura de dominação, a fim de fortalecer a representatividade do movimento, porém, limitando as experiências opressoras de mulheres a um conjunto único que as representa nas reivindicações. Para Butler (2010), as mulheres devem, ao invés de reclamar a entrada na categoria sujeito, como propunha Beauvoir, transgredir e desconstruir os critérios de representação e regulação política do feminismo. Uma renovação do feminismo é, assim, proposta por Butler na obra *Problemas de Gênero* (2010), a partir de uma metacrítica feminista:

A identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento. Talvez, paradoxalmente, a ideia de ‘representação’ só venha realmente a fazer sentido para o feminismo quando o sujeito ‘mulheres’ não for presumido em parte alguma. (BUTLER, 2010, p.24)

Rejeitando a articulação de identidade com o feminismo, Butler (2010, p.36) elabora o conceito de “unidades provisórias” como noção vinculada ao gênero e categoria para o estabelecimento da luta política.

Consoante a Butler, Teresa de Lauretis, teórica feminista, igualmente da terceira onda, em sua tese, também percebe a limitação do debate feminista e aponta o gênero como uma representação, produto e processo de determinadas tecnologias sociais, possuindo, assim, um formato excludente. A autora ainda acredita na construção do gênero por meio de sua desconstrução, apreendendo-o como “representação ideológica falsa” (DE LAURETIS, 1987, p.209). Dessa forma, o feminismo deveria pensar, assim, um conceito de gênero que não esteja

atrelado à diferenciação sexual, mas que esteja “engendrado não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido” (DE LAURETIS, 1987, p.208).

Nesse sentido, De Lauretis (1987) identifica uma mudança de consciência já na década de 1980, a partir da articulação prática e reflexiva das feministas negras e suas críticas ao feminismo branco ou hegemônico²⁸.

[...] podemos dizer que a mudança que vem ocorrendo na consciência feminista nesta década começou (se é que uma data se faz necessária) em 1981, ano da publicação de *This bridge called my back*, uma coletânea de textos de mulheres de cor radicais, editada por Cherrie Moraga e Gloria Anzaldua, seguido em 1982 pela antologia da Feminist Press editada por Gloria Hull, Patricia Bell Scott e Barbara Smith com o título *All the women are White, all the blacks are men, but some of us are brave*. [...] A alteração que começa a ser causada por trabalhos como esses na consciência feminista é melhor caracterizada pela conscientização e pelo esforço de trabalhar a cumplicidade do feminismo com a ideologia, tanto a ideologia em geral (incluindo classismo ou liberalismo burguês, racismo, colonialismo, imperialismo, e, acrescento eu com alguns senões, humanismo) a ideologia do gênero em particular – isto é, o heterossexismo (DE LAURETIS, 1987, p. 218).

Resumindo, uma consciência de cumplicidade contra uma consciência de opressão seria o ideal para o feminismo como prática de transformação sociocultural, nos termos de De Lauretis (1987).

As teses feministas da terceira onda propõem uma ruptura nos paradigmas da crítica feminista da primeira onda e contribuem para o pensamento do movimento contemporâneo, que possui um discurso múltiplo. Traços de uma interseccionalidade já podem ser notadas na segunda onda e o conceito-chave ganha força na atualidade, em que podemos notar o princípio de reordenação do pensamento feminista, em uma quarta onda, que se inicia por volta do ano de 2011²⁹. Pensar raça, classe e gênero, não de forma isolada, mas indissociável, rompe com o pensamento limitante estruturado em fundamentos de opressão. A interseccionalidade é proposta pelo movimento de mulheres negras ativistas para repensar as representações da

²⁸ Ribeiro (2015, p.53) discorda da afirmação que o feminismo negro começou a discutir sobre as questões de raça e etnia na terceira onda, pois “Desde o século XIX, mulheres negras norte-americanas como Sojourner Truth, Maria W. Stewart, Anna Julia Cooper e Ida B. Wells-Barnett tiveram papel fundamental no desenvolvimento de uma crítica feminista negra, revelando as experiências da mulher negra na sociedade escravocrata e nas épocas pós-escravidão. A partir dos anos 1970, e com maior ênfase nas décadas de 80 e 90 até então, a produção de teoria feminista por mulheres negras como Angela Davis, Bellhooks, Audre Lorde e Patricia Hill Collins contribuiu para aprofundar a análise e a compreensão da marginalização social, econômica e política das mulheres negras nos EUA. (CALDWELL, 2010)”.

²⁹ Em 2011 se inicia o movimento Marcha das Vadias, uma das primeiras manifestações feministas que conquistou repercussão mundial do ano 2000. A Marcha surgiu no Canadá pelo fim da culpabilização das vítimas em casos de agressão sexual e se espalhou pelo mundo, com protestos também no Brasil.

mulher. Destaca-se, nessa vertente, o trabalho da filósofa brasileira Djamila Ribeiro. Ativista e uma das principais referências do feminismo negro contemporâneo, a teórica defende a existência de uma multiplicidade de identidades e de ações atreladas às mulheres, defendendo que o feminismo deve abranger a luta contra todos os tipos de opressão. Segundo Ribeiro:

Possibilitar o deslocamento do pensamento hegemônico, a ressignificação das identidades sejam elas de raça, gênero dando espaço para a construção de novos lugares de fala tem-se mostrado cada vez mais urgente e necessário como forma de dar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica (RIBEIRO, 2015, p.49).

As reflexões interseccionais propostas pelo feminismo negro evidenciam a urgência de um pensamento feminista múltiplo, que percorra caminhos complexos, diversos e descontínuos. Estruturando-se em múltiplas categorias e definições, na luta pela não-hierarquia de gênero, é o lugar pelo qual o feminismo, com base interseccional, vem ganhando forças e destacando-se como um dos principais emblemas da quarta onda do movimento³⁰.

Essa nova onda reanima os esforços individuais, que, somados, produzem ecos coletivos em prol da libertação das amarras dominadoras que, por muito tempo, destinaram as mulheres a uma condição subalterna. O machismo sutil, o assédio sexual, o estupro naturalizado e a violência doméstica são temáticas que povoam as narrativas de sofrimento. As feridas estão, cada vez mais, escancaradas, e mulheres clamam por posicionamentos da sociedade. O empoderamento feminino e a sororidade³¹ são palavras de ordem da nova onda, instigados pelas narrativas que visam uma derrocada dos pensamentos patriarcais, encontradas em músicas, filmes, livros, poesias, festas de família e mesas de bar. A circulação incessante de palavras feministas conduz, de um lado, a legitimação das demandas, como também, por outro, sua deslegitimação por certos grupos sociais, posto que de uma resistência com fundamento nas questões históricas do movimento, com aporte em uma pequena renovação de pautas; discursos contrários e agressivos surgem na mesma medida.

Mesmo não exclusivas de uma terceira ou quarta onda, as interfaces do pensamento feminista com as questões de classe, gênero e raça são uma urgência. A luta interseccional é fundamental para as transformações política, social e cultural do movimento feminista em si. Sem ela, o discurso utilizado como base para a crítica feminista instigará a exclusão de mulheres trans, negras e das menos favorecidas economicamente, por exemplo, promovendo a divisão

³⁰ É também característica dessa nova o uso das redes sociais digitais para a disseminação das ideias feministas.

³¹ Empoderamento e sororidade são neologismos criados pela nova onda do feminismo e indicam, essencialmente, o autoreconhecimento e autovalorização da mulher e o apoio mútuo entre mulheres, respectivamente.

dentro do próprio movimento por não abarcar as demais vivências identitárias e uma vivência, no sentido amplo, que abrange as diferenças. Neste caso, uma luta esvaziada se voltaria contra suas próprias bases de combate à hierarquia e a violência.

Sendo assim, a quarta onda deve ser pensada como um combate a toda e qualquer opressão contra a mulher, ao abarcar as diversidades e especificidades culturais, sociais e de classe, refletindo sobre a representação do gênero e, ao mesmo tempo, tencionando o discurso do movimento. Nesse contexto, o feminismo brasileiro com suas crescentes campanhas de *hashtags*³² tem se destacado ao mobilizar um discurso múltiplo, muitas vezes sob uma base anticapitalista. A internet, apropriada como espaço de autonomia pelas mulheres, têm contribuído para circular os discursos feministas, conduzindo à mudança de posicionamentos e criando possibilidade de empoderamento individual.

2.1.1 Feminismo na internet

Seria a internet uma esperança para aquelas e aqueles que almejam se expressar de forma ativista? Seria um espaço para engajar sujeitos em prol de uma causa política, social ou ambiental? Questões controversas que dividem opiniões entre os pesquisadores da comunicação. Basta que resgatemos o início da construção de um pensamento entusiasmado, ancorado em um discurso de progresso e modernização da vida social, com o advento da internet, principalmente a partir dos estudos de Pierre Lévy³³, na década de 1990. Um discurso que pode até parecer coerente se voltarmos nossa reflexão somente para a “flexibilidade” proposta pelas novas tecnologias, como a de livre acesso, rapidez, a auto-promoção e a autonomia para a produção dos próprios conteúdos, por exemplo. Por parecer um meio democrático, comunicativo e progressista, segundo Wolton (2012, p. 84): “A Web torna-se uma figura de utopia, de uma sociedade onde os homens são livres, capazes de se emancipar por eles mesmos”.

A crença de que a internet democratizaria a informação foi ainda mais difundida a partir do surgimento de ferramentas de comunicação digital que concederam ao usuário a

³² A *hashtag* é uma palavra-chave seguida de uma cerquilha (#), utilizada para indexar e contribuir para publicidade de assuntos. A *hashtag* é um tipo de *link* e tem a função retórica de induzir o leitor a uma página dentro do mesmo espaço da rede social Facebook.

³³ O francês Pierre Lévy, em trabalho conjunto com o brasileiro André Lemos, considera que “a computação social aumenta as possibilidades da inteligência coletiva e, por sua vez, a potência do ‘povo’” (LEMOS E LÉVY, 2010, p. 14).

oportunidade de construção de narrativas próprias. O blog³⁴, por exemplo, ampliou a possibilidade de autoexpressão a partir da apropriação de um espaço virtual por um usuário de internet. Miller e Sheperd (2012) apontam que esses espaços possuem uma natureza confessional, sendo assim, ideais para a autoexpressão em prol da autoexposição de sujeitos e enunciados. Tal caráter conversacional pode permitir que ativistas se apropriem do espaço virtual como forma de mobilização estratégica em prol de suas causas de transformação coletiva em uma empreitada ciberativista³⁵. Com o advento dos sites de redes sociais, como o Twitter e o Facebook, ampliou-se ainda mais esse espaço de autoexpressão para os usuários, sejam eles ativistas ou não.

Porém, nosso objetivo não é romantizar a presença desses espaços virtuais. Compreendemos o funcionamento midiático dessas ferramentas, que proporcionam “facilidades” sob uma égide hierárquica, muitas vezes hegemônica. Não deixam também de haver desigualdades, individualismo e controle excessivo, por vezes, ações antidemocráticas e excesso de informação desnecessário, muitas vezes de modo agressivo, por ser um ambiente pretensamente “livre” e permitir diversas reproduções de conteúdo³⁶. Podemos pressupor que tal mídia não oferece progresso democrático sem limites, o que nos leva ao pensamento crítico e, ao mesmo tempo, ponderado, a respeito das ferramentas de comunicação digital.

Expressar-se de forma ativista na internet pode, muitas vezes, significar que um indivíduo está praticando um “ativismo de sofá”, como são denominadas pejorativamente as expressões ativistas na internet. Contudo, engajados em nossa reflexão ponderada sobre a internet, acreditamos que o ciberativismo é uma forma adicional de apropriação política. Considerado um ativismo que não demanda uma ação mais direta de enfrentamento ou mobilizações nas ruas, como as que costumeiramente se deram na história política, o ciberativismo acontece de forma discursiva nas redes de internet. O ciberativista se apropria das possibilidades das ferramentas de comunicação digital para produzir e circular informações

³⁴ Ainda que, atualmente, além do usuário comum, a ferramenta vem sendo utilizado tanto pela mídia hegemônica, como pela mídia independente.

³⁵ Pereira (2011) caracteriza ciberativismo, ou ativismo *on-line*, como o grupo de estratégias utilizadas na internet para fortalecer a ação política, seja por incentivo a ações que já ocorriam *off-line*, seja por novas ações *on-line*.

³⁶ Diante da ampla publicação de notícias falsas via redes sociais digitais, o Facebook tem excluído páginas e perfis que considera, de acordo com sua política, formarem uma “rede coordenada que se ocultava com o uso de contas falsas no Facebook, e escondia das pessoas a natureza e a origem de seu conteúdo com o propósito de gerar divisão e espalhar desinformação” (citação disponível na página do Facebook Brasil: <https://bit.ly/2NKhv17>). Até julho de 2018, foram excluídas cerca de 200 páginas e 90 perfis, como as páginas administradas pelo grupo de extrema-direita MBL (Movimento Brasil Livre), acusadas de violar as políticas de autenticidade do Facebook, publicando informações mal-intencionadas.

políticas. Por meio da linguagem digital, as ciberativistas apostam em um discurso político³⁷, engajado, em busca de uma visibilidade pública, conscientes de que, atualmente, não existe delimitação entre os espaços de redes digitais e a rua, e sim, novas formas de viver as coletividades em um espaço híbrido, conforme aponta Castells:

O espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados e dos prédios simbólicos visados em seus atos de protestos. Esse híbrido de cibernética e espaço urbano constitui um terceiro espaço, a que dou o nome de espaço da autonomia, porque só se pode garantir autonomia pela capacidade de se organizar no espaço livre das redes de comunicação [...] (CASTELLS, 2013, p.165).

É nesse espaço definido por Castells (2013) que as ativistas se articulam para construir e disseminar seus discursos, ampliando diálogos com seus públicos, o que pode contribuir para a legitimação de suas vozes e identidades. Em diálogo com Castells, os teóricos Antoun e Malini (2010) discorrem sobre o desenvolvimento das vozes de uma resistência contra-hegemônica na internet, quebrando o tradicional “monopólio da narração”. Sobre o sentido de resistência, Antoun (2001, p.139) explica que esse termo foi modificado pelos ciberativistas desde o início da atuação política pela internet. Segundo o autor, a comunidade ativista:

[...] mergulhou nas entranhas da Internet enquanto novo meio e constituiu através das potências anárquicas e libertárias, trazidas por ela, suas comunidades e suas práticas. Para o ativismo resistir não é mais apenas sofrer a paixão do embate com o poder atual do Estado e seus dispositivos de governo. Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente.

O autor destaca, portanto, o ciberativismo como um novo tipo de ativismo realizado por sujeitos que se apropriam das ferramentas da internet. Um ativismo que transformou a prática política individual e que utiliza as redes de comunicação digital como alavanca para a produção constante e veloz de conteúdo político, bem como para cultivar conversações, interações e diálogos virtuais. É inegável dizer que o Facebook é hoje a ferramenta utilizada para o ciberativismo, devido, principalmente, à liberdade de autoconstrução e interação oferecida por esse meio. O site de rede social digital é um aliado importante para a divulgação das causas defendidas que podem conquistar a adesão da sociedade, mesmo que, para isso, os ativistas

³⁷ Para Charaudeau (2013, p. 40), o discurso político é “resultado de uma atividade discursiva que procura fundar um ideal político em função de certos princípios que devem servir de referência para a construção das opiniões e dos posicionamentos”. Sendo assim, podemos considerar aqui como políticos os discursos das ativistas. Discursos que são motivadores de sistemas de pensamento político, a fim de engajar cidadãos nas causas que compartilham.

tenham que enfrentar a restrição de divulgação e compartilhamento de informações, que limita a visualização de notícias pelos usuários. Adaptando-se e apropriando-se do espaço do Facebook, as ativistas seguem desfrutando de todos os meios de comunicação possíveis, em constante luta por espaço de construção e definição de sentidos a partir da publicidade de alguns de seus discursos, a serem legitimados pela opinião pública.

Fato é que algumas conquistas têm sido registradas na história do ciberativismo, grande parte delas pelo movimento feminista. As pautas atuais são muitas: assédio, violência doméstica, estupro, desigualdades salariais e o aborto. As campanhas utilizando *hashtags*, como a “Meu Amigo Secreto”, realizada pelo Coletivo Não Me Kahlo e #YoAborte na Argentina, são fenômenos que resultaram em grande participação e repercussão na internet, discussões reflexivas *on-line* e *off-line* e, principalmente, um aumento das denúncias policiais de violência no Brasil e a recente legalização do aborto na Argentina.

Analisando mais especificamente a campanha brasileira Meu Amigo Secreto, esta atingiu seu auge em 2015, no Dia Internacional da Não Violência contra as Mulheres, celebrado em 25 de novembro, e fez um paralelo com a brincadeira típica de final de ano, o amigo secreto, publicizando através da *hashtag* #MeuAmigoSecreto histórias de violência contra a mulher. Segundo o movimento, ela foi “uma construção coletiva e espontânea” (LARA ET AL., 2016, p.14) realizada a partir de diversas publicações compartilhadas pelo Coletivo no *site* de rede social Twitter com a *hashtag* que chamava a atenção para o machismo de pessoas próximas. Imediatamente após a publicação no Twitter, diversas mulheres começaram a enviar suas próprias histórias. A adesão cresceu ainda mais com a divulgação da campanha no Facebook. Neste, apesar de o uso da *hashtag* não ser corriqueiro, sua utilização cresceu de forma acelerada e milhares de mulheres compartilharam seus relatos de violência.

Há de se considerar, portanto, que as empreitadas ciberativistas nas redes sociais digitais têm contribuído para a quebra de um silêncio após séculos de apagamento das vozes femininas. O Facebook, apropriado pelo ciberativismo, teve um papel fundamental na circulação das falas feministas. O site foi utilizado como um espaço de refúgio, onde as mulheres se sentiram à vontade para divulgarem seus relatos, sendo assimilado como lugar de identificação, reconhecimento e representatividade, evidenciando as tensões da sociedade.

Entretanto, ainda há violências e opressões contra mulheres em todos os âmbitos e grupos sociais, religiosos, culturais e econômicos, de diversas formas (física, sexual, psicológica, patrimonial e moral). O ato de resistir é complexo. As tentativas de Woolf, Beauvoir, Butler, Rupi, Djamilá e Marielle mostram isso. Woolf, (auto) silenciada pela

insustentável perseguição contra sua escrita. Beauvoir, criticada pelo posicionamento feminista em sua época, recusou-se por 26 anos a se expressar publicamente - até 1975, quando concedeu única entrevista à televisão francesa. Butler, agredida ao embarcar no Brasil para uma palestra³⁸. Rupi, censurada pelo site de rede social Instagram em 2015³⁹. Djamila, constantemente atacada na internet por seus posicionamentos. Marielle, assassinada. Mesmo que, conforme Beauvoir (2016, p.532), “É natural que a mulher tente fugir deste mundo, em que frequentemente se sente menosprezada e incompreendida [...]”, falas carregadas de dor e sofrimento, por vezes agressivas, conduzem a levantes que se perpetuam, auferindo forças. A história nos mostra que os avanços são frutos de lutas.

Nossa intenção nos primeiros tópicos foi apresentar um panorama sobre a expressão da mulher e sobre a luta feminista, através do pensamento de mulheres feministas que marcam épocas. No próximo tópico, apresentaremos as vozes de mulheres que, além de sofrerem violências de gênero, ainda enfrentam as ameaças de seu ativismo em prol do meio ambiente.

2.2 ATIVISMO AMBIENTAL COMO RESISTÊNCIA

*“Eu já estou sufocando! Enquanto você finge que nada está errado.”
(Fala do filme Mãe!)*

“Por áreas cada vez mais amplas dos Estados Unidos, a primavera agora surge sem ser anunciada pelo regresso dos pássaros; e as madrugadas se apresentam estranhamente silenciosas, nas regiões em que outrora se enchiam da beleza do canto das aves. Este súbito silenciar da canção dos pássaros – esta obliteração da cor e da beleza, bem como do interesse que as aves emprestam ao nosso mundo – se estabeleceu depressa, insidiosamente, sem

³⁸ Disponível em: <https://bit.ly/2hkxTea>

³⁹ Disponível em: <https://bit.ly/2Jiv9h2>

ser notado por aqueles cujas comunidades estão sendo por ora afetadas”.

Rachel Carson

Em *Mãe!*, filme de 2017 do diretor americano e ambientalista Darren Aronofsky, a personagem principal, interpretada pela atriz Jennifer Lawrence, é uma alegoria à Mãe-Natureza. Deusa Gaia. Mulher associada à fertilidade, fecundidade e generosidade. Visão ligada ao aspecto binário do gênero feminino, representada como passiva, dócil e dominável por outro personagem central, interpretado pelo ator Javier Bardem, que representa o Deus cristão ou o a materialização do patriarcado. A narrativa insólita da obra é desenvolvida pela sequência de imagens que incomodam o espectador no decorrer da narrativa fílmica. A extinção do meio ambiente é retratada sob um viés religioso, em que os personagens e as imagens se manifestam como alegorias bíblicas⁴⁰, em um processo de ressignificação de imaginários cristãos. Não só como metáforas, as imagens têm potência narrativa, podendo contribuir para a construção de um pensamento ativista a partir da fabricação performática de cenas que retratam a precariedade e o egocentrismo humano em relação ao meio ambiente.

Em *Mãe!* observamos uma mulher silenciada que cuida com zelo de sua casa (uma alusão ao planeta Terra), sujeitando-se à degradação do ambiente e à deslegitimação de sua fala. Dominada pelas ações agressivas dos seres humanos que se apropriam de sua casa, a personagem de Lawrence se revolta, ao final do filme, e destrói seu lar e sua vida, revelando sua ira. Sugerindo um olhar sobre a problemática da opressão feminina, ainda que dirigida por um cineasta homem, a obra erige a questão da mulher como portadora de uma “natureza

⁴⁰ O filme *Mãe!* trabalha com várias alegorias bíblicas e mitológicas em sua narrativa: como os personagens que representam Maria e seu filho Jesus, o Deus cristão, Adão e Eva e um conjunto de seres humanos fieis, bem como as imagens do fanatismo religioso e da morte de Jesus provocada por um grupo de indivíduos. O Deus cristão é apresentado como egocêntrico, cruel, machista e capaz de sacrificar seu filho por vaidade e extensão de seu poder. Maria, também alegoricamente apresentada como a Mãe-Natureza, é tratada como subalterna, inferior, engolida por uma massa de pessoas e por sentimentos de confusão mental trazidos pelo patriarcado que não a leva a sério. A casa é um imenso útero e reflete a natureza em degradação pelos seres humanos, personagens secundários do filme. São imagens críticas, denominadas assim por Didi-Huberman (2010), que reflete sobre a imagem no âmbito do visível. O autor considera a crítica como uma função da imagem dialética do filósofo Walter Benjamin, como aquela que reinventa o originário, “transforma e inquieta duravelmente os campos discursivos circundantes; enquanto tal, essa forma participa da ‘sublime violência do verdadeiro’, isto é, traz consigo efeitos teóricos agudos, efeitos de conhecimentos” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p.178), produzindo, assim, uma nova forma de discurso, que desperta.

feminina”. Alegorias que destacam o silenciamento e a violência contra a mulher são utilizadas na obra, bem como a degradação da natureza e sua revolta contra o indivíduo que a mortifica.

O contato com as imagens da obra, nos leva a considerar que a degradação do ser humano reflete na degradação do meio ambiente, em um processo cíclico de vida e morte representado pelas imagens bíblicas do Éden – em que a Mãe cuida de sua casa com zelo e é submissa ao seu marido, Deus, que impõe uma dinâmica machista à atmosfera familiar; da natividade – iniciada com a gravidez da Mãe, em que, a partir da espera do filho, uma destruição se inicia, realizada pelos seres humanos que se apossam da casa; e do apocalipse – com imagens de destruição da casa e de todos que se encontram nela após o nascimento da criança. Essas imagens nos inquietam, pois conjecturam a condição do meio ambiente e do ser humano, em diversas dimensões (religiosa, cultural, social, ambiental e política). A sujeição sistemática dos seres e da natureza apresentada no filme é o que provoca um levante, indicando que é pelo sofrimento que uma mobilização acontece, ou relembrando Dunker (2017, p.12): “[...] diante do sofrimento há sempre uma escolha a fazer, transformar o mundo ou transformar a nós mesmos”. Problemáticas que erguem o debate, notadamente aqueles sobre a sujeição da mulher e da natureza, a partir das diversas dimensões de resistência, bem como dos levantes (BUTLER, 2017) contra as opressões.

Levantam-se, então, os que estão cansados da exploração no limite do insustentável. A mobilização expressada pelo ato de se levantar ocorre para inaugurar uma nova situação, visando transformar padrões destrutivos e opressores. Gesto de contra-poder que pode ter como componente afetivo, a agressividade como estratégia de combate, algo que podemos notar ao final de *Mãe!*. A revolta, a ira da mulher, da natureza, que devastada, destrói. Uma tática de resistência, por assim dizer, utilizada por movimentos, como os feministas e ambientalistas, em momentos pontuais de suas histórias, visando à emancipação de um poder instituído, como aponta Butler (2017).

Levantes antigos levam a novas lutas (BUTLER, 2017). Repetição histórica de um sistema capitalista, mimese de papéis, normas sociais, produtos culturais e destruições. Algo próprio da modernidade que, sob o discurso capitalista do progresso e do desenvolvimento, movimenta as bases da sociedade, de forma veloz, sem real transformação, apenas exacerbando uma catástrofe.

Devido à crise ecológica, as questões ambientais, que concernem, por assim dizer, a todos os seres humanos, devem estar, necessariamente, no centro dos debates públicos. Contudo, a temática ambiental, muitas vezes, não é problematizada em sua ordem de grandeza

– quando muito, vinculada às leis do mercado - fazendo com que o indivíduo não se perceba como parte do meio ambiente, normalmente entendido como algo externo ao ser humano.

Dessa forma, recursos naturais transformados em mercadorias e dominados pelas intervenções humanas são regidos pela tônica da sociedade capitalista. Em uma ordem planetária, o G-8 - grupo das oito potências econômicas formado por Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Alemanha, França, Itália, Japão e Rússia - dita os negócios globais ancorados em interesses particulares de cada país associados ao capital financeiro. Esse pensamento foi praticado, durante os últimos anos, pelo até então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (2017-2020), contra as medidas para conter o aquecimento global, quanto nas determinações do ex-presidente Michel Temer, que ameaçam reservas na Amazônia, favorecendo o agronegócio, a até a anti-política ambiental praticada por Bolsonaro.

O Brasil já é marcado pela destruição histórica de sua área verde, sendo o país com maior nível de desflorestamento – na ordem dos milhões de hectares⁴¹ - e, cada vez mais, degradado por catástrofes e crimes ambientais como na região de Mariana, em Minas Gerais, com o rompimento de uma barragem de rejeitos da empresa Samarco, em 2015. O acontecimento, pior desastre ambiental da história do país, gerou 55 milhões de metros cúbicos de lama tóxica, com vítimas fatais e desaparecidos, danos sociais e econômicos aos moradores da região, bem como a morte de plantas e animais. Três anos depois, foi a vez Brumadinho, em Minas Gerais, sofrer com mais um crime ambiental e social, após o rompimento da barragem B1, da Vale, localizada na Mina do Córrego do Feijão, despejando 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos, deixando 270 pessoas mortas, onze desaparecidos e milhares de animais mortos.

O estado de Minas Gerais foi marcado negativamente, ainda, pelo desmatamento de uma área da floresta Mata Atlântica para a construção de cerca de 20 km² do Instituto Inhotim, um museu de arte contemporânea ao ar livre, edificado sobre bases criminosas de lavagem de dinheiro, trabalho infantil e similar ao trabalho escravo, além da grilagem de terras, desempenhadas por seu excêntrico idealizador Bernardo Paz⁴². A área desmatada alterou a paisagem local, com instalações de arte e um jardim de 5.000 espécies, sendo 700 hectares de flora importada, que, paradoxalmente, servem de apoio para o discurso de sustentabilidade

⁴¹ Dados disponíveis em: <https://bit.ly/2LLheOG>

⁴² Bernardo Paz foi condenado a nove anos de prisão por lavagem de dinheiro. Além desse crime, o idealizador do Instituto Inhotim ainda possui uma lista de outros, como a reportagem do site internacional de notícias *Bloomberg Businessweek* apurou: <https://bloom.bg/2JnveRi>. Informações disponíveis também no site Intercept Brasil: <https://bit.ly/2kYwMIS>

disseminado pela instituição artística. A construção do local ainda desapropriou uma comunidade que vivia na área rural de Brumadinho, com cerca de 140 anos de história e 300 habitantes, cujo nome era Inhotim. O processo de desvanecimento do povoado foi realizado aos poucos, mostrando-se conflituosa por um grupo de moradores que pertencia ao local. Entendemos, assim, que, além da construção do museu ser considerada uma ofensiva contra o meio ambiente, se constitui, ainda, como uma empreitada de topocídio, nos termos de Wildhagen (2015, p.47) que o define como aniquilação deliberada de lugares, que decorre “[...] de uma posição ideológica e cultural frente ao ambiente que é transformado”, segundo Wildhagen. O topocídio é uma das implicações da implantação de políticas degradadoras do meio ambiente, seja por via pública ou privada, sacrificando comunidades rurais em prol de espaços de lazer “naturais” para outras comunidades urbanas, ou ainda,

[...] legitimando o modo de produção predatório e insustentável enquanto houver áreas para contrapartidas ambientais. A experiência tem mostrado que os proprietários individuais ou as empresas têm degradado esses recursos naturais dentro de suas propriedades e que o próprio Estado tem criado políticas degradadoras do meio ambiente (Diegues, 1996) (WILDHAGEN, 2015, p.50).

Sinônimo de extinção de lugares, povos e culturas, o topocídio evidencia as táticas pertencentes a um paradigma destrutivo, que, sob o discurso do progresso e do desenvolvimento, condenam lugares e pessoas a uma condição de inexistência. Similar ao que aconteceu em Inhotim, também é topocídio o ocorrido com os povoados após o rompimento da barragem de Mariana e Brumadinho.

Não faltam exemplos na história mineira. O estado, nascido sob a égide da mineração, possui vários exemplos de lugares destruídos em prol dessa atividade, para a construção de barragens ou ainda para dar lugar à urbanização. Somam-se casos, como o do Curral Del Rey, extinguido em 1893 para a implantação da capital Belo Horizonte, e da maioria das cidades mineiras do período colonial.

Esses são acontecimentos que se unem a outros atuais, fazendo parte de um cenário mundial de degradação frequente da natureza. Uma deterioração milenar de ambientes, com suas faunas e floras, povos e culturas, muitas vezes revelada em notícias, relatórios de instituições ambientais e Organizações Não-Governamentais (ONGs), nos inflamados discursos ativistas e que, em alguns momentos pontuais, causam reações da sociedade, como as obtidas após a publicação da obra *Primavera Silenciosa*, da ambientalista Rachel Carson, em 1962.

A bióloga foi uma das primeiras ambientalistas a conquistar visibilidade, sobretudo após revelar a contaminação socioambiental provocada pelo uso de pesticidas em sua época. Sua obra foi fruto de um estudo aprofundado de quatro anos, iniciado após a constatação da morte de pássaros em decorrência da utilização do DDT (diclorodifeniltricloroetano). Em tom de urgência, Carson denuncia em seu livro uma cadeia de envenenamentos provocados pelo uso indiscriminado de venenos e pesticidas, substâncias compostas em laboratórios e que a ambientalista denomina “elixires da morte”, como o arsênico, a clordana, a aldrina, o paratião e o próprio DDT. Este último foi utilizado no combate da malária, da febre amarela e do tifo, transmitida por piolhos, bem como na execução de insetos em plantações.

O borrifamento de DDT, incluindo a prática de pulverizações aéreas, para o combate a pragas ocorreu em ambientes rurais e urbanos. Até mesmo pessoas faziam filas para receberem o agente químico em busca da eliminação de piolhos causadores do tifo. Findando por infectar não só seres humanos, como também as águas, lençóis freáticos, solos, plantações e animais. Carson relata que a passagem de químicas tóxicas sobreveio, inclusive, da mãe para o bebê, através do leite humano, bem como o envenenamento ainda no ventre:

Em animais experimentais, os inseticidas compostos de hidrocarbonetos clorados atravessam livremente a placenta, que é o tradicionalmente escudo de proteção entre o embrião e as substâncias nocivas do organismo materno. Embora as quantidades assim recebidas pelos bebês humanos possam ser normalmente pequenas, essas mesmas quantidades não são destituídas de importância, porque as crianças são mais susceptíveis ao envenenamento do que os adultos. Esta situação também significa que, hoje, o indivíduo médio começa sua vida, quase que com toda certeza, com um primeiro depósito da carga cada vez mais volumoso de substâncias químicas que o seu corpo será solicitado a carregar consigo daí por diante (CARSON, 1969, p.33).

Armazenadas nos corpos dos seres humanos, as substâncias tóxicas destroem as enzimas protetoras do corpo, impedem os processos de oxidação, impondo obstáculos ao funcionamento dos órgãos, podendo, ainda, modificar células que potencializam a enfermidades como o câncer, levando também à morte.

Tais métodos de controle químicos maciços, ganharam forças durante e após a Segunda Guerra Mundial, com as primeiras colonizações de espaços rurais pela agricultura em uma batalha contra insetos e ervas daninhas, tanto quanto para erradicar transmissores de doenças e até como arma química durante. Sob o discurso moderno de redução de danos, seja para fomentar uma superprodução, seja para eliminar insetos que transmitem doenças, a disseminação desses venenos segue promovendo uma grave devastação do meio ambiente, exterminando recursos naturais e seres a longo prazo. Apresentando dados alarmantes, a obra

de Carson contribuiu para o banimento do uso do DDT⁴³ e de outros pesticidas sintéticos nos Estados Unidos. Contudo, hoje, o DDT ainda é utilizado em alguns países como China, África do Sul e Índia (maior consumidor do mundo)⁴⁴, seja como composto para combater doenças, seja como pesticida no combate a insetos.

Outros agentes químicos ofensivos também são empregados, principalmente como agrotóxicos. O Brasil é o país que lidera o ranking de utilização de agrotóxicos⁴⁵, incluindo quatorze proibidos no mundo. No país, o discurso do “uso seguro” dos pesticidas é frequente, principalmente entre os defensores da volta do DDT para o combate à dengue, mesmo com a divulgação de mortes que podem estar relacionadas ao pesticida, como no Acre, na década de 1990, onde 114 funcionários da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) morreram após serem expostos ao DDT durante trabalho de combate à malária na região⁴⁶. Uma história que serve de trágico símbolo para os efeitos destrutivos desses venenos.

Atualmente, diversos pesticidas estão nos alimentos que consumimos e no ar que respiramos, conseqüentemente, nas células, órgãos e tecidos do nosso corpo. Sob o mito da utilização segura, a produção e o consumo a qualquer custo continua trazendo malefícios. Causam cerca de 200 mil mortes por envenenamento a cada ano, segundo a ONU⁴⁷, sendo que 90% das fatalidades ocorrem em países em desenvolvimento, onde as leis ambientais são frágeis. A exposição aos pesticidas ainda está ligada ao surgimento do câncer, problemas hormonais, infertilidade⁴⁸ e doenças como Parkinson e Alzheimer. Se conecta, ainda, segundo Lovisi et al. (2009), a altas taxas de suicídio em algumas regiões rurais brasileiras, como no Rio Grande do Sul, onde a exposição a pesticidas conduziu a transtornos depressivos acarretados pela contaminação.

Rachel Carson, em *Primavera Silenciosa*, já havia profetizado a continuidade do uso dos pesticidas, indicando que uma única exposição aos venenos poderia contaminar por anos (e até décadas) ambientes e seres, constituindo-se raridade a recuperação das áreas, para a autora “[...] quanto mais ampla é a área pulverizada, tanto mais sério é o prejuízo, porque nenhum

⁴³ No início de 1970, o DDT foi proibido também em outros países industrializados. Em 2001, 122 países, incluindo o Brasil, assinaram a Convenção de Estocolmo sobre Poluentes Orgânicos Persistentes, que proíbe o uso e a comercialização de 12 substâncias tóxicas, incluindo o DDT, passando a valer em 2004.

⁴⁴ Dados disponíveis em: <https://bit.ly/2yzCyUX>

⁴⁵ Informação disponível em: <https://bit.ly/2MQipgq>

⁴⁶ O acontecimento ganhou repercussão nacional na época e até hoje os funcionários lutam por indenização. Disponível em: <https://bit.ly/2Kcl56i>

⁴⁷ Dados retirados do site da ONU, disponível em: <https://bit.ly/2ITDe0w>

⁴⁸ Casos de infertilidade foram retratados em uma pesquisa norte-americana de 2018. Informação disponível em: <https://bit.ly/2KbkRfM>

oásis de segurança remanesce” (CARSON, 1969, p.97). Entretanto, o silenciamento a respeito dos efeitos maléficos do uso de pesticidas ao longo da história, sobretudo a partir do apelo capitalista que motiva a redução do controle desses agentes químicos, conduz a projetos de lei como a denominada “PL do Veneno”, série de medidas propostas em 2002, que voltaram a tramitar no Congresso Brasileiro em 2018. A PL prevê alterações na Lei de Agrotóxicos brasileira (Lei 7802/89) e, em contrapartida, ganha o repúdio de ambientalistas e de parte da população brasileira, ao suscitar mudanças que dissimulam a nocividade dos agrotóxicos, como a alteração do termo “agrotóxico” para “defensivo fitossanitário” e da centralização das avaliações toxicológicas de produtos pelo Ministério da Agricultura, retirando a responsabilidade do Ibama e da Anvisa, instituições responsáveis pela realização do controle ambiental; facilitando, assim, o registro de novos pesticidas no país e, conseqüentemente, favorecendo o agronegócio, amplo promotor de impactos ambientais no país. Esse fato, somado a outros repercutidos mundialmente, reflete a situação degradante do favorecimento capitalista em detrimento da preservação do meio ambiente, como apontado por Carson, na década de 1960:

O “controle da Natureza” é frase concebida em espírito de arrogância, nascida da idade ainda neandertalense da Biologia e da Filosofia, quando se pressupunha que a Natureza existia para a conveniência do Homem. Os conceitos e as práticas da entomologia aplicada datam, em sua maior parte, da Idade da Pedra da ciência. É nossa alarmante infelicidade o fato de uma ciência primitiva se haver equipado com as armas mais modernas e terríveis, e de, ao voltar tais armas contra os insetos, havê-las voltado também contra a terra (CARSON, 1969, p. 305).

A problemática do que vale mais, o lucro advindo do controle químico da natureza ou a existência na terra, paira no ar desde a repercussão da obra de Carson. A autora, que faleceu quatro anos após a publicação do livro, aos 56 anos, poderia responder à questão anterior com uma frase do músico Neil Young: *It's better to burn out than to fade away*⁴⁹. Inflamar debates ambientais pelo mundo foi a estratégia de Rachel Carson até sua morte. Mesmo com reações contrárias, sua obra teve impacto instantâneo, principalmente no movimento ambiental, que, impulsionado pelas discussões, preserva a luta contra os agrotóxicos até hoje, em busca de um modelo agrícola com menos dependência dos pesticidas que se apresentam amplamente danosos.

⁴⁹ “É melhor queimar do que desaparecer”, tradução nossa para o trecho da música *Hey Hey, My My (Into The Black)*, de 1979, do músico e também ambientalista Neil Young.

Até aqui, muito esforços foram investidos por ambientalistas, seja através de denúncias, da educação ambiental, de participação em conselhos responsáveis por auxiliar na construção de políticas públicas, de pesquisas, de monitoramento e fiscalização, da implementação de projetos, de assessorias de ideias e práticas, bem como de formação de militantes (BORN, 2008⁵⁰). Ameaças ainda são mantidas no dia-a-dia dos ambientalistas, fazendo da causa um risco, principalmente aos brasileiros, que vivem no país mais perigoso do mundo para o ativismo ambiental⁵¹ e são, muitas vezes, criminalizados injustamente por sua atuação. Apesar disso, esse tipo de ativismo político ainda ganha forças e visibilidade, justificadas pelos riscos eminentes com o crescimento acelerado da degradação ambiental e das políticas que priorizam os interesses econômicos em detrimento da preservação ambiental, uma ideia de progresso ditando o desenvolvimento da sociedade que, como vimos, é própria da modernidade.

2.2.1 Vozes que eco(am)

“Ora cara não me venha com esse papo

Sobre a natureza

Cada um inventa a natureza

Que melhor lhe caia

Uma natureza que é a sua cara

Uma natureza cuspidada e escarrada

Onde existe o dito natural

E o animal perfeito mora

Onde a verdade é garimpada

Até não sobrar nada

Na sede

O sexo

O peixe

⁵⁰ Born (2008, p.110) se concentra em elencar as funções e a evolução do movimento ambientalista no Brasil.

⁵¹ Pela quinta vez consecutiva, o Brasil foi considerado o país mais perigoso do mundo para ambientalistas, registrando o maior número de assassinatos - 49 mortes só no ano de 2016. Essas informações foram divulgadas pela ONG Global Witness (13/7/2017 – <https://goo.gl/pbve9Y>).

O índio
O rio
Concreto
Invadindo os edifícios

Um nome
Um muro
Circuito Fechado
Um olho Aberto
Pra você dormir tranquilo.”
Elza Soares

É com letras e performances musicais explosivas que a cantora Elza Soares, no álbum *Deus é Mulher*, de 2018, chama atenção para a degradação do ser humano e da natureza. Ecos de uma vivência sofrida por décadas, em um país que apresenta altos índices de opressão às mulheres, aos negros, aos indígenas, aos menos favorecidos economicamente e ao meio ambiente. É como se ouvíssemos o grito de Elza em suas músicas. Grito de resistência à dominação histórica, vindas de uma mulher negra, com mais de 80 anos de idade, capaz de refletir sobre essa problemática através da arte.

Elza, mulher que ganhou célebre posicionamento na sociedade brasileira com sua voz rouca e vibrante e presença corpórea imponente, que a consagrou como cantora na década de 1960, sendo considerada, internacionalmente, a cantora brasileira do milênio e ícone atual de uma luta feminista, antirracista e anticapitalista. Elza transcende barreiras de uma realidade que lhe foi cruel. Nascida na favela de Moça Bonita, Rio de Janeiro, foi empregada doméstica, casou-se aos 12 anos, teve seu primeiro filho aos 13. Em sua história, já velou cinco filhos e foi denominada “vadia”, por se envolver com o jogador Garrincha, que a agrediu diversas vezes durante os 17 anos de casamento. “Minha voz, uso para dizer o que se cala”, canta Elza em “O que se cala”. Sobrevivente de uma violência, sua rebeldia, revolução e raiva libertadora ódio são retratadas nas melodias melancólicas tanto do álbum *Deus é Mulher*, quanto em *A Mulher do Fim do Mundo* (2015), que problematizam suas vivências em um âmbito subjetivo, abarcando a violência estrutural e endêmica contra a mulher, o empoderamento feminino, a intolerância religiosa e a crítica midiática. Destaca ainda a agonia da terra e do povo indígena.

Mais uma vez, notamos aqui o sofrimento mobilizante da mulher, pelo ativismo interseccional de Elza. Lembraremos, assim, de Christian Dunker (2017), que identifica no sofrimento narrado um potencial transformador. Escrita de si como estratégia terapêutica e política, revela testemunhos de vida. Pela voz de Elza, a evidência das dores dos povos indígenas reflete a condição limiar daqueles que, em grande parte, buscam a preservação da natureza. Marcas que estão ainda nas falas autobiográficas de Zitkala-ša, indígena norte-americana da tribo Sioux, uma das primeiras a ganhar visibilidade no século XIX. No ensaio “Porque sou pagã” (2012), a escritora e ativista exalta a natureza em meticulosos fragmentos, destacando cenários e conhecimentos da tradição indígena própria de sua tribo:

Meu coração e eu ficamos pequenos na terra como um grão de areia palpitante. Nuvens vagantes e águas tilintantes, juntas no calor de um dia de verão acolhedor, falam com eloquência do Mistério amoroso que nos rodeia. Durante o descanso, enquanto sentava à margem ensolarada do rio, cresci um pouco, embora minha resposta não seja tão clara como a grama verde que ladeia a beira das alcantilas das colinas atrás de mim. Em seguida, ao regressar pelo caminho incerto que leva ao dique inclinado, sigo em direção às terras planas onde crescem as flores silvestres da pradaria. E eles, a gente pequena e encantadora, abrandam minha alma com seu alento perfumado.

[...] Contudo, eu jamais esqueceria que o missionário cara-pálida e o aborígene enfeitado são criaturas de Deus mesmo que seus conceitos próprios de Amor Infinito sejam verdadeiramente pequenos. Como uma pequena criança cambaleando num mundo maravilhoso, prefiro, antes que seu dogma, meus passeios nos jardins naturais onde se escuta a voz do Grande Espírito no canto das aves, no agitar das águas poderosas e na doce respiração das flores. Se isso é paganismo, então, ao menos, neste momento, sou pagã. (ZITKALA-ŠA, 2012, p.139 e 142)

De forma mais sutil do que Elza, mas não menos impactante, Zitkala-ša foi voz de resistência em sua época. Ao revelar seu pertencimento indígena, apoiado no enaltecimento do espaço natural, ela se posiciona contra a superioridade de um “missionário cara-pálida” ou do “aborígene enfeitado”, como problematiza. Mundialmente marginalizada, a população indígena representava, mundialmente, em 2010, 370 milhões de pessoas, segundo dados da última pesquisa da ONU⁵². Desse montante, grande parte vive em situação precária de saúde e abusos, ameaçada pela desapropriação de terras. No Brasil, em mais de 500 anos de luta contra a opressão, essas marcas de violência são latentes, apresentando hoje um alto número de mortes de indígenas - contabilizando-se 118 em detrimento de homicídios em 2016, bem como o falecimento de 735 crianças com menos de 5 anos, segundo último relatório do Conselho

⁵² Disponível em: <https://bit.ly/2JGSXv2>

Indigenista Missionário⁵³. Fazem parte desses dados o massacre de Caarapó, no Mato Grosso do Sul, no dia 14 de junho de 2016, que ganhou repercussão nacional pelo ataque brutal de fazendeiros armados contra os Guarani e Kaiowa. A investida violenta resultou no assassinato do Kaiowa Clodiodi Aquileu Rodrigues de Souza e contabilizou outros feridos gravemente. Um acontecimento violento que reflete a realidade do povo indígena brasileiro. Falas como a do servidor da empresa Itaipu Binacional, “Índio tem que tratar no cacete porque eles não gostam de coisa delicada”⁵⁴, durante investigação sobre a comemoração pela queima criminoso de casas indígenas em 1981, na Ditadura Militar, ratificam a violência empregada contra os indígenas desde a colonização do espaço brasileiro. O fato evidencia mais um caso de topocídio, de abuso de poder e naturalização da morte.

Diante de acontecimentos e situações degradantes, emerge a voz da luta indígena brasileira por uma liderança feminina: Sônia Bone Guajajara, do Maranhão / Amazônia. Em prol dos direitos indígenas e da preservação da natureza, a militante instiga uma luta de fortalecimento a sua cultura e seu povo, ocupando espaços políticos, ao reclamar por melhores condições e legitimidade do território, bem como se posicionar a favor do protagonismo feminino⁵⁵. Em manifesto divulgado em 2018, também denominada “Carta por uma Candidatura Indígena, Anticapitalista e Ecosocialista à Presidência do Brasil”, Sônia aponta os frutos de uma política indigenista deficiente, levantando-se contra o silenciamento do seu povo:

O tempo em que vivemos é duro. O conservadorismo avança, os direitos trabalhistas são esfaqueados, o que resta da saúde e educação pública sofre um desmonte contínuo. As cidades são afetadas pela especulação imobiliária, baixa qualidade de vida, e violência urbana. No campo e na floresta, o agronegócio, a mineração, e o desenvolvimentismo capitalista predatório desmatam, poluem nossos rios, e atacam violentamente a vida dos nossos povos, dos pequenos agricultores, quilombolas e comunidades tradicionais. Quando nós resistimos e nos contrapomos a esse modelo, somos ameaçados, somos assassinados e até nossa voz querem silenciar. Nós não aceitamos isso (Manifesto publicado por Sônia Guajajara em <https://bit.ly/2JAZoeW>).

⁵³ Disponível em: <https://bit.ly/2HBPsKQ>

⁵⁴ A fala foi dita durante a investigação da Comissão da Verdade do Paraná, em 2018, sobre a comemoração de funcionários da Itaipu pelo incêndio em casas indígenas para a construção represa em Foz do Iguaçu. Relato consta na reportagem do site The Intercept Brasil: <https://bit.ly/2L5NoI8>

⁵⁵ Falas de Sônia Guajajara durante entrevista ao canal do Youtube Agência Pública. Disponível em: <https://bit.ly/210DE2e>

Com um olhar sistemático a respeito da causa indígena, Sônia Guajajara é uma das vozes da resistência. Unem-se a ela outras vozes como as das brasileiras Madalena Caramuru, Josefa Paulino da Silva, Margarida Maria Alves e Dorothy Stang⁵⁶, de diversas regiões e identidades, sejam visíveis ou invisíveis, que inspiram a transformação política, social e ambiental. Uma resistência que pode estar na sutileza do dia-a-dia, como as que encontramos em algumas das narrativas que analisamos das mulheres feministas e ambientalistas, em seus discursos, vivências ou em suas presenças corpóreas, nas comunidades locais, em prol de uma defesa da natureza e de todos que fazem parte. Mulheres, portanto, movidas pelos altos índices de degradação da natureza e da ampliação de uma consciência ambiental.

Se voltarmos na história, encontraremos alguns indícios de uma ainda incipiente consciência ambiental no Brasil, que começaram a ser exibidos pela população durante as décadas de 1960 e 1970, quando a sociedade altamente urbanizada começou a sentir os efeitos colaterais da industrialização, resultantes do crescimento da poluição. Porém, o marco da consciência ambiental foi registrado em 1992 (CRESPO, 2008), quando uma preocupação pouco antes manifesta⁵⁷, foi instigada durante a discussão de temáticas ambientais na Conferência Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento – Eco-92, denominada também Rio 92 - a mais importante reunião mundial de meio ambiente realizada, originando uma pluralidade de vozes que hoje expõe e propõe soluções para as problemáticas ambientais.

Nesse contexto, cresceu também a legitimidade e a atuação do ambientalismo, realizado tanto por ONGs e movimentos ambientais, quanto por ativistas ambientais, que atuam em conjunto, ou não, com as instituições. CRESPO (2008, p.62) diz que antes da Eco-92, os ambientalistas eram considerados pela população como chatos ou românticos que pregavam o amor à natureza, “ou radicais que se opunham ao desenvolvimento que o governo e as empresas se propunham a produzir (usinas nucleares, hidrelétricas, desmatamento para urbanização ou plantação de soja, retificação de rios para torná-los navegáveis, etc.)”. Movimento político, o ambientalismo cresceu simetricamente à evolução da consciência ambiental, instigado pelo protagonismo de diversas mulheres e homens engajados na defesa do meio ambiente. Seja por palavras, seja por atos, é objetivo das ambientalistas projetarem ações ecologicamente corretas, examinando a atuação do ser humano em interação com o meio ambiente e posicionando-se

⁵⁶ Suas biografias são citadas no livro SOUZA, Duda Porto de. *Extraordinárias – Mulheres que revolucionaram o Brasil*. São Paulo: Seguinte, 2018.

⁵⁷ Uma pesquisa realizada entre os anos de 1991 e 2001, relatada por Crespo (2008), aponta que a consciência ambiental aumentou gradativamente neste período no Brasil e isso se deve a evolução do discurso ambientalista, que é “[...] internalizado como consciência generalizada e prática coletiva.” (CRESPO, 2008, p.73)

contra inúmeras formas de destruição instaladas. Com um caráter político, o movimento possui um discurso contra-hegemônico que visa destituir paradigmas que incitam, diretamente ou indiretamente, o comportamento destruidor do meio ambiente⁵⁸.

Anteriormente, em Nogueira (2015), dialogamos com os teóricos que versam sobre o movimento ambiental, refletindo sobre suas estratégias discursivas e a (des)legitimação perante a sociedade. Identificamos o ambientalismo como uma aposta discursiva, que utiliza diversas estratégias para engajar e incentivar a transformação de pensamento a respeito da natureza. Uma proposta que sugere uma livre decisão aos sujeitos, pressupondo atos individuais em prol de um bem coletivo. Orientados à formação de redes, os movimentos atuam contra a racionalidade técnica e científica da nova ordem global (CASTELLS, 1999). As estratégias ambientalistas vão desde a organização de eventos, a atividades para a conscientização de uma população mundial, regional ou local. O movimento também objetiva a influência nas legislações e nas atitudes dos políticos. Fato que faz com que, desde seu surgimento, os movimentos buscassem uma aproximação cada vez maior com a política, incorporando práticas de *lobby* e campanhas internas, que tendem a influenciar candidatos e eleitores em favor da problemática ambiental.

Nesse sentido, podemos dizer que há uma busca por visibilidade e legitimação que instiga o ativismo ambiental, a fim de mobilizar os indivíduos. Assim, os meios de comunicação são vistos como aliados, fazendo com que os movimentos promovam eventos altamente midiáticos, flexibilizados pela carga persuasiva e participativa das questões que o movimento coloca em pauta no espaço público. Dryzek (2013) diz que questões ligadas ao meio ambiente são de ordem moral e devem estar constantemente em debate na esfera pública, demandando intensas trocas argumentativas e de pontos de vista, a fim de chegar a soluções capazes de assegurar desfechos considerados justos e legítimos pela maioria dos indivíduos e grupos interessados. São questões que demandam alta densidade de expressão e justificação de ordem coletiva.

Em sua história, o ambientalismo tem realizado certa pressão política e produzindo engajamento civil, utilizando ferramentas de comunicação em diferentes lutas. Entretanto, podemos notar que certas apropriações do discurso ambientalista, principalmente por empresas privadas e públicas que incentivam o marketing verde ou utilizam a sustentabilidade como

⁵⁸ Deixamos claro, neste momento, que não temos uma leitura romantizada da atuação dos movimentos ambientais. Nosso intuito é fazer a problematização da questão e a defesa de determinado modo de pensamento não-romantizado a respeito da politicidade de tais movimentos, o que será feito mais adiante.

mercadoria, podem esvaziar as propostas do ambientalismo, ao utilizarem a proteção do meio ambiente como parte de suas retóricas capitalistas, visando aumentarem seu alcance produtivo.

Diante dessa reflexão, qual seria o caminho do ambientalismo para transformar efetivamente as decisões individuais? Como as mulheres podem se apropriar do ambientalismo para legitimar o ativismo? Como vozes e vivências ativistas individuais podem ganhar ecos coletivos e se transformarem politicamente? Problemáticas sobre o ativismo ambiental que nos dispomos a meditar nesta tese, por meio de análises discursivas e reflexões teóricas. Uma proposta de reflexão que vem, principalmente, da leitura crítica de Žižek (2016). Olhando para as ameaças que resultam das intervenções econômicas, tecnológicas e científicas dos seres humanos na natureza, o autor discorre sobre a existência de um discurso alarmista dos ambientalistas, acobertado pelo sistema capitalista, resultando em uma minimização dos acontecimentos ambientais, fluindo a lógica de “baixas probabilidades e grandes consequências” (ŽIŽEK, 2016, p.352). A fim de construir um pensamento ambiental holístico, que compreenda a degradação em um modelo estrutural – envolvendo aspectos políticos, econômicos e culturais - o autor defende que as observações científicas devem ser consideradas, mesmo que o ambientalismo sugira que a produção tecnológica seja parte da degradação ambiental. Pensar contra a ciência seria algo insustentável para o movimento, que depende de ferramentas técnicas para diagnosticar a degradação da natureza. Paradoxalmente, recai sobre o indivíduo a atuação de um “circuito autoreflexivo” (ŽIŽEK, 2016, p.352), em que riscos são produzidos pelas intervenções humanas, principalmente tecnológicas, também utilizadas para controlar tais ameaças. Não há, portanto, uma estratégia ambientalista que seja eficiente sem a disseminação do saber científico. Sem isso, reside sobre o movimento ambiental somente gestos vazios, puramente alarmistas⁵⁹. Assim, a deficiência de um engajamento ativo, participação desejada pelos movimentos ambientais, acontece sem fundamentos adequados de conhecimentos, porém com a sensação de liberdade de escolha instigada pela sociedade contemporânea, segundo Žižek:

O derradeiro impasse da sociedade de risco reside na lacuna entre saber e decisão, entre a cadeia de razões e o ato que resolve o dilema (em termos lacanianos, entre S2 e S1): não há ninguém que ‘conheça realmente’ o efeito global – no nível do saber

⁵⁹ Žižek (2016, p.352) aponta que “todas as noções atuais de ameaça ecológica, desde o buraco na camada de ozônio até o risco de fertilizantes e aditivos químicos para a fertilidade humana, são estritamente dependentes do saber científico (em geral, do tipo mais avançado).”

positivo, a situação é radicalmente ‘indecidível’, porém nós temos de decidir (ŽIŽEK, 2016, p.354).

Compelido a se posicionar, a decisão do sujeito sobre “como agir” se vê, assim, fadada a um esvaziamento, devido a sua incerteza angustiante. Os detentores do “Conhecimento” são, na verdade, “todos os painéis governamentais, comissões de ética e outros existem para ocultar essa abertura e essa incerteza radicais” (ŽIŽEK, 2016, p.355). Os riscos ambientais possuem, assim, raízes socioeconômicas mais profundas do que os seres humanos podem imaginar.

Nesse sentido, resgatamos aqui o pensamento de Rachel Carson sobre o apagamento dos reais motivos das catástrofes que vivenciamos. A autora reafirma que o compromisso de uma pessoa com as causas ambientais estaria ligado ao seu contato com a perspectiva do sistema capitalista a sobre tais causas. A visão ecológica estaria, assim, dominada pela atuação do filtro de um capitalismo totalizante, que recobre todas as dimensões da sociedade, deliberando sobre o silenciamento e evidenciamento das pautas. Alerta Carson:

O cidadão que desejar fazer julgamento imparcial do problema das perdas, no setor da vida silvestre, se defronta, hoje, com um dilema. De um lado, os conservacionistas e muitos biólogos da vida silvestre afirmam que tais perdas têm sido severas, e, em alguns casos, até mesmo catastróficas. De um outro lado, os departamentos de controle inclinam-se a negar, simples e categoricamente, que tais perdas hajam ocorrido, ou que se revistam de alguma importância, se ocorrerem. Qual das duas afirmativas devemos nós aceitar? (CARSON, 1969, p.96).

Em uma empreitada afrontosa aos modos de produção dominante e a um sistema que apaga os fundamentos da devastação ambiental, Carson foi alvo de diversas reações contrárias a ela. A proposta de banimento de agentes químicos mortíferos é deslegitimada por certos grupos⁶⁰, minimizando os efeitos dos pesticidas e os apontando como importantes na atualidade para a erradicação de males como a dengue. Nossa discussão sobre o perigo do uso de certos agentes, baseada em Carson (1969), já demonstrou as consequências da utilização desses venenos. Contudo, uma cultura de negação persiste, instigando uma visão periférica e limitada das questões ambientais.

A expansão de uma consciência ambiental com base em uma crítica anticapitalista poderia fazer com que os seres humanos decidam melhor suas ações? A crença em tal transformação motiva alguns ambientalistas, principalmente as defensoras do ecofeminismo.

⁶⁰ Um dos exemplos encontrados, dentre tantos outros, está em um texto que defende o uso do DDT, publicado na Revista Veja: <https://abr.ai/2Lte01S>

Mesmo que apresente uma visão binária do feminismo, consoante à segunda onda do feminismo - que tem em Beauvoir sua maior representante, evidenciando de forma universalista o conceito de mulher, sem considerar um discurso múltiplo -, o ecofeminismo apresenta contribuições para o movimento ambiental ao acreditar que uma luta sistemática deve ser efetuada, instigando mulheres a essa mobilização.

Fundado em 1972 pela feminista francesa Françoise d'Eaubonne, o ecofeminismo é uma escola filosófica que simboliza a síntese desse movimento em interação com o feminismo. Atualmente, a principal ativista do movimento é a indiana Vandana Shiva, que desde a década de 1980 defende a causa pelo mundo. Shiva nasceu em 1952, em dezembro, um mês após um nevoeiro acometer a cidade de Londres, na Inglaterra, pior evento de poluição atmosférica da história europeia. Composto de ácido sulfúrico, fruto de uma poluição intensa ocasionada pela utilização de carvão em casas e fábricas, a névoa impediu a oxigenação de milhares de pessoas, levando a óbito cerca de doze mil. Sua infância foi em meio ao início de desastres ambientais como o de Londres. Envenenamentos com material industrial, derramamentos de petróleo, desmatamentos, bem como a ampliação do uso de pesticidas mortíferos são alguns desses eventos catastróficos calhados com a industrialização mundial. A Índia, país de Vandana Shiva, ainda sofre com uma legislação ambiental fraca e até inexistente, em alguns casos, reunindo uma série de ações degradantes, abrigando 80% de seu esgoto despejado nos rios e o acúmulo de toneladas de lixo em cidades como Mumbai, imersa em montanhas de detritos.

Foi a partir do enfrentamento do lixo atômico e do corte indiscriminado de árvores por madeireiros que, a ainda jovem, Vandana Shiva iniciou sua empreitada ativista. No início dos anos 1970, com cerca de vinte anos, ingressou no movimento Chipko de mulheres que utilizavam a tática de abraçar árvores para impedir sua derrubada. Em 1982, já com doutorado em Filosofia da Física, abandonou a carreira acadêmica para se dedicar exclusivamente ao ativismo ambiental. Ao lado de Carson, ela está hoje entre os maiores nomes ambientalistas do mundo. Lançou diversos livros e manifestos, entre eles *Ecofeminismo*, escrita de forma colaborativa com a cientista feminista Maria Mies, evidenciando a sincronização dos pensamentos ambiental e feminista, como explana no excerto:

Somos um movimento com uma identidade feminina e acreditamos que temos uma tarefa especial a desempenhar nestes tempos ameaçados. Vemos, como uma preocupação feminista, a devastação da Terra e dos seus habitantes pelos guerreiros empresariais e a ameaça do extermínio nuclear pelos guerreiros militares. [...] Em toda a parte onde as mulheres agissem contra a destruição ecológica e/ ou a ameaça do extermínio atômico, cedo se deram conta da relação entre a violência patriarcal contra as mulheres, contra outros indivíduos e contra a natureza. Ao desafiarmos este

patriarcado, estamos a ser leais com as futuras gerações, com a vida e com o próprio planeta. Temos uma profunda e particular compreensão disto, quer pelas nossas naturezas quer pela nossa experiência enquanto mulheres (MIES e SHIVA, 1993, p.25).

Ao rejeitarem a ordem patriarcal instaurada durante os últimos séculos pela sociedade capitalista, Mies e Shiva (1993) valem-se da atuação do ecofeminismo para uma relação mais equilibrada com a natureza. Elas defendem o protagonismo feminino e a difusão das vozes ambientalistas e feministas, algo renegado historicamente às mulheres devido ao constante silenciamento e à falta de representatividade feminina na política. É objetivo das ecofeministas tornar visíveis os processos globais que controlam os seres e os recursos em todo o mundo e que advém da acumulação de capital, destacando as desigualdades estruturais que dominam a natureza. Posicionando-se contra o paradigma ocidental de desenvolvimento e a transformação dos recursos naturais em mercadorias, as ecofeministas coincidem a luta de libertação da natureza, com a da mulher, defendendo que o impacto nas mulheres provocado pela degradação da natureza foi maior do que nos homens (MIES E SHIVA,1993). Sob a base holística da cooperação e do cuidado entre os seres humanos e a natureza, o ecofeminismo implica um conceito de liberdade diverso daquele difundido durante o iluminismo, que considera o ser como emancipado da natureza.

O princípio ecofeminista de procurar ligações onde o patriarcado capitalista e a sua ciência bélica estejam empenhados em desligar e seccionar o que forma um todo vivo anima de igual modo este movimento. Assim, as envolvidas têm em conta não só as implicações destas tecnologias nas mulheres, nos animais, nas plantas, na agricultura do Terceiro Mundo, bem como no Norte industrializado. Elas compreendem que a libertação da mulher não pode ser alcançada isoladamente, mas tão somente enquanto parte de uma luta mais vasta pela preservação de vida neste planeta (MIES E SHIVA, 1993, p. 27).

Criticadas pela universalidade de suas teses, as ecofeministas Mies e Shiva defendem tal pensamento ao indicarem que a ciência e a tecnologia não possuem gênero neutro e que as preocupações ambientais de mulheres são partilhas globais em comum. É assim objetivo das ecofeministas superar as diferenças, incentivando certa solidariedade e não um ensimesmamento de si. Segundo Mies e Shiva (1993, p.24), o universalismo que defendem é diverso daquele desenvolvido pelo patriarcado capitalista, que homogeneiza e exclui; o ecofeminismo trata os direitos humanos universais “em função das necessidades humanas comuns que só podem ser satisfeitas se as redes de sustentação da vida se mantiverem intactas e vivas”, baseando-se nos preceitos históricos dos privilégios da dominação colonial e masculina, subjugando as mulheres e a natureza.

Ao propor que a atualidade e o meio ambiente não são realidades paradoxais, mesmo que pareçam, pois não há como dissociar o ser humano (e sua atuação) do meio ambiente, o ecofeminismo está ligado à corrente *ecologia profunda*. De acordo com a perspectiva integral adotada pelas vertentes, o meio ambiente não se restringe à fauna e à flora, sendo considerado como “o conjunto de fatores naturais, sociais e culturais que envolvem um indivíduo e com os quais ele interage, influenciando e sendo influenciado por eles” (LIMA-E-SILVA, 1999⁶¹ *apud* TRIGUEIRO, 2008, p.77). Diferente de um pensamento cartesiano, individualista e dualista, o pensamento ecológico, visão holística do meio ambiente, propõe que a “expansão da consciência ambiental se dá na exata proporção em que percebemos meio ambiente como algo que começa dentro de cada um de nós, alcançando tudo o que nos cerca e as relações que estabelecemos com o universo” (TRIGUEIRO, 2008, p.13).

Segundo Capra (2006, p.25), tal visão nos permite conceber o mundo “como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas”, reconhecendo “a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos)”. A percepção denominada “ecologia profunda” é associada a uma escola filosófica específica, fundada em 1970, não centralizada no ser humano, portanto, que não separa seres humanos do meio ambiente. A ecologia profunda:

[...] vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida (CAPRA, 2006, p.26).

O ambientalismo praticado pela ecologia profunda prevê uma mudança de paradigma que abarque o posicionamento ecológico dos seres humanos como pertencentes aos processos cíclicos da natureza, em uma cadeia interdependente. Nesse cenário, todos os gêneros, raças e classes se tornam sujeitos ecológicos que devem se unir no enfrentamento dos aspectos que degradam o meio ambiente, promovendo a preservação. Algo que compõe o entendimento das causas estruturais que levam aos problemas ambientais, principalmente as impetradas pela dominação patriarcal capitalista. Historicamente, o ativismo ambiental é o instigador dessa mudança, tornando visíveis as pautas que levarão à transformação da consciência.

⁶¹ LIMA-E-SILVA, P.P. de et al (Orgs.). Dicionário brasileiro de ciências ambientais. Rio de Janeiro: Thex.1999.

Na luta ambiental, uma forte presença feminina é registrada nas últimas décadas. No Brasil, podemos apontar movimentações de mulheres em diversas frentes de atuação ambientalista, como aquelas já citadas por Born (2008). Algumas manifestações se tornaram famosas como a Marcha das Margaridas, uma mobilização que reúne, desde o ano 2000 em Brasília, milhares de mulheres trabalhadoras rurais brasileiras em prol do desenvolvimento sustentável, ancoradas na defesa da democracia, justiça, autonomia, igualdade e liberdade. Formado por agricultoras, quilombolas, indígenas, pescadoras e extrativistas de todo o Brasil, o movimento luta pela garantia de alimentos de qualidade, pela reforma agrária e pela valorização da agroecologia, bem como apresenta pautas feministas como educação igualitária, o fim da violência, acesso à saúde e a autonomia econômica e política para mulheres.

Outros casos atuais de protagonismo feminino no ativismo ambiental são pouco conhecidos, mas têm contribuído significativamente para a defesa do meio ambiente, como a mobilização agroecológica, que possui uma visão holística a exemplo da proposta concebida pela ecologia profunda. Com crescimento constante na sociedade brasileira, as práticas da agroecologia modificam os modos de produção e vida da agricultura, tendo como pilar fundamental o respeito mútuo à biodiversidade e às diferentes culturas, gêneros, raças e etnias, a fim de promover maior nível de sustentabilidade. Contrária à atuação da agricultura em seus moldes tradicionais, responsáveis por incrementar a degradação ambiental, Siliprandi (2009) aponta a agroecologia como uma busca por soluções mais sustentáveis para o manejo de recursos naturais. O pensamento agroecológico prevê o protagonismo dos agricultores, camponeses e indígenas, envolvendo seu conhecimento e sua atuação na promoção de um novo desenvolvimento rural.

Atualmente, com a apropriação da internet, de maneira geral e do Facebook, objeto deste trabalho, em específico, as ambientalistas têm encontrado um espaço potente para a expressão ativista ao divulgarem suas narrativas em busca de maior visibilidade e legitimação de si e de suas causas. Nesse ambiente, elas disseminam suas vozes e vivências, instigadas por códigos éticos que fundamentam os argumentos ambientalistas com material teórico e científico ou por um código estético, dominado pela dimensão sensível, que abarca uma dinâmica afetiva da ativista. São mulheres que estão se organizando por meio de ferramentas digitais para questionarem a atual condição ambiental, bem como política, econômica e social e ainda que, muitas vezes, não indiquem uma filiação feminista, revelam o protagonismo feminino em prol de uma transformação sistemática.

Mulheres como Rachel Carson, Elza Soares, Zitkala-ša, Sônia Guajajara, Vandana Shiva e tantas outras que estão nos campos, nas cidades e na internet, que, incomodadas com a situação degradante do meio ambiente e do ser humano, expressam-se de forma ativista em vista de uma transformação. Esforçam-se para ir além, perante uma ordem hegemônica que por séculos as silenciou. Muitas ainda pagam com a liberdade ou com a vida, como Dorothy Stang, assassinada em 2005. A esperança na resistência ainda persiste, mesmo diante da trágica condição da contemporaneidade, que carrega os traços da destruição histórica contra a natureza, como veremos no próximo capítulo que abordará a constituição do discurso ambiental em suas várias vertentes.

CAPÍTULO 3 - APOCALIPSE: NARRATIVAS SOBRE A DESTRUIÇÃO

*“Às vésperas do último eclipse
Tá todo mundo sem agenda pro apocalipse
(sem tempo, irmão)
Um passarinho me disse que
Talvez seja hora de fazer um remix e
Certo? Pipocas e refresco
Num tempo quente (sério, gente? Eu achei fresco)
O bem e o mal se enrosca como um arabesco
É desesperador como soa burlesco
O que será das árvores, dos amores?
Do brilho límpido das águas das nascentes?
O que será dos bichinhos, das flores nos
caminhos?
O que será dos bons vinhos e das garotas
calientes?
Já pensou, bolas de fogo a chover num lugar?
Ninguém vai ver, todo mundo vai 'tá no celular
Se tudo forem dores, dos valores se esquecem
Tem como repetir, eu tava fazendo uma selfie?*

*Ai, é o final dos tempos, alvos, templos
Salvos mesmo, nenhum de nós (sic)
Às vésperas de um grande salve-se quem puder
Sendo tratadas como um dia qualquer
É o final dos tempos, alvos, templos
Salvos mesmo, nenhum de nós (sic)
Às vésperas de um grande salve-se quem puder
Sendo tratadas como um dia qualquer.”*
Emicida

Inspirados pela canção de Emicida, em "Final dos Tempos" (2019), refletiremos neste capítulo sobre o apocalipse, como categoria que faz referência ao discurso bíblico-cristão, tendo o medo como dispositivo afetivo central para criar um sentido de extinção de culturas, ambiências e vidas. Apropriamo-nos, inicialmente, do livro Apocalipse, escrito pelo apóstolo João, com parábolas sobre a destruição do planeta Terra provocada por elementos que fazem parte da mística cristã. De certa forma, somos herdeiros dessa crença que, discursivamente, ainda influencia nossas formas de vida. Assim como na canção de Emicida, há em nossa experiência cotidiana e epistemológica o assombramento de dicotomias, a exemplo do bem/mal e salvação/apocalipse. É necessário ressaltar que ambas coexistem em uma interação complexa entre seres humanos e natureza, o que Pelizzoli (1999) descreve como originárias de cosmovisões milenares, enraizadas em culturas primitivas, que alcançaram seu esplendor antes de Cristo.

Segundo o autor, as cosmovisões ainda estruturam a problemática ambiental e social na contemporaneidade. As primeiras, datadas de, aproximadamente, 80 mil anos atrás, foram marcadas pelo antropomorfismo (natureza como espelhamento do ser humano, sendo árvores e nuvens, por exemplo, com formas de órgãos), pelo animismo (as coisas animadas por almas ou deuses) e pela magia e o fetiche (uma visão mágica do mundo, com destinos cabíveis por designios de entidades sagradas). Nesta última, apontamos a presença de uma espiritualidade intrínseca às questões da natureza, bem como de antipatias e simpatias guiadas por uma mentalidade coletiva dos antepassados. Pelizzoli (1999) ainda aponta a visão sagrada do *Mana* por sujeitos coletivos:

[...] temos aí a visão do **Mana**, de algo sagrado que perpassa certas realidades e coisas, e que deve ser reverenciado, para que seja propício, como ajuda, como graça (como a graça, na Igreja Católica), em vista da corroboração da cultura onde o primevo se insere. Veja-se que neste momento a personalidade é dada dentro do *coletivismo* (não há ego); o silvícola africano ao responder a pergunta “quem tú es?”, diz: “fazedor de machados”. Ou seja, ele se determina pela função na comunidade, pelo seu papel na estrutura social. Muitas línguas não têm mesmo os pronomes e conjugações da primeira pessoa (PELIZZOLI, 1999, p.50).

A visão mágica proporciona uma interação absoluta do ser humano com o meio, diante da não-separação entre sujeitos e as coisas do mundo, bem como da realidade social e os fenômenos denominados naturais. Assim, o bem/mal é ocasionado pela emergência de um poder especial, místico. Nos termos de Pelizzoli (1999, p. 51), caberia ao sujeito, coletivo e nômade dessa época, a adaptação, a participação e a comunhão com a realidade “terrificante ao mesmo tempo que desafiadora”. A reverência aos elementos da natureza, vivenciados como místicos, assinala a crença dos antepassados quanto à grandeza do meio ambiente. Podemos observar, por exemplo, tais configurações nos mitos de criação dos povos originários.

No Brasil, os cânticos da tribo indígena Maxakali são repletos de referências da natureza, da relação e de seu olhar “com” e “para” o mundo, sempre representados por vozes coletivas. Povos que ainda habitam territórios do estado de Minas Gerais, os Maxakali são hoje cerca de 1.500 pessoas, de acordo com dados do Censo Brasileiro de 2010⁶². Suas cerimônias e festas, denominadas *kômãyxop*, são compostas por cantos xamânicos, estruturados de forma poética, que revelam tanto um enunciador subjetivo, quanto uma voz múltipla, cindida em diversos sujeitos, como apresenta Toninho Maxakali e Eduardo Rosse (2011, p.40): “Esta valorização do ‘eu’, do ‘aqui’ ou do ‘agora’ parece ceder a um esforço de apreensão do ‘outro’, do ‘exterior’, marcantes do pensamento / ação xamânicos”, como podemos observar no canto a seguir: “Venham ficar em minha casa/kômãy, vamos juntas / kômãy, vamos juntas / lá onde corre o rio/ venham ficar em minha casa “ (MAXAKALI; ROSSE, 2011, p. 474)

Para Maxakali e Rosse (2011, p.440), o canto acima faz parte de uma série que denota a presença de dois enunciadores diferentes que ocupam o mesmo espaço, “[...] no primeiro verso as duas *kômãyxop* convidadas falam entre si; no segundo, o anfitrião dono da batata-doce faz seu convite.⁶³”. Há, assim, segundo os autores, uma confluência entre traços subjetivos e

⁶² Disponível em: <https://bit.ly/348R7Mp>

⁶³ Segundo Maxakali e Rosse (2011, p.315), “este tipo de procedimento ‘polifônico’, em que se ouvem diferentes vozes, é relativamente comum e vai ainda aparecer de forma acentuada na série ‘*kômãy, vamos juntas / venham ficar em minha casa*’ [...] onde ora são as convidadas que falam, ora o anfitrião”.

coletivos das falas, pois, mesmo que revelem um ser que enuncia o canto, esse é anônimo e representa a presença coletiva de um saber Maxakali. Quanto à temática, perpassam os cânticos elementos da experiência tribal, como a lida com espécies de animais, vivências em habitats, mitos de sua crença, questões astronômicas e referências sobre a própria festa *kômãyxop*.

A potência do abraço ao meio em que vivem, às coisas ao redor e às ações cotidianas, bem como a visão dos elementos da natureza, inerente ao ser e estar no mundo coletivo, são reveladas nesse tipo de narrativa xamânica Maxakali. O canto eleva as narrativas mitológicas sobre a natureza a um patamar estético, que não diz respeito exatamente a uma forma de arte, mas de ocupação de espaços e tempos. Em coexistência coletiva, animada e mágica, a integração com o meio constrói mais do que uma aproximação dos seres com a natureza, mas uma forma de viver estreitamente vinculada ao meio ambiente. Esses saberes e fazeres dos povos originários apreendem a natureza como espelhamento de si ou algo intrínseco ao corpo indígena, em sua organicidade, como seres elevados, divinos, intocáveis.

Na Índia Central, a tribo Gonde enxerga as árvores como o centro da vida. Habitantes das florestas tropicais indianas, os Gondes as consideram como espíritos luminosos e registram em pinturas que revelam diferentes faces das árvores, como a *dumar* (FIGURA 9):



FIGURA 9 – A árvore *dumar*⁶⁴
Fonte: SHYAM; BAI; URVETI, 2010.

Diferentes árvores, cada uma com um papel específico para os Gondes, são apresentadas em figuras criadas por artistas da tribo, considerada a maior comunidade tribal da Índia. Seguindo sua cosmovisão, a tribo, localizada no estado de Madhya Pradesh, é reconhecida por preservar e fomentar as artes visuais como uma “[...] forma de prece, e eles acreditam que a fortuna cabe àqueles cujos olhos encontram uma boa imagem” (SHYAM; BAI; URVETI, 2010). As árvores estão presentes na maior parte de suas obras. Elas são louvadas por oferecerem sombra, abrigo, alimento e compõem um universo de crenças Gonde, que, mais do que simples narrativas abstratas e imaginárias, integram rituais e vivências. Aqui, observamos, igualmente, um olhar mágico para o mundo que dialoga com o olhar dos Maxakali, ao revelar, no contato com a natureza, uma configuração discursiva ambiental ontológica, que Pelizzoli (1999) nos apresenta como constituinte da “cosmovisão mágica”, nos casos que destacamos, refletida em linguagens múltiplas, sonoridades e representações visuais.

A música, as pinturas, a dança e, mais tarde, a fotografia e o cinema, são formas de expressão e de reverência de seres que estão intimamente conectados com a natureza. Ao sentirmos a sonoridade das vozes e dos ritmos xamânicos Maxakali em cantos sincronizados, um universo transcendental é pintado pelas distintas batidas de instrumentos indígenas, atravessados por sons do meio em que vivem e dos compassos de uma dança imaginária, que se constrói imediatamente nos ouvidos de quem presencia essa sonoridade xamânica. Quem se envolve com esse canto, seja na tribo, ou fora dela, pode sentir tal presença mística. O xamanismo, por si, já representa uma prática mágica, de povos indígenas, em torno de um misticismo próprio, crenças ancestrais de cura, que abrigam simbolismos espirituais e uma visão integral da vida mesclada ao meio ambiente.

Mundos imaginários também são criados pela tribo Gonde. Suas pinturas exibem elementos místicos que expressam suas visões sobre a flora e a fauna local, representando seus deuses, rituais e a relação com a natureza. As obras, em sua maior parte, são coloridas com pigmentos naturais e transformam as aldeias Gonde em uma espécie de museu a céu aberto. Suas vozes e vivências são expressas a partir da impressão de artistas da tribo. Essas

⁶⁴ “A ÁRVORE DUMAR - A árvore sagrada *dumar*, cujos frutos parecem passarinhos, é cultuada durante nove noites durante o festival de Navratri. O *dumar* abençoa casamentos, ocasião em que sua madeira é usada para fazer o dossel nupcial. Nenhum mortal jamais viu a flor do *dumar*. Quem já a viu é nada menos do que um deus” (SHYAM; BAI; URVETI, 2010).

representações revelam modos de vida particulares, tendendo, por vezes, à marcação de um espaço, como uma espécie de assinatura, similar à imagem e ao texto da árvore “khirsali”.



FIGURA 10 – A árvore *khirsali*⁶⁵
Fonte: SHYAM; BAI; URVETI, 2010

Importante destacar aqui a necessidade de preservação territorial das áreas protegidas onde vivem os povos originários. Tanto no Brasil, quanto na Índia, as tribos se encontram em um constante processo de resistência e luta desde as colonizações, contra o genocídio de seu povo. No Brasil, em uma tentativa de amenizar tais problemáticas, normas oficiais foram construídas a partir da Constituição de 1988, que delega, em formato de lei, uma série de direitos aos povos indígenas, a exemplo da demarcação de terras e da salvaguarda de costumes. Os mais de 800 mil indígenas representam 0,4% da população brasileira, dispostos em 688 terras demarcadas e em áreas urbanas, segundo o último Censo, realizado em 2010. No entanto,

⁶⁵ “O KHIRSALI ENVOLVENTE – O khirsali nos cerca e nos protege onde quer que estejamos. Com ele construímos as cercas em torno de nossas plantações, marcamos os limites de nosso lar, fazemos as tábulas dos telhados que nos cobrem e dos portões que guardam nossas entradas”. (SHYAM; BAI; URVETI, 2010).

nos últimos anos, assistimos à intensificação do genocídio dos povos indígenas brasileiros, legitimado por uma política de extermínio que alcança seu apogeu no governo do presidente Jair Bolsonaro, haja vista os discursos da polêmica reunião ministerial, em 22 de abril de 2020, marcada pela violência linguística e discriminação verborrágica do então Ministro da Educação, Abraham Weintraub, e do atual Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles.

Apesar das ameaças, a cultura ancestral dos povos indígenas sobrevive e inspira o discurso ambiental, em narrativas sobre a relação dos seres com a mãe-natureza, chamando a atenção para a necessidade de preservação do meio ambiente, frente ao discurso do progresso e do desenvolvimento econômico ou de um semblante *pop* do agronegócio. Daí a necessidade de defesa da cosmovisão mágica dos antepassados, que carrega imagens de uma natureza viva e divina como gesto de enfrentamento a esse avanço de verniz apocalíptico. Sobre a cosmovisão mágica, Pelizzoli diz:

Aqui se constrói grande parte da experiência e patrimônio (arquetípico...) do *homo sapiens sapiens*, no seu embate e inserção no meio natural. Observe-se que *natural* e *sobrenatural* são aqui uma só realidade! Não há propriamente nada de metafísica. O homem está *colado à natureza*, sem distanciamento subjetivo/objetivo. A prova disto é que o sonho era visto/vivido como uma realidade. A natureza é uma multiplicidade de elementos, sem uma unidade maior, vistos sempre a partir do comportamento do homem, em seu espelhamento possível (PELIZZOLI, 1999, p.51).

A defesa dessa cosmovisão tem se mostrado como paradigma de combate de povos primitivos e de grupos específicos, verdadeiras batalhas contra o sofrimento e o descaso para com essas culturas. Somam-se a isso doenças, assassinatos e uma empreitada de evangelização católica-cristã, notadamente no século XVI, e neopentecostal na contemporaneidade, que insistem em apagar as crenças de grupos originários, demonizando-as.

3.1 A COSMOVISÃO CRISTÃ COMO FUNDAMENTO PARA A SOCIEDADE

Mística e mítica. Lidas ou faladas são palavras que aparentam ser equivalentes. As diferenças estão nos sentidos que elas provocam. Um caráter misterioso de conexão espiritual está conectado à mística. Já interligada ao sentido de mito, às lendas e ao fantástico, está a mítica. No tempo pré-socrático, Pelizzoli (1999) aponta a cosmovisão mítica como balizadora de um pensamento acerca da natureza, diversa do misticismo descrito nas cosmovisões mágicas

das tradições anteriores. Não que exista o apagamento de tais crenças e costumes. Contudo, há uma hegemonia de paradigmas e representações do mundo em certos momentos da história.

O interesse da era mítica está concentrado na explicação dos fenômenos do mundo. Ou seja, dar sentido a eles se tornou uma obsessão diante da necessidade de apreensão das coisas. Compreendemos que, aqui, ainda residem resquícios de elementos mágicos, como aqueles inscritos na Odisseia ou na Ilíada, de Homero, com a permanência de deuses, simpatias e antipatias, bem como o caráter emotivo e intuitivo das narrativas gregas. Porém, o mito se fortalece como tentativa de explicação da realidade. Pelizzoli (1999) observa que, no tempo predominantemente mítico, há a potencialização de símbolos, como o herói (com finalidade moral), e as noções de natureza e cosmo:

O cosmo será o modo da multiplicidade na unidade, uma unidade que indica uma harmonia, uma ordem maior, num momento de compreensão do todo, entrando aos poucos o fator decisivo que inclui dinamicidade, ou seja, o cosmo é dinâmico, vivo (regido também por deuses), e o homem entra neste grande projeto harmônico apesar das diferenças, forças, oposições, tremores... (PELIZZOLI, 1999, p.52).

A noção de cosmo é encontrada desde os primórdios da visão mágica e do misticismo, passando por suas conexões com a espiritualidade e a visão mítica, até o período de transição para a cosmovisão cristã. O conceito de sagrado também foi preservado diante da narração dos mitos, seguido pelo desenvolvimento do desejo de manipulação do real.

Durante o período de culminância de uma cosmovisão mítica, a interação do ser humano com a natureza passa por um processo de dominação, com o homem a subjugando, procurando desvendar seus segredos ocultos e a observando, a nosso ver, de maneira reducionista e distanciada. Nesse momento, a filosofia procura explicações lógico-rationais e materiais (físicas) da realidade. No contexto da filosofia grega, Aristóteles apreende a natureza como base para a ciência e o pensamento científico da época. Associada à filosofia, Pelizzoli (1999) assinala a importância da religião no processo de desvelamento dos mistérios da vida e da busca pelo todo como unidade absoluta. Para o autor, “Tal *religio/religação* habita no mais profundo da natureza humana – descolada e em busca contínua da ‘mater natura’, do seu paraíso, do seu útero primordial perdido” (PELIZZOLI, 1999, p. 54). Aqui observamos componentes daquilo que, mais tarde, firmaria-se como um conjunto maior de normas preestabelecidas durante a Idade Média. A questão da dominação da natureza começa a ser considerada como um caminho de transformação do mundo.

No início da Idade Média, uma revolução é concretizada com o crescimento do cristianismo e a difusão de seus fundamentos. O teocentrismo e a mística cristã galgam espaço numa disputa de imaginários, contra os poderes, mitos e místicas ancestrais que ditavam modos de estruturação de sociedades anteriores. Contudo, o auge dessa revolução ocorre quando o cristianismo se estabelece como a religião oficial do império romano, no Século IV, o maior da antiguidade clássica, disseminando-se por diversas tribos da Europa. Desde então, a nova configuração mundial baseada na cosmovisão cristã vem influenciando, profundamente, o discurso político, social, cultural e ambiental da sociedade.

Na cosmovisão cristã, a natureza é criação divina. O ser humano é incentivado a pensar sob o fundamento do amor como *caritas* e *ágape*⁶⁶, em uma “tentativa de conciliação do reino celestial com o terrestre” (PELIZZOLI, 1999, p.59), vivendo como “ser-no-mundo”, num “cosmo-casa”, estabelecendo uma conjuntura espiritual localizada e controlada. Tais configurações de elevação cristã, abrangem um conflito de valores e, ao mesmo tempo, a repressão a certos grupos sociais, como acrescenta Rose Marie Muraro (1995):

Num mundo teocrático, a transgressão da fé era também transgressão política. Mais ainda, a transgressão sexual que grassava entre as massas populares. Assim, os Inquisidores tiveram a sabedoria de ligar a transgressão sexual à transgressão da fé. E punir as mulheres por tudo isso. (MURARO, 1995, p.19)

Uma sociedade regida por normas comportamentais ideológico-religiosas sedimenta os traços da dominação a partir da centralização, hierarquização e a organização de um poder teocêntrico. Nesse cenário, as questões sociais, políticas e ambientais seguem balizadas por um pensamento moralizador, controlando corpos e sexualidades. Observamos aqui a radicalização de uma opressão sistemática à natureza e à mulher, como aponta Muraro (1995): “De doadora da vida, símbolo da fertilidade para as colheitas e os animais, a situação se inverte: a mulher é a primeira e a maior pecadora, a origem de todas as ações nocivas ao homem, à natureza e aos animais” (MURARO, 1995, p.21).

Os saberes e fazeres estão, assim, a partir desse período de incidência da mística cristã, regidos por conceitos teológicos. A existência de tais fundamentos contribui para as configurações de sociedade que se seguem ao período descrito. Avançamos, assim, em nossa

⁶⁶ *Cáritas* e *ágape* são conceitos inaugurados pelo cristianismo para representar o amor, sendo *cáritas* a plenitude de todas as formas de amor, centralizadas na imagem do Deus cristão, e *ágape* é o amor incondicional, da doação e da entrega do cristão, que sai de si em benefício do outro.

leitura do discurso cristão a fim de entender a constituição do discurso originário sobre a natureza.

3.1.2 O apocalipse cristão e o discurso naturalizado sobre a natureza

Faremos um intervalo no imaginário simbólico de um mundo ideal, carregado de traços que revelam um contato ancestral com a natureza, em um sentido de reverência e preservação, para iniciarmos a discussão acerca de um imaginário que nos assombra: o da destruição. Diferentes culturas estão estruturadas em uma concepção mitológica que anuncia o fim do mundo. Este, na perspectiva cristã, é batizado de apocalipse.

A versão do apocalipse que tratamos aqui é a mais utilizada, ancorada no discurso bíblico (Apocalipse de João). Apropriada pela sociedade contemporânea, ela trata da ligação histórica da questão ambiental com a visão cristã, que naturaliza fenômenos, minimizando as catástrofes. Tal reflexão é baseada na obra *Vivendo no Fim dos Tempos* (2012) de Slavoj Žižek sobre as versões do apocalipse. O autor apresenta três vertentes que dizem respeito ao fim do mundo: a) a primeira está ancorada na versão cristã bíblica; b) o apocalipse tecnodigital, provocado pela apropriação de ferramentas tecnológicas e científicas destrutivas e c) o apocalipse da nova era, que mistifica e espiritualiza a natureza. Ao nosso ver, as três interferem diretamente nos discursos sobre o meio ambiente, empregando justificativas para amenizar a destruição, ao naturalizar absurdos, em um processo de “violência abstrata”, conforme o autor. A manutenção do discurso sobre o apocalipse, em todas as suas versões, provoca a limitação do nosso conhecimento sobre as questões ambientais, mantendo o “desconhecido do desconhecido”, o que, segundo o autor: “não só não sabemos onde está o ponto da virada, como nem ao menos sabemos exatamente *o que* não sabemos” (ŽIŽEK, 2012, p.315).

A tradição cristã que sobrevém entre os tempos e segue enraizada na sociedade contemporânea define a realidade e a existência dos seres e de tudo o que está conectado a eles. O sentido integrado ao fundamento cristão e sua liturgia tipificam que o homem é o que ele deve ser, ao passo que deve ser o que ele é. A natureza e o homem como criação de uma divindade.

Grande parte das narrativas e explicações do mundo são tematizadas a partir da cosmovisão cristã dominante. O apocalipse é matéria em ascensão frequente na história do

cristianismo. Desde o tempo messiânico, antes da vinda de Jesus Cristo, o tema escatológico do fim dos tempos assombrava as sociedades. Ele aparece em vários momentos da história, nas vozes de profetas que anunciavam o fim do mundo. Em recente artigo, Giorgio Agamben (2019) afirma que a temática da destruição da terra pode aparecer, inclusive, conectada a uma base científica, uma vez que, para o filósofo, com o passar dos tempos, a ciência é influenciada pelo discurso cristão. Conforme o autor:

É singular que hoje essa função escatológica - que a igreja esqueceu - tenha sido adotada pelos cientistas, que se apresentam cada vez mais frequentemente como profetas, que preveem e descrevem com absoluta certeza as catástrofes climáticas que levarão ao fim da vida na terra. Singular, mas não surpreendente, caso se considere que, na modernidade, a ciência substituiu a fé e assumiu uma função propriamente religiosa – ela é, aliás, em todos os sentidos, a religião do nosso tempo, aquilo no qual os homens acreditam (ou, ao menos, acreditam acreditar). (AGAMBEN, 2019, *on-line*)

Uma religião científica ordena o pensamento sobre as causas e as consequências da devastação na Terra. Logo, o discurso sobre a natureza na cultura ocidental está intimamente vinculado ao fim dos tempos. Espera-se o fim como se ele fosse algo natural e um próximo capítulo da trajetória do planeta. Pesquisas anunciam o esgotamento dos recursos e a incidência, cada vez mais veloz, de catástrofes que dizimam territórios e populações. Os resultados desses trabalhos científicos são reverberados pela mídia, em tom de alerta. Agamben (2019) nos diz que, assim como o dispositivo teológico e político do cristianismo silenciou os “rebeldes” e aqueles praticantes de crenças diversas, o dispositivo científico, tal qual a religião, reforça diagnósticos centralizados, que silenciam outras perspectivas, e podem robustecer a estrutura apocalíptica a partir de dois componentes: a) o medo de um desastre iminente e b) a crença esperançosa em uma salvação, ambas similares ao que preconiza teologia cristã.

Naturalmente, como qualquer religião, a religião da ciência também possui os seus incrédulos e os seus adversários, isto é, os adeptos da outra grande religião da modernidade: a religião do dinheiro. Porém, as duas religiões, aparentemente divididas, estão secretamente em solidariedade, uma vez que foi certamente a aliança - cada vez mais forte - entre ciência, tecnologia e capital, que determinou a situação catastrófica que hoje os cientistas denunciam. (AGAMBEN, 2019, *on-line*)

Mesmo que as considerações do filósofo italiano nos apontem para uma analogia negativa entre religião e ciência a respeito das questões da natureza, o autor destaca que tal tensão não pode mascarar a realidade dos problemas ambientais e das mudanças nocivas que vivenciamos na atualidade. A problemática da atuação de dispositivos religiosos, seja via teologia cristã, seja via o conhecimento científico, deve alertar para uma “confusão entre

religião e verdade científica, e entre profecia e lucidez” (AGAMBEN, 2019, *on-line*). Trata-se, portanto, de observar a criticidade dos processos e discursos sobre a natureza, sem deixar que as partes interessadas ditem as escolhas e motivações da sociedade. A leitura proposta deve ser, então, política. Assim como podemos observar outras questões conectadas aos dispositivos teológicos e científicos como as guerras infindáveis no Oriente Médio, as decisões legislativas no Brasil presidido por Jair Bolsonaro e a atuação dos religiosos neopentecostais em países da África. Todas como forma de exterminar diversidades e abafar vozes, em consonância com a destruição capitalista.

Nesse sentido, a possibilidade de preservação ou destruição do meio ambiente é tida como algo “natural”, fruto de profecias inscritas em documentos milenares e uma série de previsões científicas calculadas ou como percurso natural da história. Essas formas de discursos naturalizados fazem parte, então, de uma perspectiva que parece se basear em uma visão pré-concebida e acrítica sobre o meio ambiente, em diálogo com o dispositivo político-teológico cristão. Um exemplo que ilustra tal configuração é o da “nuvem de gafanhotos”⁶⁷, acontecimento que colocou em alerta agricultores argentinos, uruguaios e brasileiros em 2020. Parte das explicações desse fenômeno foi ancorada em discursos bíblicos, que remontam às pragas do Egito, presentes no livro Êxodo, inscritas no antigo testamento, e a emergência de gafanhotos das profundezas da terra, no dia do juízo final, segundo o apóstolo João. Certamente, mesmo aqueles que se diziam céticos quanto ao apocalipse, foram imbuídos pelo medo e desespero diante de tal acontecimento. O que observamos diante dessa tentativa de explicação? Talvez, que as reais causas políticas e ambientais do acontecimento foram dissociadas por essa parcela de crentes. Poderíamos acrescentar a esse conjunto de fenômenos “apocalípticos” a pandemia do novo coronavírus, que rompe com diversas estruturas da sociedade contemporânea, instaurando uma nova perspectiva de tempo e espaço, destacada pelo isolamento e distanciamento social radical. Vista por alguns pesquisadores como uma espécie de revolta da natureza e, ao mesmo tempo, como uma face última do apocalipse. A pandemia seria, realmente, o fim dos tempos (ou um fim de um tempo) tão temido?

Percebemos, então, que, diante de uma constituição teológica, vivenciada, majoritariamente, pelas culturas ocidentais, o “natural” passou a ser absorvido como discurso para “naturalizar” a degradação do meio ambiente. Há, assim, uma troca de sentido que mascara as ações mortificadoras contra a natureza, e, ao mesmo tempo, eleva a incidência do artificial

⁶⁷ Resumo do acontecimento na notícia disponível em: <https://bit.ly/34zV3WK>

como discurso ideal, uma vez que o sentido de “natural” está conectado ao apocalipse e ao que ele carrega consigo: o castigo de Deus, as pandemias, as nuvens de gafanhotos, os terremotos, os tsunamis, as enchentes e outras catástrofes. Natural e artificial como falsos opostos, dicotomia alimentada, de um lado, por um dispositivo epistemológico-cartesiano, e, por outro, teológico-religioso que polariza o mundo e o divide em antagonismos.

Nesse sentido, recorremos a Leonardo Boff (2016) que reflete sobre os processos históricos instaurados por uma hierarquia religiosa. Para ele, a religião baseada em dogmas define o ser humano como elemento separado da natureza. Com isso, Boff⁶⁸ se diz adepto à ecologia profunda, vertente do ambientalismo que definimos no segundo capítulo deste trabalho. Suas reflexões sobre o ser humano e sobre a natureza estão na contramão do que descrevemos aqui como estrutura de pensamento cristão, uma vez que opta pela relação humano/natureza como mutualista e não-dualista, rompendo com os principais padrões desse dispositivo que formata como natural e natureza aquilo que abarca o pecado original.

O ser humano é aquela porção da Mãe Terra que, num momento avançado de sua evolução, começou a sentir, a pensar, a amar, a cuidar e a venerar. Nasceu, então o ser mais complexo que conhecemos: o *homo sapiens sapiens*. Por isso, segundo o mito antigo do cuidado, de *humus* (terra fecunda) se derivou homo/homem, e de *adamah*, em hebraico (terra fértil) se originou *Adam* - Adão (o filho e a filha da terra). Em outras palavras, nós não estamos fora nem acima da Terra viva. Somos parte dela, junto com os demais seres que ela também gerou (BOFF, 2016, p.47).

Observamos nessa passagem uma leitura diversa daquela apresentada na bíblia cristã em seu primeiro livro, o Gênesis, que trata da origem divina da Terra e dos seres humanos. Em Gênesis, encontramos a figura do Éden, como paraíso perfeito, onde se encontravam as imagens humanas Adão e Eva, bem como a cobra e a maçã, representações da natureza, conectadas às imagens da sexualidade. A mordida da maçã representa, portanto, a abertura à sexualidade, como mácula de um pecado original. A mulher, Eva, é a grande responsável pela entrada do homem no universo do pecado, após ser seduzida pela cobra. Ambas são, assim, elementos do pecado na cosmologia cristã que não devem ser seguidos na caminhada em busca de um ser humano ideal, calcado no antagonismo certo/errado, sendo a opção pelo certo a escolha divina de um modelo de vida que nega o pecado e, conseqüentemente, a natureza. Talvez, numa leitura contemporânea, poderíamos afirmar que essa escolha divina instituiu a história patriarcal, de uma sociedade machista tal qual conhecemos.

⁶⁸ Boff ainda é um dos fundadores da chamada teoria da libertação no Brasil, foi perseguido por muito tempo e excomungado da igreja pela hierarquia máxima do Vaticano.

O Deus punitivo e severo do antigo testamento é reforçado no entrelace histórico da Igreja com o poder, mortificando a sexualidade, a mulher e a natureza. Na contramão desse modelo de pensamento e de regras da sociedade canônica, Boff segue paradigmas que se distanciam dos sistemas de pensamento filosófico-ocidentais. Segundo Boff:

Não nos é mais permitido pensar e viver como antes. Temos que mudar como condição de nossa sobrevivência na biosfera. Para a consolidação desse novo paradigma é importante superar o fundamentalismo da cultura ocidental, hoje mundializada, que pretende deter a única visão das coisas, válida para todos. A realidade, no entanto, desborda de todas as representações, pois está cheia de infindas virtualidades que podem se realizar sob outras formas, não ocidentais. (BOFF, 2016, p. 25)

Na esteira de Boff, aventamos que, ao mesmo tempo que o discurso ocidental e cristão originou instrumentos de negação e silenciamento, definiu, paralelamente, as ferramentas para a salvação dos seres humanos, tendo a culpa e o medo como elementos preponderantes desse processo. A culpa em torno dos prazeres e ligada a um Deus que tudo vê, onisciente e onipresente, é recurso retórico-ideológico para os sistemas de dominação. Culpa que orienta a confissão como ato de amor para nos salvar do pecado. A instituição Igreja aponta para uma ideia de salvação autopunitiva mediada pela fé, como caminho privilegiado para minimizar a culpa. De certa forma, uma ideia de morte que passa pelo sacrifício de si. É esse mesmo sistema que estabelece os elementos de uma sociedade marcada pelo controle de corpos e mentes, conforme Agamben (2019) e Boff (2016), eliminando as diversidades e todas as outras configurações de sexualidade, misticismos e cosmologias.

3.2 APOCALIPSES BRASILEIROS

Refletimos, até o momento, sobre a constituição do discurso ambiental, com suas complexidades e origens diversas. Contudo, há especificidades desse discurso no cenário brasileiro, calcadas no desenvolvimento político e social do país. Neste contexto, a região amazônica está no cerne das questões ambientais brasileiras.

A atividade humana destrutiva na região acontece de forma desenfreada, fruto da reprodução do modelo de exploração da terra, de povos e culturas há séculos. Destruições iniciadas com a extinção e a escravidão de povos indígenas e a devastação de espaços verdes para a implantação de atividades econômicas como a mineração e a agropecuária. Em agosto de 2019, uma série de queimadas provocadas por agricultores na Amazônia Brasileira abalou o

mundo. A maior floresta tropical do planeta, reconhecida por equilibrar o meio ambiente planetário, está, cada vez mais, ameaçada e próxima da extinção de diversos habitats.

O alerta de destruição em massa viralizou nas redes sociais pelo compartilhamento de imagens catastróficas, alcançando dimensão global, principalmente pela difusão de usuários da internet que se sentiram afetados pela situação degradante. Em um ato de solidariedade em prol da Amazônia, surgiram posts, vídeos, fotografias e infográficos que denunciavam as ações criminosas dos agricultores, revelando as consequências das queimadas e alertando para a extinção de áreas verdes, e, conseqüentemente, sua fauna e flora.

O cenário apocalíptico criado por um ato criminoso e reacionário foi motivado por um plano de ocupação⁶⁹, exploração e “desenvolvimento” econômico da Amazônia que iniciou em 2019, com o governo do Presidente Jair Bolsonaro. O planejamento que diminuiu a fiscalização da floresta e inspirou queimadas, prevê, ainda, a construção de estradas, hidrelétricas, cessão de espaços para a mineração e outras obras, causando impacto socioambiental de grandes proporções. O descaso reflete as consequências do modelo capitalista-neoliberal. Em força contrária, as tentativas de revelar o desconhecido foram muitas. Na internet, narrativas angustiantes desvendaram uma Amazônia clamando por socorro. Alerta que despertou a agenda pública e midiática mundial. Contudo, a resistência contra a situação insustentável do meio ambiente é histórica.

Há algumas décadas, movimentos ambientais brasileiros visam propor novos olhares e práticas que possam transformar padrões destruidores. Atuando como um força contra-hegemônica, conduzida por meio de levantes contra tais condições opressoras, ambientalistas se revoltam, exaustas, contra o sofrimento ocasionado pela exploração. Observemos abaixo três publicações de mulheres ambientalistas brasileiras no Facebook sobre o acontecido na Amazônia, publicadas na mesma época do ato criminoso.

⁶⁹ O plano de desenvolvimento econômico da Amazônia foi revelado em setembro de 2019 pelo site Intercept. Disponível em: <https://bit.ly/3riKLEe>

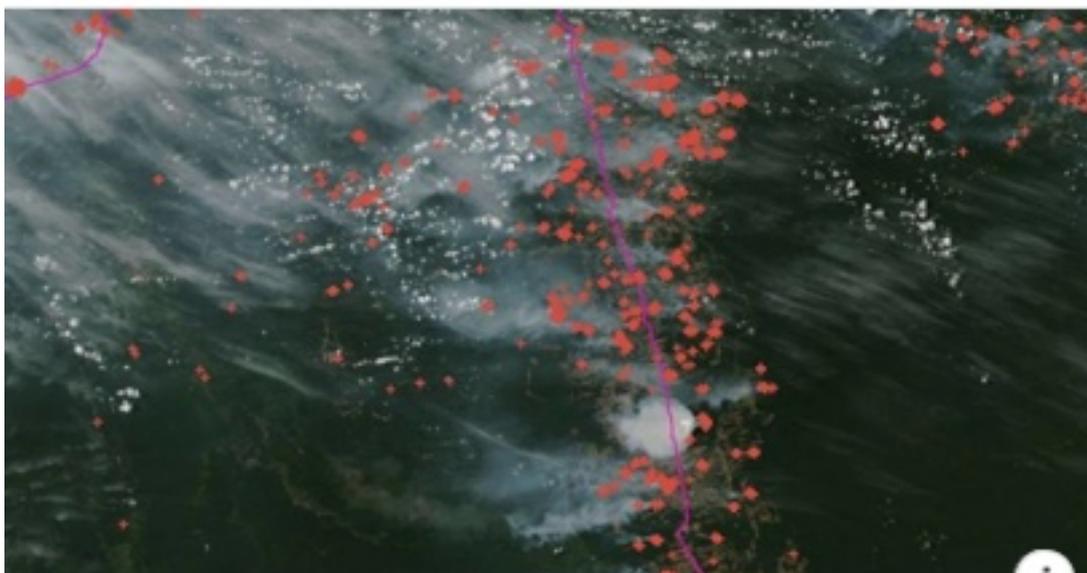


Claudia

20 de agosto às 12:29 · 🌐



Os incêndios do fim de semana foram coordenados e incentivados pela presidência da República. 😞



BRASILDEFATO.COM.BR

Estimulados por Bolsonaro, fazendeiros promovem "dia do fogo" na Amazônia | Brasil de Fato

😞👍😞 68

7 comentários 33 compartilhamentos

👍 Curtir

💬 Comentar

➦ Compartilhar

FIGURA 11 – *Post* de Cláudia do dia 20/8/2019
Fonte: www.facebook.com

 Iara ·
20 de agosto às 23:37 · 🌐

O nome disto é fuligem. Queimada de floresta!



G1.GLOBO.COM 

Moradores de SP coletam água preta de chuva em dia que a cidade ficou sob nuvem escura

  5 3 compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar

FIGURA 12 – *Post* de Iara do dia 20/8/2019
Fonte: www.facebook.com



Viviane

20 de agosto às 17:47 · 🌐

o desmatamento da Amazônia é maior do que os dados divulgados oficialmente.

Esse nível de descaso e destruição só pode tá acontecendo com omissão de fiscalização.

Inclusive, há indícios de agentes sendo intimidados para não cumprirem sua função como fiscalização.

Chega!

Fora @ricardosallesmma.

Não merece estar no cargo de maior importância de meio ambiente desse país abençoado naturalmente.



OGLOBO.GLOBO.COM

Entidades de todo o país pedem que Ricardo Salles seja investigado por improbidade administrativa

👍🙄😱 24

7 compartilhamentos

👍 Curtir

💬 Comentar

➦ Compartilhar

FIGURA 13 - Post de Viviane do dia 20/8/2019
Fonte: www.facebook.com

Adotando estratégias sensíveis que encenam uma resistência por meio do discurso hipermediático das redes sociais, as ativistas constroem narrativas alarmantes e denunciatórias em seus perfis no Facebook. Observamos nos posts acima uma configuração alarmante pincelada pela utilização de recursos audiovisuais advindos de sites externos ao Facebook. Imagens da destruição na Amazônia são apresentadas pelas ambientalistas Cláudia (FIGURA 11), Iara (FIGURA 12) e Viviane (FIGURA 13). O investimento em desenvolver um post que revele uma fotografia impactante do acontecido é estratégia discursiva que almeja o engajamento pela imagem crítica (DIDI-HUBERMAN, 2010). Cores do fogo e de um enquadramento da floresta em processo de queimada; referências cartográficas, essenciais para localizar os interlocutores no contexto de uma região pouco explorada pelos cidadãos brasileiros (mas que, ao mesmo tempo, possui uma influência na vida de todo o planeta); bem como um conjunto de elementos provocadores, como uma fuligem preta, indicativa de mortificação de uma região da floresta, configuram nas publicações um cenário desesperador, cujo objetivo é inquietar, chocar e despertar a razão sensível para a narrativa, clamando por empatia.

A linguagem verbal congrega esse cenário desesperador pela predominância de uma "visada de demonstração" (CHARAUDEAU, 2004, *on-line*), em que a enunciadora aposta em estabelecer uma verdade, a destruição da Amazônia pelas queimadas, mostrando ao interlocutor as provas do acontecido, convocando-o a olhar para essa situação pelas lentes do ambientalismo. As afirmações de que "foram coordenados e incentivados" (FIGURA 11), "O nome disso é fuligem" (FIGURA 12), e "o desmatamento é maior do que" (FIGURA 13), em conjunto com os outros recursos retóricos utilizados nas publicações, são gatilhos que provocam os interlocutores a prestarem a atenção nas denúncias das ambientalistas, uma vez que fazem parte de uma escrita autoral.

A potência dos tecnosignos e do aumento enunciativo, termos utilizados por Paveau (2014-15) para indicar a configuração delinear dos enunciados na internet, pode ser identificada na análise discursiva das publicações. Tecnosignos como os botões curtir, comentar e compartilhar, bem como os *hiperlinks* das matérias jornalísticas selecionadas pelas autoras, fazem parte do discurso das ambientalistas e podem contribuir para a encenação de uma voz coletiva, composta por outros oradores. Essa estratégia corresponde ao desejo de participação e engajamento almejado na comunicação nas redes sociais. Contudo, a apropriação de tais ferramentas não cerceia o interlocutor perante a referência da enunciadora que conta sua própria história. Dessa forma, ela "[...] está no interior da narrativa, na medida em que o personagem

principal, o herói, é ele mesmo” (CHARAUDEAU, 2012, p.195), o que pode contribuir para elevá-la ao status de fonte de autoridade para a temática ambiental. Mesmo que as ambientalistas compartilhem um hiperlink, a construção do discurso, em interação com as informações advindas de seus próprios perfis, pode potencializar a legitimação das vozes dessas mulheres.

Além de apresentarem indícios da destruição na Amazônia, as enunciatóricas desenvolvem sua narrativa a partir de uma certa autoridade que elas detêm e que lhes permite desvelar um fato como referência e legitimador do discurso ambientalista. Percebemos que tal desvelamento proposto pelas ambientalistas é comum em suas publicações no Facebook. Cláudia, Iara e Viviane se apresentam, assim, como aquelas que sugerem um enquadramento, apontando o que é e como olhar, a partir de modos de vida próprios - ser, parecer e filiações ativistas. A Amazônia pode ser um local distante da vivência delas, principalmente para Cláudia e Viviane, mas configura pauta ambiental prioritária no mundo, fazendo com que a publicação envolva uma rede maior de pessoas. Por fim, questionamos: em que o alarmismo tem a ver com o sentido de urgência que o apocalipse traz consigo? Os fundamentos do fim dos tempos são reforçados pela chamada para reações desesperadas. As enunciatóricas apostam no alarmismo e, ao mesmo tempo, na culpa dos verdadeiros responsáveis pela destruição ambiental. As ativistas detêm a autoridade para mostrar isso.

Em prol da conquista de maior visibilidade e legitimação das causas ambientais em uma contemporaneidade complexa e limitante, regida pela lógica econômica e política que transforma recursos naturais em mercadorias e intervém, cada vez mais, no meio ambiente, em repetição cíclica, a pauta ambiental indica a ruptura de processos e necessita ganhar ecos. Fazer com que o sujeito visualize a degradação e se posicione a favor da preservação dos recursos naturais é o objetivo das ativistas. A expressão é, assim, potência emancipatória em meio ao cenário marcado por sujeições. A presença marcante nas redes, por meio de recursos discursivos, pode garantir o enfrentamento dos obstáculos que o site Facebook possui em sua estrutura (a exemplo dos algoritmos), bem como os desafios para gerar engajamento e interação dos usuários no site, numa relação de presença e sentido.

Seja através de organizações ou militantes, o ambientalismo é consolidado em diversas correntes, mas com a preocupação comum de encontrar novas formas de legitimar o discurso ambiental, enfrentando os riscos eminentes da atividade militante e apresentando novas vias para apagar os rastros da destruição. Isso nos permite dizer que a comunicação é ferramenta fundamental para propor novos olhares, tornar visíveis as causas ambientalistas, instigar um

engajamento da sociedade civil, exaltar uma reverência à natureza, bem como conquistar transformações efetivas a partir da pressão política midiaticizada. Parece-nos, então, que as ambientalistas procuram nas publicações (FIGURAS 11, 12 E 13) ser e parecer em um ambiente altamente visível e que pode proporcionar trocas que tem potencial de modificar visões destrutivas sobre a natureza. Transformações que impulsionam a imaginação e a esperança em torno de mundos possíveis, que vão na contramão das ruínas e estimulam o cuidado com o meio ambiente.

CAPÍTULO 4 - ÉDEN: A BUSCA POR UM MUNDO PERDIDO

*“A única forma de chegar ao impossível
é acreditar que é possível.”*

Lewis Carroll

Mundos virtuais e imaginários. Universos paralelos criados por narrativas autobiográficas a partir de fragmentos de memória. Mundos desiguais, separados por muros, casas, prédios e comunidades isoladas em florestas. Ora são mundos que coexistem na sociedade, ora são mundos criados para nos confortar e, por fim, nos salvar dos destinos insustentáveis que o capital destrutivo criou. Queremos ser salvos e sobreviver frente ao terror apocalíptico, por isso criamos mundos possíveis. Há ainda os mundos poéticos, encontrados em narrativas literárias, musicais e cinematográficas. Narrativas da ficção que levam os leitores, ouvintes e espectadores a elaborarem novos cenários, muitas vezes catárticos, e ampliarem suas consciências em busca de um mundo perdido ou totalmente novo. A possibilidade de um outro mundo parece restrita à imaginação, no entanto, é preciso acreditar, como nos ensina Lewis Carroll (1865), que algo possa ser efetivamente construído dentro de uma comunidade, como o povo indígena comprova, através de sua cosmovisão mágica, a partir de uma forma distinta de organização política, filosófica e social. O mundo indígena tem muito a nos ensinar sobre modos de ser e viver estruturados na ancestralidade, algo que tende a representar uma novidade para a cultura ocidental.

Mundos possíveis crescem na medida em que os fantasmas do apocalipse assombram as sociedades. Sejam frutos de discursos cristãos solidificados na história, sejam acrescidos da paranoia coletiva trazida por pandemias, catástrofes e a disseminação dos discursos alarmistas midiáticos ou científicos. Sinais do apocalipse que se apresentam na história da humanidade em diversos momentos e que parecem estar, cada vez mais, presentes no imaginário coletivo. As transformações na dinâmica social e política estão diretamente conectadas com a natureza, ou seja, são inseparáveis, como apontamos em nosso percurso. Neste sentido, uma perspectiva de planeta mais consciente com relação às questões ambientais precisa dialogar com a ideia de uma organicidade viva e interdependente, que não demanda a separação ser humano/natureza.

No entanto, o mundo que conhecemos insiste, através de pensamentos ancorados na elevação da racionalidade técnica, da produção e do consumo capitalista, bem como da influência cristã-bíblica, em impor dualidades e antagonismos, responsáveis por esse distanciamento.

Mundos alternativos foram e são possíveis devido a éticas e estéticas diversas ao universo hegemônico da sociedade ocidental. Nas florestas e na organização tribal, indígenas demonstram uma potência em construir outros mundos, através de estratégias de resistência seculares, como nos conta Ailton Krenak, filósofo e líder indígena brasileiro da tribo Krenak. O pensador afirma que o fim do mundo apocalíptico sustentado pelo discurso dito oficial é vivenciado pelos indígenas desde sua existência como povos. Eles sofreram e vem sofrendo, assim, diversos fins do mundo. Conforme o autor:

Os grandes centros, as grandes metrópoles do mundo são uma reprodução uns dos outros. Se você for para Tóquio, Berlim, Nova York, Lisboa ou São Paulo, verá o mesmo entusiasmo em fazer torres incríveis, elevadores espiroquetas, veículos espaciais...Parece que você está numa viagem com o Flash Gordon. Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes - a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes de terra de sua mãe. (KRENAK, 2019, p. 22)

Fins dos tempos e apocalipses. Termos que Krenak opta por utilizar no plural. O coletivo é sua força, está na cosmologia de um povo que acumula sobrevivências. Fim dos tempos? É o que Krenak diz conhecer de perto. Eu e nós, como o indígena diz, sempre conectados. Abismo, queda e extinção são os sinônimos apocalípticos que assombram a humanidade há milhares de anos, presentes em latência na sociedade (prestes a emergir em todo seu horror), são realidades na vida dos povos ancestrais desde a colonização violenta de seus territórios.

Ouvir o líder indígena da tribo Krenak é regra nos anos de 2019 e 2020. Sua voz ressoa no cenário ativista. Desde a provocativa fala, com cara pintada de tinta extraída do jenipapo, na tribuna da Câmara dos Deputados durante Assembleia Constituinte de 1987, até a potente obra *Ideias pra Adiar o Fim do Mundo (2019)*, já são mais de três décadas de enfrentamento e defesa do povo indígena brasileiro e da natureza. Sobreviventes, considerados pela sociedade ocidental apenas “pessoas coletivas”, os povos indígenas são exemplo de resistência. A trajetória de Ailton Krenak evidencia esse componente: “Vi as diferentes manobras que nossos antepassados

fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos”, afirma Krenak (2019, p.28).

Ailton Krenak não é um guru. Não é celebridade midiática ou escritor de autoajuda, personagens do "apocaliptismo da Nova Era", nos termos de Žižek (2012)⁷⁰. Distinto desse posicionamento da nova era, Krenak (2019) não fala de uma terra prometida e de um futuro éden pela crença religiosa. Para o pensador indígena, a natureza é o todo coletivo. Uma natureza personalizada, em que cada elemento possui vida e espírito, em uma mística indígena que vive a ecologia profunda.

Para Krenak, o desespero da humanidade frente ao fim do mundo resulta da queda dos prazeres extasiantes e da perda aterrorizante de confortos próprios de um modo de vida capitalista. Nas palavras do autor:

Já caímos em diferentes escalas e em diferentes lugares do mundo. Mas temos muito medo do que vai acontecer quando a gente cair. Sentimos insegurança, uma paranoia da queda porque as outras possibilidades que se abrem exigem implodir essa casa que herdamos, que confortavelmente carregamos em grande estilo, mas passamos o tempo inteiro morrendo de medo. Então, talvez o que a gente tenha que fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. Já que aquilo de que realmente gostamos é gozar, viver no prazer aqui na Terra. Então, que a gente pare de despistar nada vocação e, em vez de ficar inventando outras parábolas, que a gente se renda a essa principal e não se deixe iludir com o aparato da técnica. Na verdade, a ciência inteira vive subjugado por essa coisa que é a técnica (KRENAK, 2019, p.63).

Krenak analisa o mundo criticamente, sob a perspectiva da sabedoria ancestral indígena que carrega. Propõe-nos ainda estratégias de resistência e sobrevivência que se diferem do sistema capitalista colonizador: a metáfora dos "paraquedas coloridos".

Em diálogo com Krenak, Viveiros de Castro (2017) discorre minuciosamente a respeito de uma cosmologia tupinambá, que guarda outros sentidos de cultura e formas de organização social, fundamentada em uma "religião não se pensava em termos de categoria da crença, essa ordem cultural não se fundava na exclusão unicista das ordens alheias, e essa

⁷⁰ Uma nova era cuja mistificação espiritualista aponta o pensamento como obstáculo a se superar, de modo que o potencial espiritual desenvolvido por seres humanos se elevaria de tal modo que seriam "como deuses no sentido exato de que desenvolverão a capacidade de influenciar a realidade diretamente (apenas pelo pensamento)" (ŽIŽEK, 2012, p.239). A mera configuração de uma nova era que propõe o controle das materialidades pela passagem para uma consciência nova e psicoespiritual, uma "versão do espiritualismo radical" que, segundo Žižek (2012, p. 240), estaria ligada à "negação da negação: a subjetividade ético-protestante individualista do empreendedor, ultrapassada pelo 'homem da organização' empresarial, retorna na forma de um capitalismo 'criativo' e infinitamente plástico". Para o autor, essas são características de um retorno dos "três espíritos do capitalismo", a descrição espiritualista de uma nova ordem social que seria um "efeito secundário de uma mudança espiritual mais substancial".

sociedade não existia fora de uma relação imanente com a alteridade" (VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p.191), em que o outro está incorporado na constituição do ser como solução para um intersubjetividade. O que conhecemos como identidade e individualidade são conceitos, portanto, na cosmologia indígena, subordinados ao exterior e à diferença, indicando o sair de si, ao identificar os outros como solução e não como um problema.

Viveiros de Castro (2017) responsabiliza o "dispositivo teológico-político" como causador de um impacto cosmológico durante a "descoberta" do Novo Mundo, notadamente a América Latina. Com um discurso totalizante, os missionários católicos pretendiam converter indígenas. Mas, para isso, precisavam antes de um investimento sociocultural nas tribos. Os indígenas necessitavam ser "civilizados", de acordo com o modelo cristão e catequético da época. Civilizar aqueles que tinham "maus costumes", como canibalismo, guerra de vingança, nudez e ausência de autoridade. Eram "almas selvagens, inconstantes", sem temor e sujeição. Extremamente assustados com os modos com que viviam esses povos originários, os missionários tinham o desafio de dar "lei e rei" (VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p.165) aos "selvagens". Porém, aqueles que pareciam interessados na mensagem cristã, continuavam em seus antigos costumes. A disciplina desejada parecia aos olhos cristãos uma conquista. Mas, era só aparência. Mesmo com os inúmeros estereótipos criados para os indígenas brasileiros, como preguiçosos e selvagens, eles resistem e mantêm seus costumes e cosmologia elevada até hoje. A visão dos jesuítas influenciou leis e políticas do Governo Brasileiro para os indígenas. Estes não deixam de lutar e se levantar para proteger costumes, territórios e povos.

Amparados pela visão compartilhada por Krenak (2019) e Viveiros de Castro (2017), podemos observar a resistência construída pelas mulheres ambientalistas participantes desta pesquisa, através das narrativas no Facebook. Em torno de mundos possíveis sonhados, Adriana, Barbara, Cláudia, Érica, Iara, Jane, Lindalva, Luciana, Muriel, Nélia, Rachel, Sabina, Silvia e Viviane compõem o discurso contemporâneo ambiental, carregado de traços ancestrais, conectado às cosmologias mágicas, que nos parecem objetivar um retorno à experiência, nostálgico, e ao mundo mais "natural", a fim de resgatar um sentido de éden. Ao mesmo tempo, um discurso composto por visões contemporâneas da sociedade, a partir da apropriação das redes sociais digitais, que nos indica um caminho de resistência frente aos processos destrutivos do meio ambiente.

Seria a configuração mental de um sonho que motivaria a ação política ambiental? Ou ela estaria ligada a uma dissociação radical de temáticas ambientais que poderia deslocar outras questões que coexistem com a destruição? Problematizamos as imagens de destruição e

resistência evocadas pelas ambientalistas no Facebook para refletirmos sobre o ambientalismo contemporâneo nas redes digitais. Com base em teorias da análise do discurso francesa, principalmente da teoria semiolinguística e das narrativas de si; ainda da comunicação ambiental, da ecologia e da filosofia,

buscamos aqui refletir sobre as possibilidades e desafios que o ativismo ambiental encontra nas redes sociais, em específico no Facebook, para tornar legítima sua pauta em uma contemporaneidade.

4.1 MUNDOS POSSÍVEIS NAS NARRATIVAS AMBIENTALISTAS

Mundos possíveis são imaginados pelo ativismo ambiental. É o que observamos nas publicações das ambientalistas. Como elas criam esses mundos? Uma resposta possível seria a partir do compartilhamento da experiência *off-line*, pela apropriação do digital, e da construção virtual de vozes e vivências ambientalistas próprias. Neste momento, sensibilizamo-nos com as narrativas de si em suas linhas do tempo, como Adriana imprime na imagem abaixo:

Adriana [profile picture] Linha do Tempo ▾ 2017 ▾ março ▾

Apresentação

Socioambientalista. Lutando e me divertindo, porquê o mundo é uma festa, mas o gelo está acabando.

- Trabalha na empresa Instituto Socioambiental - ISA
- Trabalhou na empresa CASA.ORG.BR
- Trabalhou na empresa Fundação Vitória Amazônica
- Estudou Jornalismo na instituição de ensino Faculdade da Cidade
- Frequentou Colégio Sion
- Mora em Brasília
- De Rio de Janeiro
- Seguida por 611 pessoas

[Collage of photos: a group of people outdoors, a woman at a table, a night sky, a woman with a flower crown, and a group of people in a city at night]

adrixramos

Adriana [profile picture] · está em Altiplano Leste. 8 de março de 2017 · Instagram · [location icon]

Bom dia de luta pra vocês, meninas!

[Three photos of purple flowers]

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👤 Marcia Hirota e outras 68 pessoas

Ver mais 7 comentários

FIGURA 14 - Post e perfil de Adriana do dia 08/03/2017
 Fonte: www.facebook.com

Adriana constrói em seu perfil uma linha do tempo composta por narrativas digitais que a revelam como ambientalista, ou "socioambientalista", como prefere se apresentar. Observamos fragmentos de sua vida em diversas dimensões, com predominância de relatos de suas experiências como ativista. Suas escolhas apontam essa predominância e estão, tanto em sua apresentação como socioambientalista ("lutando e me divertindo, porquê o mundo é uma festa, mas o gelo está acabando"), quanto nos destaques de imagens abaixo da sua apresentação. Uma mulher de luta política, mas que se diverte na festa, cenário de um mundo vivenciado por ela. Vale ressaltar que ela possui uma preocupação intrínseca do ambientalismo: o fim do "gelo", remetendo ao aquecimento global. Vemos fotografias de Adriana em ambientes verdes,

com sorriso no rosto e um arco de flores coloridas, com grupos de mulheres em ambientes urbanos e imagens de paisagens naturais.

Também notamos sua localização, referências de sua profissão e no post, imagens de exaltação de uma espécie de flor que agrada aos olhos de quem vê. São imagens que parecem ter sido fotografadas por ela, em seu quintal, localizado em "Altiplano Leste", em Brasília-DF, cidade onde reside atualmente. São três fotografias, algumas em plano mais aberto e uma outra com zoom e luz solar, dando maior destaque ao ambiente. Adriana não diz a espécie e nem conta das flores em sua publicação, mas elas compõem o destaque principal de sua narrativa. A única frase do post "Bom dia de luta para vocês, meninas!" nos dá uma referência de uma das intenções da publicação: saudar as mulheres por seu dia, uma vez que a publicação foi compartilhada no dia 8 de março, Dia Internacional das Mulheres. Contudo, a intenção não foi de parabenizar as mulheres por uma data em especial, mas sim reforçar que aquele era mais um dia de luta e trabalho. O cenário das flores no seu quintal, cultivadas pela ambientalista, amplia nossa percepção quanto ao enunciado, uma espécie de aposta de Adriana em ressaltar a natureza cuidada por ela e por todas as mulheres que fazem parte de sua rede.

Falar de mulheres nos parece remeter imediatamente para as questões que o feminismo nos trás e que descrevemos no Capítulo 2 da tese. Direta ou indiretamente defensora da pauta, Adriana não nos leva informações sobre seu ativismo feminista, contudo, seu posicionamento que conecta as mulheres à luta e à resistência pode nos indicar uma performance feminista, elevando a mulher como protagonista do discurso. Parece ser uma ode a todas as mulheres ambientalistas e a todas as flores, analogia feminina da natureza, ou construção de um mundo possível aos olhos dela. Um mundo em que a natureza não é vista como pecado ou relacionada ao corpo sexualizado da mulher, a exemplo do discurso cristão, que estabelece o homem como corporificação de Deus. Ao contrário, o que nos parece aqui é uma exaltação da participação das mulheres na construção do mundo e no encantamento da terra, se olharmos para a convocação estética que as flores violetas promovem na narrativa e a resistência do ambientalismo e da mulher residindo na palavra "luta".

O que se espera em um mundo patriarcal, em que impera o ideal de feminilidade, apontado por Kehl (2016), é a construção discursiva da categoria mulher como recatada, dócil, receptiva e passiva, diversa do ideal de luta que o sentido da palavra nos evoca. Outra construção discursiva é tomada pela narrativa digital de Adriana, que se aproxima daquelas construídas pelo movimento feminista há décadas. Ela dá voz às experiências isoladas de um grupo social através de suas narrativas digitais. A aposta de Adriana em torno de uma

publicação que revela alguns fragmentos de sua experiência de vida *off-line* configura um modo de se fazer ser ouvida.

Em uma dimensão estética, ela empreende estratégias sensíveis (SODRÉ, 2016). Sentimos o afeto dos elementos que despertam os mundos possíveis propostos por ela. Esse processo nos parece ser estratégico, a fim de contornar ainda os obstáculos propostos pela própria plataforma digital onde as imagens circulam. Observamos a estrutura da narrativa para definir as formas em que se desenvolvem as camadas de presença. Essa estrutura incita uma imaginação sobre soluções de preservação ambiental, pensadas pelas mulheres ambientalistas, possibilitando ao interlocutor criar imagens mentais de “mundos possíveis”.

Ainda compõe nossa percepção as curtidas e reações a sua publicação, formando o que Paveau (2014-15) denomina tecnodiscurso. Sessenta e nove pessoas conectadas a ela por meio de redes sociais digitais visualizaram o *post* e ainda registraram suas considerações sobre ele. Não há reações deslegitimadoras, apenas aquelas que se sentiram afetadas positivamente pela narrativa publicada e curtiram ou reagiram com o tecnosigno "amei". Conteúdo e forma da materialidade digital *on-line* que nos orientam a pensar sobre como elas constroem uma trajetória a fim de gerar proximidade e intensidade com os interlocutores em suas redes sociais. Essas duas buscas nos levam a meditar sobre como essas mulheres fazem para, além de ser e parecer ambientalista, instigar outras pessoas a participarem de suas experiências.

Há uma tentativa de produção de presença (GUMBRECHT, 2010), então, a ser encenada a partir dos elementos trabalhados na publicação, bem como nas reações discursivas ao *post*. Uma aproximação ao interlocutor e aos mundos possíveis orientados pela ambientalista que é de maior intensidade quando ela investe na ativação de determinados cenários ideais para a natureza, como no *post* da FIGURA 14. O que poderá tocar, mesmo sem a materialização do corpo orgânico, as pessoas que estão em diálogo com Adriana. Uma investida em sensibilizar e aproximar, pela exaltação da natureza, é, igualmente, identificada em Iara, como podemos notar abaixo:



FIGURA 15 – *Post* de Iara do dia 14/01/2017
Fonte: www.facebook.com

Com Iara (FIGURA 15), ingressamos em um portal imaginário, que nos leva a sentir a natureza que a ambientalista apresenta. O verde das folhas parece nos aconchegar por instantes, nos convidando a admirar a paisagem. Pode revelar o suave perfume das árvores, das folhas e o cheiro agradável do chão de terra. A possibilidade de um mundo distante do cenário urbano poluído e repleto de concreto toma forma ao observarmos a imagem. Pelas lentes de Iara e o enquadramento proposto por ela, somos afetados por sensações alvissareiras de um mundo possível que remete ao éden. Ela diz que está em uma estrada, durante uma viagem, sem citar a localização, o que faz parecer ainda mais um mundo virtual e imaginado somente por ela. Mas que, ao mesmo tempo, é experienciado pelo interlocutor que pode fazer parte, agora, desse mundo que observa. Ingressaremos no portal verde ou ficaremos observando e sentindo a

natureza que nos abraça? Uma questão que não se responde e que, muitas vezes, parece nem ser levantada por quem vê. Sensibilidade em destaque ganha predominância na publicação de Iara. A viagem que em 14 de janeiro de 2017 podemos fazer junto a Iara: passar pela estrada e parar para observar o portal verde. Fragmento grandioso de uma passagem pelo olhar mais sensível, como o de Walter Benjamin na primeira metade do século XX. Contudo, diverso do que Benjamin nos apresenta nos volumes de *Passagens* (2018) sobre a cidade em transformação, o que Iara apresenta é um desejo de retorno ao bucólico.

Os olhares mais atentos podem perceber ainda o que a imagem esconde. O cenário predominante verde e edênico nos esconde o portão de ferro, totalmente circundado pelas folhas e árvores que compõe a imagem. A nosso ver, uma forma crítica de visualizar a natureza em contraponto a um elemento técnico engolido pela imponência do natural. Benjamin (2018), na leitura crítica sobre as passagens que ornamentam a cidade moderna, reflete sobre o recuo de cenários bucólicos e da tradição, ao perceber e registrar em seus livros a elevação da técnica moderna que edifica, artificialmente, a arquitetura das passagens. O ferro, como material das construções que serviam para fins transitórios, foi utilizado em larga escala no tempo de Benjamin. O portão da FIGURA 15 esconde uma tradição, ao mesmo tempo que a natureza intacta do local poderá nos remeter ao um passado de harmonia com o meio ambiente, anterior à construção do portão, mas que permaneceu vivo - o que não podemos afirmar quanto ao portão, possivelmente já deteriorado e transformado pelo verde. Novo e antigo que se interpenetram, conforme Benjamin (2018), como “imagens do desejo”, estas que:

[...] remetem à fantasia imagética impulsionada pelo novo, de volta ao passado mais remoto. No sonho, em que diante dos olhos de cada época surge em imagens a época seguinte, esta aparece associada a elementos da história primeva, ou seja, de uma sociedade sem classes. As experiências desta sociedade, que têm seu depósito no inconsciente do coletivo, geram, em interação com o novo, a utopia que deixou seu rastro em mil configurações da vida, das construções duradouras até as modas passageiras (BENJAMIN, 2018, p.55-56).

Elementos que revelam como Iara enxerga a natureza podem levar a descobertas ou retomadas de referências naturais pelos interlocutores, como Benjamin (2018, p.666) nos diz sobre as novidades e mundos possíveis imaginados na sociedade: “Assim como a técnica mostra a natureza em uma perspectiva sempre nova, assim também, no que toca ao homem, ela mobiliza de forma sempre variada seus mais primitivos afetos, angústias e imagens do desejo”.

Mais do que narrativas puramente verbais ou escritas, com início, meio e fim, Iara e as ambientalistas constroem fragmentos, passagens bucólicas digitais, que afetam pelo

desenvolvimento de uma linguagem imersa no universo discursivo do Facebook. Apontamos aqui alguns traços do tecnodiscurso (PAVEAU, 2014-15), conforme observamos no espaço digital, que revelam marcas da presença da ambientalista que encena seu mundo possível pela combinação dessas marcas. Veremos esse desenvolvimento nas outras ambientalistas, com recorrência em mais uma publicação que podem revelar as imagens construídas por elas.

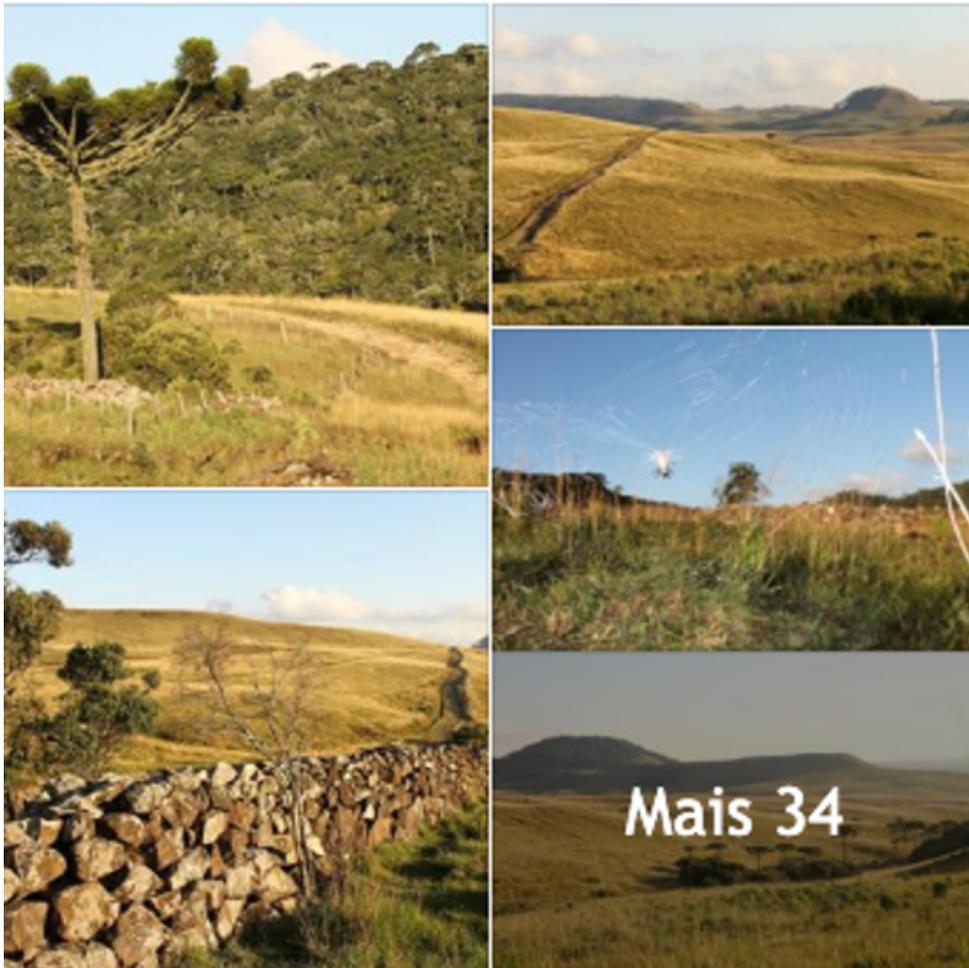


Silvia [\[perfil\]](#) compartilhou um álbum.



27 de janeiro de 2017 ·

Amig@s das recentes aventuras dos Aparados, Luiz [\[perfil\]](#), Aracile [\[perfil\]](#),
Cristiana [\[perfil\]](#) confirmam imagens de tempos atrás... Essa região tem muito
a ser valorizada pelo seu ambiente natural...



Silvia [\[perfil\]](#) adicionou 38 novas fotos ao álbum "Outros lados de
Cambará".

Abril de 2015 ·

A Páscoa é a melhor época para visitar os Aparados da Serra. No último final de semana tive a oportunidade de conhecer outros lados de Cambará, ver o canyon da Fortaleza, o maior de todos, que fica dentro do Parque Nacional da Serra Geral, de outro ângulo, de seu lado Norte.

Pelo binóculo, vi centenas de pessoas na beira do canyon, pareciam formigas, só que coloridas.

Só que para chegar nesses lugares não é fácil. Exige muita caminhada e estar com pessoas que conhecem bem a região. Integro há mais de 20 anos um grupo que vem desbravando os Aparados, tanto de SC como do RS, muito antes do asfalto chegar, quando se atingia aos paradisíacos lugares só com bússola e cartas do Exército.



2 comentários

FIGURA 16 - Post de Silvia do dia 27/01/2017
Fonte: www.facebook.com

Diferente de Iara, o que observamos em Silvia são tons de verde mais pálidos, como se o espaço natural revelado estivesse sofrendo as passagens do tempo e do ambiente industrializado ao redor. A formação de um borrão bege, com alguns fragmentos de um verde mais claro, pode nos levar a perceber o espaço como antigo e desgastado. As cores pálidas seriam, assim, rastros que deixaram marcas de um tempo em que predominava o verde? Seria a cor do sol, que ilumina o espaço durante o dia, a responsável por tonalizar a imagem com cores mais desbotadas? Ou seriam as imagens representativas de um ecossistema único? O mundo apresentado por Silvia nesse fragmento pode ir além da simples percepção primária das imagens.

As fotografias compõem grande parte da narrativa plurisemiótica da ambientalista. No *post*, Silvia compartilha imagens de um álbum de abril de 2015, quando de sua visita ao Parque Nacional de Aparados da Serra, unidade de conservação brasileira e de proteção ambiental, ponto de intersecção que abriga um conjunto de ecossistemas da mata atlântica, das florestas de araucárias e pampa, localizado entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Um cenário grandioso, apreendido por meio das 38 fotografias que parecem ter sido retiradas por Silvia durante uma das caminhadas que ela realizou. Em destaque, devido às configurações técnicas do Facebook, o interlocutor terá acesso somente a cinco imagens em um primeiro momento. Se lhe interessar, o acesso através de um hiperlink na última foto poderá o levar a observar as demais imagens.

Somos seduzidos pela potência estética própria das imagens na publicação. No texto, Silvia destaca que faz parte de um grupo que realiza caminhadas há mais de 20 anos na região, que deve “ser valorizada pelo seu ambiente natural” (FIGURA 16). Descobrimos, assim, que as tonalidades observadas nas imagens podem fazer referência à natureza própria da região. Tomam forma e conteúdo as fotografias do passado que estão presentes na linha do tempo da ambientalista. Silvia busca levar seu interlocutor a se aproximar do parque, imaginar, como em um sonho, a partilha daquele mundo edênico. Parece-nos, assim, que as barreiras técnicas do espaço digital foram transpostas para chegar até o corpo daquele que sente a experiência de ser e estar no parque. O texto que acompanha as imagens contribui para fomentar a imaginação. Podemos, através dele, perceber a grandiosidade daquele parque e senti-lo maior do que os fragmentos das fotografias proporcionam. Silvia aponta nosso olhar para nuances do parque, de onde podemos: “ver o canyon da Fortaleza, o maior de todos, que fica dentro do Parque Nacional da Serra Geral, de outro ângulo, de seu lado norte. Pelo binóculo, vi centenas de pessoas na beira do canyon, pareciam formigas, só que coloridas” (FIGURA 16).

Dentre a analogia técnica, como a do binóculo que proporciona maior visão pela facilidade maquina, e a natural, como a das formigas coloridas, pensamos em um mundo possível que carrega a esperança dos ambientes verdes. O cenário construído por Silvia remete ao imaginário proposto por Lewis Carroll, em Alice no País das Maravilhas (1865), no qual todos os elementos e seres são animados, em que tudo é possível de acontecer. Silvia ilumina essa paisagem como uma possibilidade de retorno ao mundo perdido ou de preservação do gigantesco parque, onde os humanos são pequenas “formigas coloridas”, diante de sua dimensão colossal.

Silvia conta que a experiência se tornou uma aventura que agora pode ser compartilhada como uma infinidade de pessoas, já que o *post* está em modo público (que permite a todos os usuários do Facebook terem acesso a sua publicação). Ao se colocar como exploradora e desbravadora de um mundo possível, a ambientalista alimenta a imaginação de quem interage com ela. Imagens carregadas pelo potencial político, se tomarmos como referência o conhecimento que temos sobre a ambientalista (FIGURA 17).

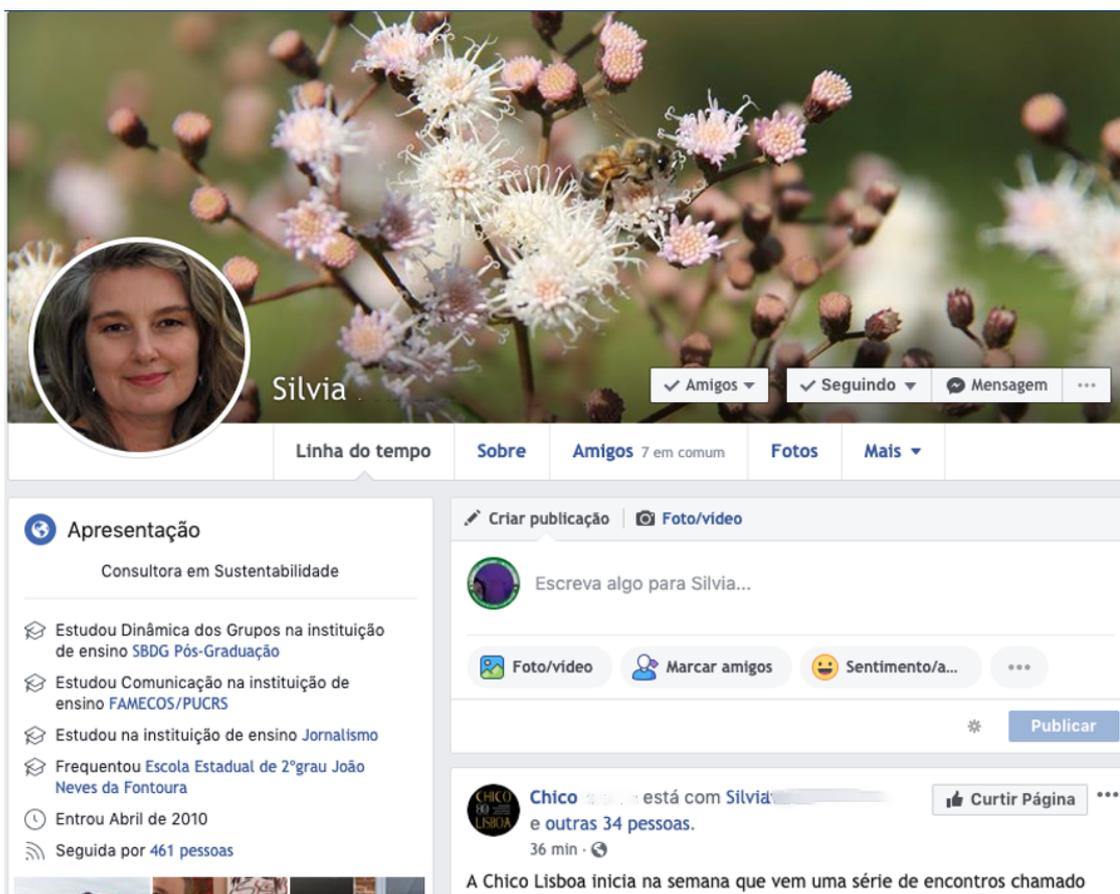


FIGURA 17 – Perfil de Silvia do dia 27/01/2017
Fonte: www.facebook.com

Silvia se apresenta como consultora em sustentabilidade e divulga rotineiramente uma série de narrativas em defesa do meio ambiente, posicionando-se como ambientalista. Suas vozes e vivências compartilhadas iluminam um ponto de vista sobre questões da natureza, mesmo que encenem o mundo possível através do sonho, como vimos no *post*. A “*experiência interior*, por mais ‘subjéitiva’, por mais ‘obscura’ que seja, pode aparecer como um *lampejo para o outro*, a partir do momento em que encontra a forma justa de sua construção, de sua narração, de sua transmissão”, conforme Didi-Huberman (2011, p.135), para quem o sonho dispõe de um potencial político. Assim, a almejada transformação de padrões e comportamentos destrutivos, imaginada pelo ativismo ambiental, ganha contornos políticos, não só através da luta, mas no sonho e na utopia de um mundo possível.

Sonhadoras, as ativistas alimentam os mundos que reverenciam a natureza, considerando-a indissociada da vida humana. O processo de manutenção dessa possibilidade de mundo nos parece uma ação política de resistência ao outro mundo, racional, da “humanidade” em ruínas. No mundo marcado pela destruição, são apresentadas, por meio das vozes e vivências dessas mulheres, estratégias de ação e pensamento para o retorno ou a construção do éden. Sonhos alimentados por Krenak (2019), que Viveiros de Castro (2020) aponta em referência às ideias para contemporizar o fim do mundo, segundo o pensador indígena:

[...] aqueles povos que fomos ensinados a ver como sobrevivências de nosso passado humano - povos forçados a <<subviver>> no presente em meio às ruínas de seus mundos originários - se mostram inesperadamente como imagens de nosso próprio futuro. Eis que a noção de << sobrevivência >> subitamente ganha todo um outro sentido antropológico, nas antípodas daquele proposto por Edward Tylor... Como disse Krenak, nós, os povos indígenas, estamos resistindo ao << humanismo >> mortífero do Ocidente há cinco séculos; estamos preocupados agora é com vocês brancos, que não sabemos se conseguirão resistir! Ele falava aqui especificamente do Brasil, então sob a ameaça, depois concretizada, da chegada ao poder de um governo brutalmente ecocida e etnocida. Mas sua inquietação irônica se estende, bem entendido, à situação de todo o chamado << mundo civilizado >>, hoje sob a dupla e conectada ameaça de um *revival* fascista e de uma catástrofe ecológica global (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, *on-line*).

Entre sobrevivências, subvivências e resistências, Krenak nos mostra que as possibilidades de vida são inúmeras e ele as conhece pela própria experiência. Ora, não é esse gesto comum às ambientalistas? Para ele e elas, o fim do mundo “humano” será adiado pela luta contra as ameaças políticas, sociais e ambientais. Uma esperança que impulsiona o ativismo à ação. A partir de um *ethos* ativista próprio daquelas que se apropriam do espaço digital para

construírem suas narrativas ativistas, as ambientalistas narram em primeira pessoa sua rotina, reforçando práticas ativistas no ambiente *off-line*, como podemos examinar em Nélia:



FIGURA 18 – Perfil de Nélia do dia 9/01/2017
Fonte: www.facebook.com

Nélia compartilhou uma publicação.
9 de janeiro de 2017 · 🌐

Mais 4

Marcos está com **Lídice**
9 de janeiro de 2017

ASSIM FOI NOSSO BATE PAPO SOBRE PANC's(Plantas Alimentícias não convencionais) e Ervas medicinais com a especialista **Nélia**
Coreto Hype
Sítio Madrigais Orgânicos

👍❤️ Sítio Madrigais Orgânicos e outras 10 pessoas 1 comentário

FIGURA 19 – Post de Nélia do dia 09/01/2017
Fonte: www.facebook.com

Nélia é proprietária do Sítio Madrigais Orgânicos, localizado nas proximidades de Salvador, Bahia. A produção de orgânicos e a morada em ambiente verde, mantidos por Nélia, é uma recorrência nos modos de vida das mulheres ambientalistas. A intenção de efetivamente construir mundos verdes e naturais, a partir de espaços conservados por elas, parece ser uma

das principais ações ativistas. Nesses locais, elas conseguem proteger sementes, plantas e compartilhar ervas, especiarias e mudas com comunidades próximas ao espaço em que vivem. Nesse ponto, vemos como a vida ativista não é dissociada de outras dimensões de suas vidas. Não falamos aqui de um papel ou função social transitória, mas sim de entrelaces possíveis. Vemos na FIGURA 18 que o perfil de Nélia no Facebook tem como destaque principal, em sua foto de capa e na apresentação: o Sítio Madrigais. Ele é ainda o local privilegiado para ações ativistas, conforme a publicação acima (FIGURA 19), onde vemos Nélia em um bate-papo sobre Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC's).

A aposta por uma narrativa compartilhada e, predominantemente fotográfica, revela a dimensão estética da construção de suas vivências pela partilha de seu modo de vida e do ambiente em que faz sua morada. As imagens revelam a produção de plantas orgânicas, que se desponta como uma produção natural e livre de agrotóxicos. Proposta do ecofeminismo, que evoca mulheres para um contato íntimo com a terra, em sua materialidade, a fim prover transformações ambientais no mundo. Uma solução possível para combater as ameaças e retardar a catástrofe ecológica. As imagens de ação, coletividade e dos seres humanos em harmonia com a natureza na publicação de Nélia remetem a lampejos de resistência. Cabe ao interlocutor o desejo de ver e, quem sabe, se tornar um ativista em prol da natureza. Da parte de Nélia, vemos apenas imagens compartilhadas sobre sua ação, com origem em outro perfil de rede social. Sem narrativa verbal, apenas fotografias que podem ser apreendidas pelos observadores, mas que têm a faculdade de ativar a imaginação e o pensamento sobre a vivência, como aponta Didi-Huberman (2011, p. 147), ao afirmar que: “o *pensamento à altura da experiência* é algo como uma bola de fogo ou um vaga-lume, admirável e em desaparecimento”.

Sem uma conclusão ou caminho futuro indicado, a narrativa de Nélia nos convida a admirar e exaltar a exposição de sua vida ativista. Como observadores dessa publicação, percorremos por nosso próprio caminho virtual, a partir da nossa linha do tempo no Facebook, que se compõe por outras ligações de redes ambientalistas, usuários diversos, propagandas comerciais e ícones institucionais do site. Algumas narrativas nos mantêm na navegação interna ao site, outras vão nos conduzindo para ambientes externos ao ecossistema digital. Perdidos em nossa própria linha do tempo, sem linearidade, repletos de links “atrativos”, imagens e cores diversas, podemos ser condicionados a experiências superficiais e fluídas nesse mundo virtual, ou mundos. Muitas vezes um processo catártico que nos lembra o *flâneur* de Benjamin, ou seria o basbaque? A cartografia profusa dos universos digitais, vivenciados virtualmente por nós,

conduz à experiência deslocada e fragmentada, em que símbolos, como os expostos pelas ambientalistas, coexistem com uma série de outros.

Como *flâneur*, podemos absorver o saber do *post*, como o “lobisomem inquieto e à deriva da selva social” (BENJAMIN, 2018, p. 210), aprendendo pela vivência, que “busca o que é único”. O *flâneur* será esse, então, que “memoriza assim, como uma criança, insistindo na sua verdade, duro como a velhice”. Persistiremos na absorção daquilo que é proposto pelas ambientalistas, em reação discursiva ao que somos conectados pela passagem nas redes sociais. Descrições revelam os fragmentos que conduzem as vivências, uma espécie de *flâneur* digital, que não é mero observador apático, mas encontrará lampejos em meio a certas escuridões. Ele se concentra na observação, mas não se estagna no deslumbramento. Diverso do *flâneur*, é o basbaque benjaminiano:

O simples flâneur está sempre em plena posse de sua individualidade; a do basbaque, ao contrário, desaparece. Foi absorvida pelo mundo exterior...; este o inebria até o esquecimento de si mesmo. Sob a influência do espetáculo que se oferece a ele, o basbaque se torna um ser impessoal; já não é um ser humano; é o público, é a multidão. (Benjamin lendo Victor Fournel, *Ce qu'on voit dans les rues de Paris*, Paris, 1858, p.263)

As analogias ao *flâneur* e ao basbaque são só algumas das imagens das interações diversas nesse espaço digital. Poderíamos pressupor pelas reações discursivas cada uma dessas pessoas em diálogo, ou não, com as ambientalistas. Contudo, uma legitimação efetiva pode ser comprovada somente a partir de uma análise quantitativa, advinda de curtidas e compartilhamentos, pois os comentários, que poderiam ser reações claras às narrativas, são inexistentes ou pouco relevantes, como veremos abaixo.



Marcos está com **Lídice**

9 de janeiro de 2017

ASSIM FOI NOSSO BATE PAPO SOBRE PANC's(Plantas Alimentícias não convencionais) e Ervas medicinais com a especialista **Nélia**

Coreto Hype
Sítio Madrigais Orgânicos

Sítio Madrigais Orgânicos e outras 10 pessoas 1 comentário

Curtir Comentar Compartilhar

Lenira . Que legal, Nélia! Beijo grande!

Curtir · Responder · 2 a 1

Escreva um comentário...

FIGURA 20 – Comentários no *Post* de Nélia do dia 09/01/2017

Fonte: www.facebook.com

Fica, então, a sedução do interlocutor pela dimensão do *ethos* e de uma linguagem que reafirma a legitimação da ambientalista no Facebook. Estratégias discursivas de dimensão ética

e estética, como a que vimos aqui, são fortalecidas pelo espectro que o ativismo ambiental das mulheres carrega. Como uma heroína que oferece uma salvação prometida e luzes de mundos possíveis pós-apocalípticos, Nélia compõe diversas narrativas fragmentadas sobre a vida ativista em seu perfil no Facebook.

The image is a screenshot of a Facebook post. At the top, the profile name 'Nélia' is visible, along with navigation options for 'Linha do tempo', '2017', and 'Janeiro'. The main content is a photo of a man and a woman in a lush green field, looking at a plant. The caption below the photo reads: 'Marcos está com Daniela 6 de janeiro de 2017 #MALOKANDOPORA. Nossa amiga Nélia e Sdo Sitio Madrigais Orgânicos Explicando as propriedades e Benefícios da Folha Pata de vaca.' Below the caption are 19 reactions and three buttons: 'Curtir', 'Comentar', and 'Compartilhar'. On the left side, there is a 'Fotos' section with a grid of images, an 'Amigos - 534' section with a grid of friend profiles, and a 'Veja o que você tem em comum com os amigos de Nélia' section with a 'Visualizar' button. At the bottom left, there are language options: 'Português (Brasil)', 'Português (Portugal)', 'English (US)', 'Español', and 'Français (France)'. A footer contains links for 'Privacidade', 'Termos', 'Anúncios', and 'Opções de anúncio'.

FIGURA 21 – Post de Nélia do dia 07/01/2017
Fonte: www.facebook.com

Na publicação acima, observamos o posicionamento cuidadoso, o olhar suave para a planta e o verde em destaque. Elementos e estratégias sensíveis que procuram sobrepor o ambiente virtual pelo toque encenado. Mais uma vez, testemunhamos o compartilhamento das imagens de um terceiro por Nélia, uma vez que ela está em ação na foto e não conseguiria registrar o momento do ângulo proposto pela fotografia. Na FIGURA 21, aprendemos mais sobre a ambientalista, ao identificar as imagens que dão destaque ao ícone "fotos", confirmando nossa expectativa em torno de sua constituição como ambientalista em todo o perfil. É como se pudéssemos juntar todos os fragmentos propostos por Nélia em um único memorial digital e obtivéssemos cenários coerentes e uma única verdade ambientalista.

Contudo, neste momento, em que o *ethos* ativista das mulheres se desponta, é inegável dizermos que coexiste um sentido nostálgico e preocupado com as ruínas do mundo. Vemos isso em Adriana na FIGURA 6, representativa de uma série de recorrências identificadas em todas as mulheres e que cresce quando observamos as publicações do ano de 2019, como as da Amazônia.

4.1.2 Narrativas ativistas em dissociação sobre o apocalipse

Falarmos sobre éden não elimina a narrativa sobre o apocalipse, em um processo que dedicamos aqui como não-dual, deixando antagonismos e abraçando a visão holística e integral dos conceitos. As ambientalistas apresentam soluções que podem salvar o mundo "humanizado", que acabará não da mesma forma das escrituras do apocalipse cristão, mas acelerado pelas atuais ameaças de uma catástrofe ecológica mundial.

No Brasil, ao voltarmos para o ano de 2019, observamos como pauta predominante das publicações, o incêndio criminoso na floresta Amazônica, no mês de agosto de 2019. Além do esforço em desvelar os reais inimigos do trágico acontecido, a partir de um discurso alarmante, como vimos no Capítulo 3, as ambientalistas encenam o *ethos* ativista e reúnem as marcas discursivas que reforçam sua autoridade como narradoras do acontecido. Nesse caso, a encenação narrativa ocorre pelo procedimento de "presença e intervenção do autor-indivíduo". Nos termos de Charaudeau:

Esse procedimento de presença (ou intervenção) de um narrador-autor-indivíduo tende a produzir um efeito de verismo e/ou apelo a compartilhar de um pensamento ou de uma experiência vivida. Ao se manifestar assim, esse autor-indivíduo torna-se um personagem que se dirige ao leitor de maneira explícita [...] (CHARAUDEAU, 2012, p.189).

As ambientalistas se posicionarão, assim, como observadoras e testemunhas de sua época, expondo suas opiniões a respeito do tema e convocando o interlocutor a compartilhar aquilo que aprecia, como podemos notar em Cláudia (FIGURA 22)



FIGURA 22 – Post de Cláudia do dia 25/08/2019
Fonte: www.facebook.com

Como narrativa que propõem mudanças de hábitos e comportamentos, o mundo possível de que fala Krenak (2019), Cláudia pretende criar no imaginário do interlocutor a possibilidade de adiamento da destruição da Amazônia pelo cultivo de alimentos em casa. Um mundo possível, criado pela sua narrativa no *post*. Um lugar, conforme Krenak:

[...] onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza [...], mas que é uma experiência transcente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. (KRENAK, 2019, p.66).

Parte da constituição de um mundo possível para Cláudia está nas cores vivas que compõem a fotografia de um alimento (e o enquadramento deste), podendo acionar no interlocutor um desejo de proximidade, de sabor e da opção por uma alimentação saudável. Parece um mundo possível distante do real, mas nos alimenta de esperança. Efeitos de presença (GUMBRECHT, 2010) que se manifestam no desejo incitado que poderá ativar o compartilhamento da mensagem, devido à viralidade dos acontecimentos. São, assim, estratégias de comunicação digital que priorizam um conteúdo sensível, que toquem o usuário das redes.

É importante destacarmos que analisamos nesta tese um investimento das ambientalistas em enunciados que reforçam sua posição de autoridade ambiental. Como narradoras da vida natural, sonhadoras de um mundo possível e desveladoras das reais causas da destruição, elas são protagonistas de histórias que podem remeter ao interlocutor ao ponto de vista ambientalista sobre temas da atualidade. Cláudia, na FIGURA 22, pode ser ainda uma narradora-testemunha de sua própria vida, produzindo “efeito de verismo” na narrativa, como diz Charaudeau (2012, p.189), em que será possível ao interlocutor imaginar e tornar realidade a vida considerada possível. No *post*, destacam-se os alimentos produzidos no quintal da ambientalista e, ao mesmo tempo, percebemos um indicador de Cláudia sobre a Amazônia, sugerindo ao interlocutor as queimadas criminosas de agosto de 2019. O indicador temporal está na data do *post* e na percepção dos interlocutores quanto ao contexto ambiental brasileiro ao se referir à Amazônia.

O discurso do movimento ambiental, seus objetivos de ação ativista, estão em uma dimensão de sentido que, muitas vezes, não é visível ao usuário, pois faz parte das decisões subjetivas da ambientalista. Essa dimensão é, senão, a mais importante de todo o processo de se pensar estratégias de visibilidade e legitimação nas redes. Contudo, poderemos apenas aferir

que Cláudia oferece uma nova perspectiva sobre o acontecido no Brasil, ancorada no discurso ambiental que revela em seu perfil. As marcas discursivas de uma narradora-testemunha ambientalista vão remeter ao contexto atual, bem como seu pensamento acerca das soluções para a natureza brasileira. O uso da expressão “a gente não precisa” (FIGURA 22) convida à ação coletiva, posicionando-se como incentivadora de mudanças ambientais, apresentando um gesto em prol de um futuro sem destruição.

A voz de Cláudia convida ao pensamento coletivo a respeito das questões da natureza e, de certa forma, lembra-nos as vozes indígenas do canto Maxakaly. É o “nós” que leva o desejo de coletividade dos movimentos ambientais e que torna a causa uma iniciativa holística em favor de um bem humano e essencial à vida. A voz é da ambientalista, mas sabemos que carrega todas as outras vozes de suas redes de conexão ambiental. Ela aspira que se torne uma voz múltipla, salvadora do meio ambiente. Não há uma única história da narradora, nem das outras, mesmo que se enuncie como única e verdadeira. Arfuch (2010, p. 129) enxerga nisso uma dupla outroridade, esta que vai “além de si mesmo, que compromete em relação com o social, os ideais a compartilhar, em termos de solidariedade, justiça, responsabilidade”. A outroridade encontrada na: “[...] multiplicidade dos relatos, suscetíveis de enunciação diferente, em diversos registros e coautorias [...], que vai construindo uma urdidura reconhecível como ‘própria’, mas definível só em termos relacionais: *eu sou tal* aqui em relação a outros diferentes e exteriores a mim (ARFUCH, 2010, p. 129). Coautorias essas que percebemos nas narrativas das mulheres ambientalistas, tendo em vista que as narrativas de si, apesar de serem determinadas por uma subjetividade discursiva, carregam com elas uma relação com o outro e a potência de um sentido de coletividade.

O desejo por uma voz que pertença à coletividade, compartilhada afetivamente em redes abertas no Facebook, fazem parte da “alma revolucionária” (DUNKER, 2017) das ambientalistas. Elas são as porta-vozes, ou seja, aquelas que vão transportar uma mensagem reveladora para a comunidade acerca dos males do mundo. Uma alma, portanto, coletiva, que se alimenta “ora de responsabilidade, ora de convicção”, conforme Dunker (2017, p.189). Em uma espécie de caminhada romântica pela vida, as militantes do meio ambiente procuram, cada vez mais, se afastarem das impurezas do mundo e construir um caminho edênico que prevê um retorno ao mundo natural ou o desenvolvimento de um mundo sustentável, como explicita Viviane (FIGURA 23).



Viviane
21 de agosto às 20:26

Por você, Amazônia.

Não sei o que fazer daqui, mas é pela esperança de que você estará salva que eu me dedico.

É por você, Amazônia, que eu planto semente por semente e árvore por árvore, porque sendo otimista, se cada um fizer um pouquinho, a gente reverte a destruição em regeneração.

É por você que eu uso do meu poder de fala para espalhar toda consciência que chegou até mim, porque eu sei que tem gente que não faz por mal, simplesmente não sabe das consequências.

É por você que eu aprendo todo dia a me alimentar sem carne e me nutrir de diversos vegetais. Eu não consigo acreditar que estão te matando pra criar mais gado.

É por você que eu como alimentos orgânicos, seja da minha horta, seja de produtores locais, porque eu não quero mais agrotóxicos nos rios e nas terras.

É por você que eu aprendi a gostar de insetos que polinizam e equilibram o ecossistema.

É por você que eu uso o máximo de cosméticos naturais e produtos de limpeza não industrializados, porque eu não quero mais envenenar os rios.

É por você que eu composto, reciclo e não uso mais descartáveis, porque eu sei que afeta você aí.

É por você que eu aprendo a usar plantas medicinais, porque eu quero entender o poder dessas medicinais que surgem da terra e não polui suas águas.

É por você que eu tento não ter raiva da minha própria espécie, porque você nos ensina que vida gera mais vida, com paciência.

Eu queria poder reverter todo fogo em consciência ambiental aqui no meu país e no mundo inteiro, mas sigo aqui no trabalho de formiguinha. Triste, porém forte. Por você.



95

15 comentários 6 compartilhamentos

FIGURA 23 - *Post* de Viviane do dia 21/08/2019
Fonte: www.facebook.com

Além da fotografia de Viviane que incita um movimento corporal, materializado na semeadura de alimentos, podemos observar a repetição “é por você” que concede um tom poético ao texto, uma sonoridade construída para ser agradável, como nas cartas de amor, contribuindo para a estética sonhadora da narrativa. Como agentes psíquicos que vão convocar o interlocutor a fazer parte daquela construção linguística romantizada, sensações podem ser ativadas a partir da narrativa da ambientalista. Ela se expressa numa espécie de confissão, marcando um espaço na linha do tempo de quem a lê, um rastro digital a partir da apropriação das ferramentas do Facebook. Podemos pensar até em uma estratégia sensível a partir das marcas digitais que ela inscreve no *post*, evocada para que seu conteúdo se torne mais visível diante da intensa velocidade de apagamento das informações nessa rede social. Uma estratégia sensível, que simula um toque ao leitor, pode afetar a experiência.

Aqui observamos, ao contrário da publicação de Cláudia (FIGURA 22) que nos dá um sentido de coletividade, a utilização do pronome “eu”, seguido de verbos de ação: “planto”, “uso”, “aprendo”, “como”, “composto” e “tento”. A exposição da vida ativista de Viviane carrega no *post* um testemunho da própria vida como exemplo a ser seguido a partir das ações narradas. Exaltação da natureza e de sua vida se entrelaça na narrativa, indicando que a alma revolucionária carrega um aspecto individualizado, categoria, segundo Dunker (2017, p. 189), “um tanto suspeita para os revolucionários”, mas que demonstra um ponto característico dessa forma de vida ativista: “a insubmissão insatisfeita com a sua própria identidade e com o mundo tal qual ele se apresenta em sua tediosa banalidade”.

Permanecem nas publicações de ambientalistas, o desejo de sensibilizar, balançar e tocar as pessoas que interagem com as narrativas. As estratégias de identificação e reconhecimento da alma revolucionária são tentativas de produzir presença e sentidos outros que apresentem mundos possíveis aos interlocutores. Por vezes, como vimos em Cláudia (FIGURA 22), o investimento em uma narrativa que quer dar voz à coletividade carrega a insubmissão a sua própria identidade, como aborda Dunker (2017). Em ambas, notamos a tentativa de afastamento do mundo arruinado pelos modelos de produção e consumo capitalistas. Quanto ao acontecimento criminoso na Amazônia, a violência de um evento traumatizante é apresentada com pesar e tristeza por Viviane (FIGURA 23). Contudo, observamos nas duas ambientalistas o investimento em sobrepor tal trauma, com estratégias

sensíveis que carregam um horizonte de possibilidades de salvação da Amazônia e dos seres humanos frente a um fim trágico. As soluções das ambientalistas para adiar a catástrofe vão além da ideia de “naturalização”, como vimos no discurso bíblico, elas parece reunir as oportunidades de ações urgentes como forma de não se acostumar com a destruição. É, então, carregada de críticas aos processos de modernização e industrialização impostos pelo capitalismo como sistema econômico vigente. Em Cláudia e Viviane, a ideia de salvação reside na produção de alimentos orgânicos e em toda uma vida estruturada na preservação da natureza que resta, no resgate em torno de práticas ancestrais e no cultivo sustentável da terra, o que podemos notar na frase “A gente não precisa destruir a Amazônia para produzir alimento” (FIGURA 22) e na afirmação “é pela esperança de você estar salva que eu me dedico” (FIGURA 23), ao se referirem à Amazônia.

O incêndio na Amazônia é tomado, notadamente, em uma dimensão preocupante pelas ambientalistas. No entanto, vislumbramos aqui um processo de dissociação quanto as soluções propostas diante do ocorrido, impresso, por exemplo, na melhoria da alimentação humana como condição *sine qua non* para alcançar um outro mundo. Seria este um mecanismo de defesa proposto diante do trauma vivido? Žižek (2012) nos convida a pensar sobre as complexidades nas abordagens esperançosas diante das catástrofes ambientais. Nas palavras de Žižek:

Para enfrentar essa ameaça, nossa ideologia coletiva mobiliza mecanismos de dissimulação e autoengano que incluem a vontade direta de ignorância: ‘O padrão geral de comportamento das sociedades humanas ameaçadas é elas se tornarem mais tacanhas à medida que decaem, em vez de concentrarem mais na crise’. A recente mudança no modo como os que estão no poder reagem ao aquecimento global é uma demonstração gritante dessa dissimulação (ŽIŽEK, 2012, p.220).

Diferente da ação dissimulada de governantes negacionistas, o que ressaltamos aqui é um processo de dissociação encontrado em algumas narrativas das ambientalistas, como as que vimos nas figuras 22 e 23. Apropriamo-nos de Žižek e sua reflexão sobre uma nova forma de subjetividade própria do século XXI para construirmos nosso pensamento sobre as narrativas em dissociação. Segundo o autor, o trauma advindo de diversas situações violentas, dentre elas as sociopolíticas, as catástrofes naturais e os acidentes graves, é externo ao campo do sentido, tendendo a apaga-lo. Tal dinâmica psíquica pode contribuir para o surgimento de uma subjetividade autista, indiferente e desapegada. É interessante ressaltar que Žižek (2012) fala dessa forma de vida como um espírito do tempo do século XXI, o que nos traz uma reflexão a respeito das reações da sociedade brasileira diante de acontecimentos políticos e a real

destruição do meio ambiente. Algumas narrativas, como as analisadas nas FIGURAS 22 e 23, apresentam indicadores de dissociação, ao proporem, por exemplo, que a alimentação natural, saudável e prioritariamente orgânica, conformaria um ato heroico de salvação da Amazônia, frente aos incêndios. Uma estratégia discursiva que visa prender a atenção dos interlocutores pela identificação com formas simples de mudar o mundo? Ou o receio de provocar mais desespero e medo?

Estratégias semelhantes podem ser encontradas no discurso científico-midiático. A mídia reproduz e alimenta esse discurso dissociativo quando divulga uma reportagem sobre o resgate de um coala durante a queimada na Austrália. Emocionamo-nos com o ato heroico da mulher que o resgatou, em um lugar em chamas. O coala, um animal que habita o imaginário infantil e símbolo daquela região, poderia morrer. A imagem da heroína se reflete em nosso desejo de portar o emblema de salvadores da natureza, dos animais e do éden edificado por Deus (ou Deuses), motivando-nos, ainda, a apropriação do discurso ambiental. Do retorno à natureza. Mas, ela sempre esteve presente. Acostumamo-nos, assim, a aceitar o óbvio e a normalização, ou naturalização, de um processo de destruição apocalíptico que, ora pode ser retardado por ações coletivas e individuais, ora desacreditado de suas dimensões catastróficas. “É possível e até provável, mas não acreditamos que acontecerá realmente” (ŽIŽEK, 2012, p.221).

Em diálogo com Žižek, diante do medo de perda do mundo, há a possibilidade de paralisarmos frente ao terror do ocorrido, distanciando-nos, em consequência, das questões ambientais, passando a encará-las como algo que, ao mesmo tempo que nos seduz, nos afasta. Como estratégia, a utilização do medo na narrativa pode ser preocupante, diante da possibilidade de reações discursivas deslegitimadoras dos interlocutores. Talvez, por isso, o investimento em narrativas ativistas em dissociação com o apocalipse.

Indicamos aqui algumas reflexões sobre as estratégias utilizadas pelas ambientalistas no compartilhamento de suas vozes e vivências, porém, há ainda narrativas de outros que elas trazem em sua própria linha do tempo.

4.2 POLÍTICAS DA COEXISTÊNCIA NAS NARRATIVAS AMBIENTALISTAS

“Apesar das ruínas e da morte,

*Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias.”*
Sophia de Mello Breyner Andresen

Assim como uma pedra movida em uma floresta pode trazer diversas perturbações àquele ambiente, uma árvore plantada leva à renovação do mesmo. Nesse processo cíclico de vida e morte, dimensões estéticas e éticas coexistem em um ecossistema. Como analogia ao Facebook, redes se entrelaçam, fortalecem outras redes, ampliando a potência das narrativas. Vozes e vivências das ambientalistas são, assim, compostas por histórias de outros. Ora daqueles que reagem às publicações, ora os que são citados por elas. Diante da multiplicidade de contextos, ambientes e formas de vidas, mundos virtuais e sonhos são alimentados e sofrem interferências diversas, como as que veremos nesse tópico.

Observamos fragmentos de existências variadas, traços de coletividade, individualidade e políticas de coexistência própria do discurso ambiental, indissociável de outras pautas sociais e políticas. Como categoria sócio histórica, a natureza tem em seu destino um reflexo da interação complexa de projetos e ações individuais e coletivas, conforme Žižek (2012), fundamentada no nosso entendimento do significado de mundo. Para o autor: “o todo está contido em sua parte, que o destino do todo (a vida na Terra) depende do que acontece no que é, formalmente, uma de suas partes (o modo de produção socioeconômico de uma das espécies da Terra)” (ŽIŽEK, 2012, p.225). Baseados nesse pensamento de coexistência das políticas, notamos as variadas temáticas que compõem as narrativas ambientalistas no Facebook, desde a espiritualidade e o misticismo, passando pelas filiações ativistas e partidárias difusas, pelas tecnologias e as ciências, até o mercado verde - nome este que utilizamos para delinear as configurações do movimento ambiental atravessadas por marcas da economia capitalista.

4.2.1 Espiritualidade e meio ambiente

A crença na salvação por uma força mágica existe desde os primórdios. Aquela mesma visão mágica de que abordamos anteriormente pode ser encontrada também em algumas

narrativas ambientalistas. Fazem parte desse discurso a interação absoluta do ser humano com o meio, abarcando realidades e fenômenos naturais, bem como a reverência aos elementos da natureza, em sua dimensão ancestral e animista (PELIZZOLI, 1999). Como em um processo de elevação da cosmovisão sobre a natureza dos povos originários, cada parte do meio ambiente é vista com mística, dando vida aos elementos e seres diversos. Reflexão que nos remete ao pensamento de Boff (2016), bem como os de Shiva (2016) e seu posicionamento ecofeminista que combina a espiritualidade com ativismo. Para Shiva, natureza é Prakriti, um termo em sânscrito que reúne o aspecto feminino de todas as formas de vida.

Prakriti, longe de ser uma abstração esotérica, é um conceito cotidiano que organiza a vida cotidiana. Aqui não há separação entre as imagens popular e de elite ou entre as tradições sagradas e seculares. Como personificação e manifestação do princípio feminino, é caracterizado por (a) criatividade, atividade, produtividade; (b) diversidade de forma e aspecto; (c) conexão e inter-relação de todo ser, incluindo o homem; (d) continuidade entre o humano e o natural; e (e) santidade da vida na natureza (SHIVA, 2016, p. 41).

Prakriti é, então, um termo da filosofia indiana, que carrega uma dimensão espiritual própria da cosmologia hindu. Nessa constituição da natureza (divindade que se entrelaça ao interior humano e a todos os elementos do meio ambiente) percebemos a manutenção milenar de uma visão simbólico-mística grandiosa. A centralidade dessa visão no aspecto feminino nos faz lembrar do movimento sagrado feminino, que reúne mulheres em círculos e rituais que trazem essa visão holística e integrada da natureza com o feminino. Essa que destaca a natureza como Mãe-Terra ou Gaia. Podemos observar tal narrativa em Viviane (FIGURA 24).



Viviane está com Claudia



22 de março de 2017 · 🌐

São as águas de março fechando verão
É promessa de vida no teu coração

O outono mexe com todo o ciclo natural.

É nessa época que as folhas caem e as plantas se recolhem pra guardar suas energias pro que tem por vir. E com a gente, seres humanos, não é diferente.

Esse é o momento de refletir para renovar. Pense um pouquinho, e se possível, anote tudo aquilo que você deveria deixar ir embora para então dar espaço ao novo. Quais são seus planos de hoje em diante?

O exercício de olhar para dentro é sempre bom, mas fazer isso em roda com mulheres cheias de vida é muito melhor. Definitivamente a força feminina surge em todos os lugares com cuidado, com amor e com urgência para lutar pelo equilíbrio de uma civilização que se esqueceu um pouco do brilho da sua essência.

Agradeço muito pela oportunidade de resgatar a mim mesma.

Que as rodas se multipliquem ❤️



👍❤️ 31

1 comentário

FIGURA 24 – *Post* de Viviane do dia 22/03/2017

Fonte: www.facebook.com

Viviane nos traz a analogia entre os elementos da natureza, como as águas, folhas, plantas e os elementos humanos, como seu próprio corpo. A conjugação orgânica e integral entre os seres da terra nos remete às palavras de Shiva, sobre a interação das mulheres com a natureza.

Lendo a narrativa de Viviane (FIGURA 24), podemos notar que a imagem a revela como se estivesse colada ao chão, à terra, destacando sua intenção de elevar a natureza à uma dimensão holística. A proposta de reflexão que ela impõe nos parece uma tendência do ambientalismo contemporâneo, principalmente entre as mulheres ativistas. A conexão entre

espiritualidade e meio ambiente nos conduz a essa perspectiva oriental, hindu, bem como a cosmologia dos povos indígenas. Como resistência, a espiritualidade resgata elementos ancestrais, de cosmovisões mágica sobre a natureza, como a que abordamos no Capítulo 3. Viviane nos parece indicar gestos de desvelamentos dos mistérios da vida, a partir da ótica feminina e ambientalista, como em “Definitivamente a força feminina surge em todos os lugares com cuidado, com amor e com urgência para lutar pelo equilíbrio de uma civilização de se esqueceu um pouco do brilho de sua essência” (FIGURA 24). Residem, nesse sentido, os imaginários de contato e preservação da natureza pela mulher e de resgate da essência de um mundo perdido.

4.2.2 Filiações ativistas e partidárias

Observamos aqui como as ambientalistas revelam antipatias e simpatias a certos movimentos políticos e sociais e que fazem parte da formação do *ethos* ativista encenado no Facebook. Notamos essa configuração com recorrência em Iara (FIGURAS 25 e 26).



FIGURA 25 – *Perfil de Iara* do dia 23/07/2020
Fonte: www.facebook.com

Iara se apresenta como capitã, poeta e diplomata na instituição Nossa Terra Firme. Ela é fundadora de uma empresa que trabalha para encontrar soluções sustentáveis para problemas de países em desenvolvimento. Iara é socióloga e Mestre em Administração Pública em Ciência e Política Ambiental (Columbia University). De “espírito indomável” (FIGURA 25), Iara nasceu em Rio Branco, no Acre, mesmo local de nascimento de outra ambientalista reconhecida no Brasil, Marina Silva. Entre os destaques da região amazonense e de uma empreitada política como pesquisadora e também como uma das fundadoras do partido Rede Sustentabilidade, ao lado de Marina, Iara carrega características que conferem a ela uma identidade discursiva de especialista na questão ambiental. O *ethos* concede o sentido de existência ativista à Iara, conectada à pauta ambiental, em interação com outras pautas sociais e políticas.

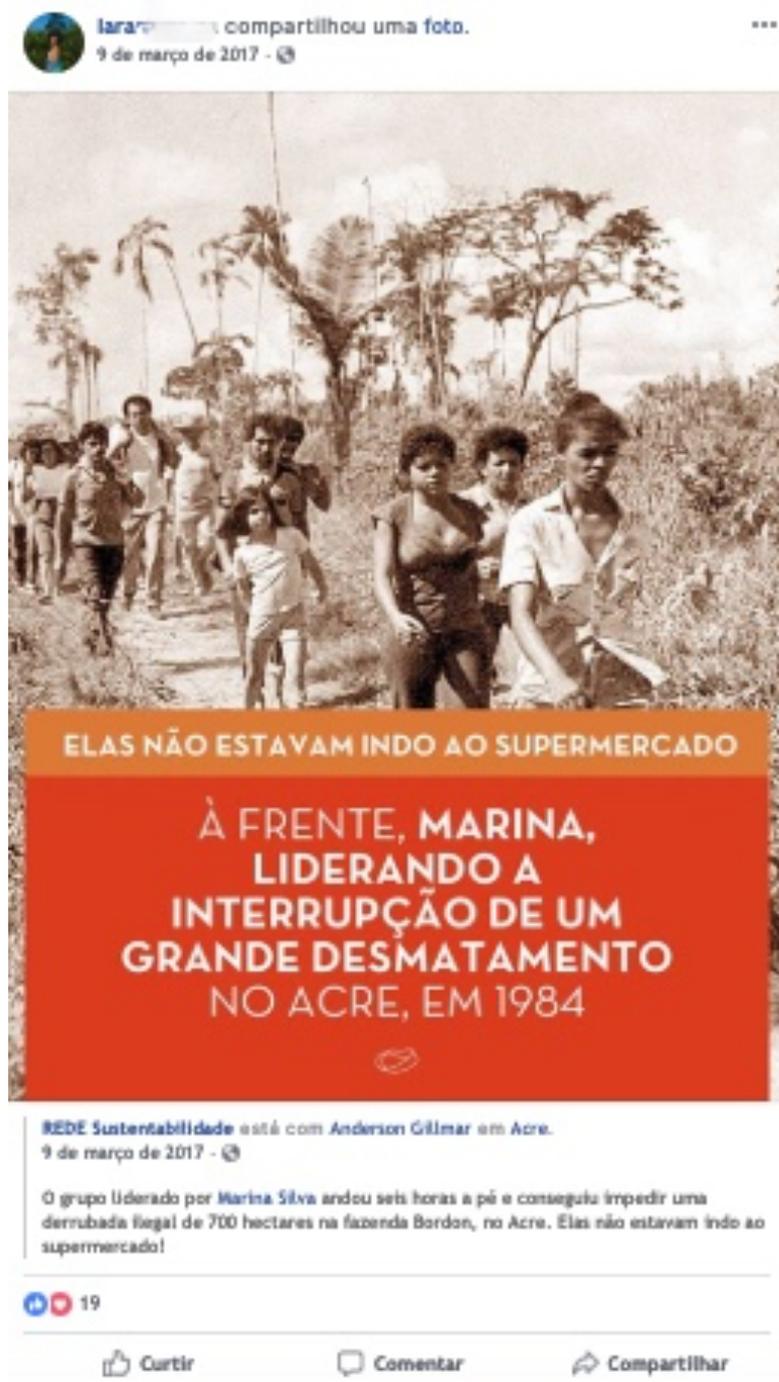


FIGURA 26 - Post de Iara do dia 09/03/2017
Fonte: www.facebook.com

Uma marca da filiação partidária de Iara está no compartilhamento de um fragmento da história de Marina Silva, sempre apresentada como referência de vida e luta. Para Iara, Marina é heroína devido a sua trajetória de ativismo ambiental. Seu papel como mulher protagonista, que lidera “a interrupção de um grande desmatamento no Acre, em 1984” (FIGURA 26) a eleva

ao posto de heroína, não só de Iara, mas de grande parte das mulheres ambientalistas. O espelhamento de sua vida e as mudanças históricas que Marina participou são, frequentemente, compartilhadas pelas mulheres. Mesmo que Marina esteja, hoje, distante de um certo discurso ambientalista que congrega uma visão de resistência ambiental anticapitalista, as imagens da ativista como exemplar e heroína são, usualmente, compartilhadas pelas ambientalistas.

Na FIGURA 26, observamos um registro fotográfico histórico. A imagem em tons de sépia nos remetem ao passado, exatamente ao ano de 1984. Somos afetados pelo olhar sério, provocativo e determinado de Marina. Suas vestes simples e o fato de caminhar dentre muitas plantas, como se estivesse adentrando uma mata inexplorada, compõe a imagem da guerreira desbravadora. A inscrição “elas não estavam indo ao supermercado” (FIGURA 26) foi escolhida para destacar a imagem exemplar de Marina como mulher que não se reduz ao conceito de feminilidade disseminado no mundo patriarcal. Assim, percebemos ainda o atravessamento quanto à questão de gênero. A data de publicação, 9 de março de 2017, um dia após a data que celebra o dia internacional da mulher, contribui para nossa análise sobre o gênero. Em contraposição à imagem de mulher ideal como recatada, dócil e passiva, Marina surge como heroína ativista, protagonista de sua e de outras vidas.

Nos compartilhamentos advindos de outras páginas e perfis no Facebook, o que percebemos é um entrelace de histórias, próprio desse site de rede social. Como um recurso retórico, o compartilhamento amplia nossa percepção quanto à credibilidade das narrativas, uma vez que há uma tentativa – no ato de compartilhar – de justificar o enunciado proposto por uma fonte de autoridade externa ao perfil da ambientalista. O link com a Rede Sustentabilidade, partido político focado em propostas para o meio ambiente, pode comprovar que a ambientalista está amparada por documentos “oficiais” para defender a causa ambientalista e destacar uma heroína desse segmento, corporificada em Marina Silva. Em uma visada de demonstração, Iara mostra as provas de que Marina é essa personagem relevante da história ambiental brasileira, incansável em sua luta desde a década de 1980, como nos é apresentado. A partir do compartilhamento da publicação na página de Iara, podemos perceber também quais são suas escolhas políticas para compor sua linha do tempo no Facebook, formando, assim, um memorial de sua vida.

Marina comporta uma história que se confunde com a própria história de vida de Iara. Ambas acreanas e defensoras do meio ambiente, vivenciam a luta sofrida e digna de exaltação, como pressupomos pela narrativa de Iara (FIGURA 26). Podemos nos reportar a esse entrelace e perceber Iara e Marina como heroínas. Uma imagem que é usual nas narrativas sobre ativistas,

na alma revolucionária e, mais ainda, desejo do sujeito moderno, “soberano, capaz de estabelecer livremente contrato com o outro sem, aparentemente, subordinar-se a nenhuma autoridade divina ou monárquica [...]” (KEHL, 2018, p. 17). A visão de sujeitos ideais, que nasceu bem antes das empreitadas de Marina no Acre, já era sintoma da modernidade e a elevação da individualidade a partir do século XIX. Investimentos em nos sobrepor sempre como heróis de nossa própria história, consagrados por uma personalidade desbravadora e emancipadora, reforçadas em todo um campo de ideias e valores modernos. Um sintoma denominado “bovarismo”, cunhado pelo filósofo e psicólogo Jules de Gaultier em 1892 e adotado por Kehl (2018) e outros psiquiatras, com referência à personagem Madame Bovary, do romance de 1856 de Gustave Flaubert.

Nesse projeto tipicamente moderno de tornar-se autora de seu destino, Emma Bovary investiu tudo o que podia: sua vida erótica, sua imaginação romântica e (não nos esqueçamos do principal) o pouco dinheiro ganho por seu marido, o medíocre médico Charles Bovary [...]. Lacan refere-se por três vezes ao bovarismo no capítulo em que descreve as relações entre paranoia e a personalidade. Na primeira, utiliza o termo para designar a “função metapsicológica sumamente generalizada” que consiste em tentar harmonizar as funções de síntese e de intencionalidade da personalidade nos casos em que elas divergem, através de “imaginações sobre si mesmo e ideais mais ou menos vagos”. Essas divergências entre intencionalidade e síntese ocorrem em certa medida com todos nós, e sua resolução pode ser considerada uma função essencial ao homem, o que nos faz pensar que o bovarismo seria não um desvio ou uma intensificação, mas a *própria condição do sujeito* que se apresenta como autor e portador de uma “personalidade” (KEHL, 2018, p. 21).

As imagens de encenação do *ethos* ativista são próximas às do bovarismo apontado por Kehl. Uma identificação afetiva com o vencedor, o herói benjaminiano⁷¹. Algo que nos sensibiliza ainda, como interlocutores, a adotar a pose da heroína mítica, como gesto autoral de vida e protagonismo feminino emancipador, em meio a valores patriarcais que nos subjagam e recalcam.

4.2.3 Tecnologias verdes e ciências

Pensadoras como Rachel Carson e Vandana Shiva são pioneiras em pesquisas científicas que desvelaram a ação de agrotóxicos no meio ambiente. Elas são protagonistas da

⁷¹ Este que é enaltecido por sua constituição heróica. Sua vitória não é, exatamente, material. Se dá, ao contrário, por uma relação sublime com a modernidade, gestual, performativa e reflexiva, refletida ora, a partir de um distanciamento crítico das maravilhas ofertadas, ora pelo exercício crítico diante dos desafios que ela nos coloca (BENJAMIN, 2017).

ciência tecnológica que mostra as causas e consequências da destruição ambiental. As ciências vêm nos provar que há, ainda, soluções tecnológicas para barrar ou retardar catástrofes ecológicas e, por isso, seu discurso é historicamente apropriado pelo ambientalismo. Como podemos notar em Silvia (FIGURA 27).



FIGURA 27 – Post de Silvia do dia 28/02/2017
Fonte: www.facebook.com

Como recurso retórico, o compartilhamento de uma reportagem do site “Engenhariae⁷²” sobre a invenção de um ar-condicionado que não utiliza eletricidade nos é simpático. Diante do aquecimento global que impõe altas temperaturas ao mundo, cresce a necessidade dos equipamentos de ar-condicionado como forma de amenizar o calor, resfriando ambientes e

⁷² Reportagem no endereço: <https://bityli.com/KtcJv>

equipamentos eletrônicos. Como ferramenta de alívio às altas temperaturas, o ar-condicionado libera, ao mesmo tempo que conforta, gases prejudiciais que interferem na temperatura global. Como o aumento da temperatura se desenvolve aceleradamente no nosso planeta, sabemos que crescerá também a utilização do ar-condicionado e o ciclo de interferências na temperatura continuará. Além disso, o equipamento é vendido por altos preços que não permite a enormes parcelas da sociedade ter acesso, sendo um privilégio de poucos. A solução mais ecológica é, para Silvia (FIGURA 27), um ar-condicionado sem eletricidade e de simples acesso, sendo possível construir um em casa com garrafas pet e papelão, conforme a reportagem.

O investimento em compartilhar publicamente o link da matéria em seu perfil torna a informação científica acessível a todos os usuários do Facebook que quiserem compartilhar e acessar as informações. A reportagem pode crescer em visibilidade, tornando-se um assunto viral. A confiabilidade da notícia está ancorada no usuário que compartilhou, a ambientalista Silvia. Seu histórico e identidade discursiva pré-estabelecida são chancelas para o discurso científico. Parece-nos, assim, que ela concorda e analisa a notícia como confiável e que merece destaque, mesmo que não deixe clara a sua intenção no texto agregado ao compartilhamento. Silvia investe em um processo de “autoridade citada” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p.87) como apoio para o discurso ambientalista que constrói em seu perfil. Uma estratégia argumentativa que referenda algo que é digno de crédito, visando a legitimação da causa ambiental e, conseqüentemente, da própria ambientalista. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2014, p.87), “a autoridade citada funciona como apoio do discurso proferido por um locutor L1, para legitimar, em presença de um locutor L2, um dizer ou uma maneira de fazer, referindo-os a uma fonte considerada legitimadora”. No caso analisado, seria, então, uma alusão que conota um discurso especializado.

Apropriar-se de uma notícia científica contribui, assim, para elevar esse discurso como fundamental para se pensar o ambientalismo contemporâneo. Ato importante para legitimar a questão científica, especialmente no Brasil, país em que o conhecimento científico é, cada vez mais, deslegitimado. Diante do cenário brasileiro, podemos observar surgirem outras nuances conectadas às soluções tecnológicas-científicas. A modernidade se ancorou na técnica como uma espécie de religião, em que a crença nas oportunidades e inovações que ela poderia trazer são efetivas para diminuir os problemas do mundo. Calcada nesse discurso do progresso e desenvolvimento, observamos o crescimento acelerado de empresas privadas que investem em ciências como forma de melhorar a produção econômica e o lucro. Como um passe de mágica, as ciências se aliam ao empreendedorismo, com as instituições tecnológicas se apropriando da

pauta ambiental latente para difundirem projetos que habitam o imaginário da sociedade. Ao conjunto de soluções mágicas, podemos citar a expansão da revolução biogenética, que nos termos de Žižek (2012) faz parte de um tipo de apocaliptismo tecnodigital, que reúne projetos informatizados para otimizar a vida dos seres, retardando o fim da humanidade.

As coisas avançam rápido nas duas frentes, não só rumo à visão distópica de um Estado que controla e conduz a massa biogenética dos cidadãos, mas também rumo a uma raça lucrativa: bilhões de dólares são investidos em laboratórios e clínicas (a maior delas em Xangai) para criar clínicas para ocidentais ricos que, por causa das proibições legais, não poderão fazer esse tipo de tratamento em seu país. (ŽIŽEK, 2012, p.233)

O fato é que o crescimento das inovações, principalmente as da área médica e as conectadas ao discurso sobre a natureza, nos afetam demais para serem negadas como oportunidades, por isso o brilho que nos persuade é intenso.

4.2.4 O mercado verde

Conectados ao pensamento de Žižek (2012) sobre as máscaras que um discurso racionalista-econômico pode encenar, abordaremos agora a apropriação de pautas ambientais como fonte de recursos através da venda de produtos. Nas duas figuras que se seguem, podemos observar como uma espécie de mercado verde se institucionaliza em conexão com a causa de preservação e defesa da natureza.

 **Claudia**
13 de janeiro de 2017 · 🌐

Eu já estava desconfiada desse sal do Himalaia e por isso não consumia. Gostei das dicas da **Conceição Trucom** e agora vou atrás de sal de Mossoró. No momento, o que estou usando é o "Sal Marinho Natural Família Hattori" que, lendo as letrinhas miúdas do rótulo, vi que vem de Viamão (RS). A empresa/família parece muito confiável: <https://www.familiahattori.com.br/>. Como tenho pressão muito-muito baixa não vivo sem sal.



DOCELIMAO.COM.BR
A verdade sobre o Sal Rosa do Himalaia
Conceição Trucom * Com poucas exceções, todas as culturas que...

👍👎❤️ 234 93 comentários 828 compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar

FIGURA 28 - *Post* de Cláudia do dia 13/01/2017
Fonte: www.facebook.com

 **Muriel** compartilhou uma publicação.
19 de junho de 2017 · 🌐

Unindo modernidade e tradição. Por um mundo mais bonito!



Tashka Peshaho Yawanawa está com Wānu Yawanawá e outras 13 pessoas.
19 de junho de 2017 · Rio Branco

A liderança **Mariazinha Yawanawa**, continua inovando com a coleção de roupas confeccionados na aldeia Mutum - Terra Indígena do Rio Gregório. Com pinturas baseados na cosmologia do mundo espiritual Yawanawa, esta coleção trás, as cores da floresta, agrega o valor ético cultural as peças limitadas. Confira abaixo...
Contato: mariazinha@yawanawa.com.br

   68

10 comentários

FIGURA 29 – Post de Muriel do dia 19/06/2017
Fonte: www.facebook.com

Em Cláudia (FIGURA 28), analisamos a forma pela qual ela revela simpatia ao projeto de produção de sal marinho natural da Família Hattori, em detrimento do sal rosa do Himalaia, utilizado como alternativa aos males do sal marinho comum. O compartilhamento da notícia do

site “Doce Limão”⁷³ (portal de saúde e alimentação natural) carrega a aposta do desvelamento do real que já observamos em outras narrativas. A partir do *ethos* ativista, que lhe concede a identidade discursiva para agir em prol desses desvelamentos, ela traz uma fonte noticiosa que considera de autoridade para reforçar o seu argumento de que o sal da Família Hattori é confiável e o do Himalaia não é.

Já em Muriel (FIGURA 29), observamos o investimento em divulgar a coleção de roupas indígenas produzidas por uma liderança (Mariazinha Yawanawa). Além das imagens do que parecem ser vestidos e blusas com motivos tribais, Muriel acrescenta ao anúncio que a coleção une modernidade e tradição “por um mundo mais bonito!”. O *post* em formato de anúncio demonstra as provas da beleza das roupas e de sua forma de produção como investimentos sensíveis: confeccionados na aldeia Mutum - Terra Indígena do Rio Gregório, pinturas baseadas na cosmologia do mundo espiritual Yawanawa, traz as cores da floresta e agrega o valor ético cultural, além de serem peças em número limitado. Descrições cativantes aos olhares mais dedicados ao meio ambiente.

Diante das ofertas que são oferecidas aos interlocutores das redes de Cláudia e Muriel, em que cores atrativas e informações persuasivas são destacadas, as publicações reforçam uma tendência da modernidade em agregar o ativismo com o discurso publicitário e econômico. A impressão que temos, diante de tal conexão de pautas, é que a aparência destrutiva do sistema capitalista mercadológico se harmoniza com o universo das pautas ativistas. “Esse é o capitalismo ético em seu aspecto mais puro”, diz Žižek (2012), que engole os aspectos ambientais mais sensíveis como mercadorias próprias para o consumo da sociedade.

As análises que fizemos, a partir das vozes e vivências das ambientalistas no Facebook, almejam complexificar as narrativas como formas de expressão. Investimos em uma leitura crítica dos traços discursivos, efeitos de sentido e presença, atravessamentos e estratégias sensíveis empregadas. Observamos ainda as formas utilizadas para vencer os obstáculos da estrutura limitadora do Facebook, que se passam pelo funcionamento da sua própria narrativa digital, ampliando a utilização de cores, elementos gráficos e fotografias para convocarem o interlocutor a legitimação de suas vozes e causas ambientalistas.

⁷³ Notícia no endereço: <https://bityli.com/2n0eZ>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre imagens apocalípticas que denotam o fim da humanidade e imagens de um cenário ideal, que remete ao éden bíblico, harmonioso, onde há soluções e alternativas ao processo destrutivo que vivenciamos hoje, sentimos o peso e a leveza. Essa bipolaridade de sensações, é uma constante quando falamos de ambientalismo. O que vivemos na atualidade me faz lembrar do desespero e do alívio dos passeios nas montanhas-russas, em que somos levados ao terror durante a subida e à satisfação de que sobrevivemos a uma descida segura da montanha. Lembro também do que sinto quando estou em uma turbulência de um avião, tamanha é a dimensão das polaridades de sensações. Observamos os imaginários de finais terríveis para a natureza e para a vida humana e, ao mesmo tempo, a possibilidade de não haver esse final. Falar de meio ambiente e de todas as questões conectadas a ele é falar da vida humana na terra. Nesse ponto, podemos perceber o quão complexo é definir um único modo e forma de expressão e luta pelo meio ambiente. Coloco-me aqui como quem percebeu essa dimensão durante uma pesquisa de mais de 4 anos e que alterou as vias de observação diversas vezes nesse tempo.

No decorrer da investigação, incontáveis foram os momentos em que me senti incapaz diante da dimensão do discurso ambientalista e da potência das vozes dessas mulheres que defendem com a vida a natureza. Incapaz de conseguir abraçar esses mundos que elas apresentavam como possibilidade, bem como incapaz de perceber todas as dimensões que as questões ambientais se revelavam a minha frente. A sensação, também bipolar, do fim de um mundo possível diante dos acontecimentos que vivenciei, com a ascensão ao poder de um governo fascista, muito me afetou e aterrorizou diante da possibilidade real do apocalipse. Posso reunir aqui os destaques negativos dessa ideia de fim que tomou forma no Brasil a partir do governo Jair Bolsonaro: os desastres ambientais de Mariana e Brumadinho, o genocídio crescente dos povos indígenas, as queimadas criminosas na Floresta Amazônica e no Pantanal, uma série de medidas de liberação de agrotóxicos proibidos em todo o mundo e o discurso trágico do Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles a respeito do coronavírus quando sugere "passar a boiada", evidenciando a estratégia de destruição das proteções legais do meio ambiente no Brasil. Em 2020, quando escrevo estas considerações, a sensação apocalíptica foi, assim, alimentada pelo desespero em torno do crescimento de um vírus mortal que nos isolou e assolou.

As dores dos aspectos políticos, sociais e sanitários que assombraram minha vida e da maioria dos brasileiros, quiçá do mundo, durante os últimos anos, se refletiram no crescimento de uma síndrome crônica no meu corpo, a fibromialgia, que já me acompanhava desde o início do mestrado, em 2013, mas que vi crescendo em intensidade desde 2017. Todos esses são os fatores que me levaram a essa sensação de incapacidade que, por vezes, me limitou.

Por outro lado, e como disse de forma bipolar, também são incontáveis as vezes que me emocionei ao observar as possibilidades de sair desse lugar envolto pelo terror, do fim das dores e sofrimentos. Diante da crença na potência de vozes femininas em luta contra o patriarcado, passei por um resgate histórico das narrativas de mulheres como Simone de Beauvoir, Virgínia Woolf, Judith Butler, Marielle Franco e Djamilla Ribeiro. Ainda senti a intensidade da poesia na arte de Clara Nunes, Rupi Kaur, Elza Soares, Emicida, Manoel de Barros, e a força contra-hegemônica das falas de Vandana Shiva, Rachel Carson e das quatorze mulheres ambientalistas que participaram dessa pesquisa. E, a mais importante delas que vieram até mim, nos últimos dois anos de pesquisa: as potentes vozes e vivências indígenas. Desde Zitkala-ša, Sônia Guajajara, Davi Kopenawa, os Maxakali e os Gondes, até Ailton Krenak, a fonte mais poderosa dessas narrativas me afetaram. São imagens que nos propõe uma visão crítica a respeito do mundo "civilizado", patriarcal, capitalista e destrutivo, trazendo a potência emancipatória das estratégias de resistência histórica e efetiva contra esse mundo. Todas essas imagens da resistência são, para mim, os "paraquedas coloridos" de Krenak, envolvidos no sonho e na imaginação criativa de mundos possíveis que se abrem como alívio ao sofrimento do mundo apocalíptico.

Esses diálogos sobre minha vida compostos aqui por narrativas autobiográficas estão em consonância com os diálogos que construí com as mulheres ambientalistas durante o processo de investigação. Como mulher e afeita às causas ambientais, como aponte na apresentação desta tese, minha proximidade, e a intensidade dessa aproximação, influenciou os diálogos entre minha vida e a vida das ambientalistas. Escolhi pela desilusão quanto ao distanciamento do analista desde o início, em 2016, abrindo espaço para novas formas metodológicas de observar as narrativas, sentir e me aproximar das mulheres e do que tinha a dizer sobre o meio ambiente. Nesse processo de construção da pesquisa de doutorado, obtive alguns lampejos importantes sobre as formas de expressão das mulheres ambientalistas que estão inscritos neste trabalho.

O principal deles é a percepção do amor pela causa ambiental. A ideia de amor como sentimento que movimenta, podendo ser ressignificado como "amor-ação", como nos diz Sodré (2016, p. 216), e uma "experiência de unidade", que expande a partir um movimento próprio, "fora de uma relação de causalidade explícita", conforme o autor: "Ao movermos um objeto qualquer num espaço determinado, a força que imprimimos inicialmente é a causa do deslocamento; mas o espaço onde isso ocorre não tem causa, é he auton aukson, uma condição de possibilidade de movimento" (SODRÉ, 2016, p. 216).

Amor como paixão positiva que impulsiona uma movimentação e uma transformação que induz a uma partilha do sensível pelas ambientalistas. O que elas fazem é descortinar algumas camadas que são, muitas vezes, incompreensíveis pela racionalidade. O amor se auto realiza pela potência de ação dessas mulheres. Aos interlocutores, cabe, por vezes, acessar tal experiência afetiva a partir de suas narrativas que exprimem experiências ativistas e outras organizações simbólicas compartilhadas pelas mulheres a fim de se construir identificação, reconhecimento e uma rede comum de conexões afetivas, em que se fortalece a solidariedade e a colaboração, bem como a partilha de ideias e sentimentos.

Nesse contato com o outro, as redes de conexões se fortalecem pelo amor. Amor, ou eros, como o filósofo coreano Byung-Chul Han (2017, p. 78) prefere utilizar, pressupõe o contato com o outro, com o nós, sendo sentimento do encontro, que, nessa ação de encontrar "faz surgir o mundo a partir do ponto de vista do outro ou do diverso". Han aponta o deslocamento de si para o encontro com o outro pelas vias do eros, que possibilita "uma experiência do *outro* em sua alteridade, que o resgata de seu inferno narcisista. Ele dá curso a uma *denegação* espontânea de *si mesmo*, um *esvaziamento* voluntário do *si mesmo*" (HAN, 2017, p. 11). Neste sentido, observamos a potência do eros que movimenta, diverso da fundação narcisística observada no perfil do herói e do individualismo da sociedade racional. O afeto positivo que carrega parece destruir algumas pontes de distanciamento que o próprio ser humano constrói em sua defesa, sedimentadas por mercadorias e imagens midiáticas, para dar lugar a imaginações sensíveis. Ou seria esse o ideal do eros em ação, como aquele que "vence a depressão", como Han (2017) destaca com fervor em sua obra *Agonia do Eros*.

Esse amor das ambientalistas, expressos na maioria das suas narrativas, é o responsável pela persistência no ativismo, mesmo diante de todos os riscos da atividade e das deslegitimações governamentais, estruturais e de outros seres que podem as considerar "loucas, bruxas ou subversivas". Sabemos das configurações que esse encontro com os outros pelas vias do amor pode estruturar. Han (2017, p.11) declara que no "inferno do igual, a chegada do outro

atópico, pode tomar uma forma apocalíptica", e, "só um apocalipse nos poderá libertar - sim, redimir - de um inferno do igual em direção ao outro". Sem medo do apocalipse, ambientalistas seguem a alma coletiva em resistência. Observamos, assim, esse movimento em prol da alteridade, da vida humana e da natureza, sem dissociação entre elas.

Vimos, assim, que as quatorze mulheres ambientalistas que participaram desta tese têm suas vidas interdependentes do ativismo, ou seja, não conseguimos separar a vida pessoal da vida de luta ambiental. Ingressamos em uma tentativa de apreensão do amor que sentem pela natureza e todas as questões conectadas a ela e sentimos a partir das suas expressões registradas no perfil do Facebook. Observamos como elas se conectam à terra, a exemplo do que Krenak comenta sobre a relação dos seres com a terra.

O interlocutor pode percebê-las como heroínas ativistas ou como histéricas freudianas (referindo-me aqui àqueles que, porventura, pertençam à parcela negacionista e obscurantista da sociedade brasileira). Abrindo espaço para um exercício de imaginação, para mim, são elas as mesmas mulheres encantadas, renegadas pela sociedade: as pomba-giras, as Iaras, os seres místicos das florestas e aquelas que lutaram (e ainda lutam) em contextos históricos de crise democrática do Brasil. Vejo-as, assim, como protagonistas de suas vidas. Longe de coroa-las como heroínas ativistas (o que considero um emblema criticável da modernidade), mas destacando um potencial de subjetivação política que se abre à exterioridade, no sentido de destacar os processos de resistência contra o patriarcado que as silencia e contra o sistema capitalista que oprime a diversidade e o meio ambiente.

O amor as levou a sair da zona de conforto de um mundo e ingressar em outro, que elas constroem diariamente. Algumas delas estabeleceram relações de vivências radicais, ao se afastarem dos grandes centros e se mudarem para sítios, chácaras e outras áreas fora do ambiente urbano. Outras continuam nas cidades. Mas, nenhuma delas se distanciou de suas atuações frente às políticas ambientais. Sendo assim, elas carregam consigo uma identidade ativista ambiental; *ethos* ativista edificado sob as bases do ambientalismo contemporâneo e de narrativas fragmentadas no Facebook. Nossa percepção geral de suas atuações advém da possibilidade de reunir todas as publicações analisadas de 2017 até 2019 e esboçar a imagem de cada ativista que carrega o discurso contemporâneo do ambientalismo.

O amor como afeto que impulsiona suas atividades *on-line* e *off-line* ganha destaque nas publicações. E, podemos ir além, a partir do seguinte questionamento: seria esse o afeto que, de maneira geral, catalisa e impulsiona o ambientalismo? Parece-nos que sim, sobretudo se tomarmos como referência as leituras de Rachel Carson e Vandana Shiva, por exemplo. Cada

qual em contextos sociais e políticos distintos, mas que se unem pela dimensão política e estética, tendo como ponto de intercessão a causa ambiental.

O sensível que as ambientalistas que destacamos neste trabalho expõe é apreendido em suas narrativas a partir de diversos traços como cores em destaque nas fotografias compartilhadas, uso de *hiperlinks* para justificar suas palavras, recursos linguísticos, marcados pela intensidade da linguagem verbal, que denunciam e apresentam os inimigos da luta ambiental, bem como as preferências discursivas pelas crenças próprias das possibilidades de um mundo mais conectado ao meio ambiente, além de atravessamentos políticos partidários, como vimos na relação que algumas delas mantêm com o partido Rede Sustentabilidade. Rastros de sensibilidade, portanto, quanto à causa e o desejo de uma emancipação ambiental expressos em suas narrativas: revolução verde que salva o mundo do apocalipse.

Colocando-se como protagonistas dessa revolução, as mulheres ambientalistas apostam em enunciados que apontam as causas e consequências da destruição do meio ambiente, desvelando os inimigos da natureza, ao nos fazer sentir a angústia e a preocupação diante de um cenário apocalíptico. Para reforçar esses enunciados, elas utilizam narrativas próprias, autobiográficas, uma vez que possuem uma posição de autoridade construída em seus perfis no Facebook para se colocarem como especialistas e formadoras de opinião sobre o assunto. Apostam ainda em narrativas exteriores – a partir do compartilhamento de notícias e *posts* de outros perfis - como forma de justificarem os assuntos abordados. Ao mesmo tempo, elas propõem mudanças de hábitos e comportamentos, a exemplo do gesto propositivo de imaginar um outro mundo possível, como ensina Krenak. Para o pensador indígena, adiaremos o fim do mundo com a ação crítica e criativa de criar visões e sonhos, mesmo em um cenário de abismo e queda que demandam um dispositivo poético para adiarmos o fim do mundo. Acionemos nossos “paraquedas coloridos”, como sugere Krenak (2019), para ajudar os seres a projetarem novos entendimentos sobre a natureza, invocando, assim, novas formas de coexistirmos com ela. As ambientalistas parecem compartilhar o olhar do pensador.

Nesse processo de construção de narrativas no Facebook, há outros afetos que se destacaram nas narrativas, como medo e a culpa - esta como configuração de uma sociedade ocidental cristã e de toda uma filosofia fundada na culpabilização dos seres. Seria isso tudo um afastamento da real destruição? Algo que é o grande mistério da vida cotidiana. Acredito que procuramos algumas fugas mentais para sobreviver a esse tempo. Falo aqui como parte da humanidade ocidentalizada que se aterroriza diante da sensação de perda do controle e do fim

da vida como a conhecemos neste mundo aqui. Falo aqui também como atravessada pelo discurso cristão que define sentidos e pensamentos.

Talvez seja esse medo que não permitiu outras mulheres participarem dessa pesquisa. O medo do sistema opressor patriarcal e o medo de um ativismo como alvo violento dos assassinatos no Brasil. Sabemos que o ativismo, principalmente feminino, muito é silenciado. Quando falamos de uma ferramenta de alta visibilidade como Facebook, podemos acrescentar a ampliação desse risco. O funcionamento da narrativa digital estará, assim, atrelado a essas configurações.

Há, além do medo do controle extremo dos dados da internet, aquele medo da tecnologia feroz que limita a experiência. Na contemporaneidade, notamos a vontade das experiências, do desejo de retorno à experiência. Discorremos sobre uma "dor da proximidade da distância", como Byung-Chul Han revela. Sentimos isso com intensidade durante o isolamento da pandemia, em 2020. Falamos ainda de uma nova ordem, a ordem do digital, que na radicalidade de seus distanciamentos e obstáculos propostos, muito nos provoca o medo.

Em prol de uma resistência a tudo isso, camadas de resistência são construídas pelo ativismo. Alguns sentidos de resistência passam pelo resgate da ancestralidade e da espiritualidade, da produção de presença e sentidos variados, como os que vimos nas análises, surgem como formas de vencer os obstáculos, especialmente em meios digitais. É pelo sensível que as narrativas vão construindo o ser e o parecer, bem como as redes de conexões. Desse modo, o sensível, para Sodré:

[...] é esse rumor de fundo persistente que nos compele a alguma coisa sem que nele possamos separar real de imaginário, sem que possamos, portanto, recorrer a estruturas e leis para definir a unidade do mundo, porque aí que predomina é a deriva contínua de uma forma, melhor dito, de uma maneira. (SODRÉ, 2016, p.219)

Persistência que movimenta em direção à imaginação política. Imagens que podem ir além dos movimentos superficiais do *slow food* ou de cliques em prol de uma causa na internet. Há ainda a crença de que algo mágico nos salvará, bem como a não-percepção de que alimentamos crenças capitalistas limitantes. Elas fazem parte do que chamamos aqui de dissociação própria das vivências nesse sistema capitalista controlador. Contudo, os mundos possíveis constantemente criados podem reconfigurar a estrutura social e política, a exemplo de imagens de resistência que têm a faculdade de nos mostrar sua efetividade onírica impressas no filme documentário *Demain* (2015), de Mélanie Laurent e Cyril Dion, e nas vozes indígenas

que seguem coladas à terra, mesmo em meio a genocídios e destruições de sua cultura, quase diárias. Lembro-me que, durante uma aula sobre ativismo digital, algum aluno perguntou: "como vamos enfrentar esse controle? Como construir um *big data* ativista?". Penso que essa é uma questão comum e cotidiana para o ativismo que, agora, utiliza amplamente os meios digitais como forma de compartilhar e promover engajamento da causa.

São mundos possíveis que vêm alimentar nossa necessidade de resistência e nosso desejo de materialização de sonhos, que se dão em torno de vozes e vivências reais, em que vida e morte se entrelaçam, sem dualidade, promovendo redes de conexões e colaboração com a natureza. Fios de esperança em meio ao apocalipse. No entanto, e, pela última vez, faz-se importante questionarmos: seria o fim do mundo inevitável? Como diz Viveiros de Castro (2020):

O fim do mundo - da vida, do planeta, do sistema solar e etc. - como sabemos, é inevitável; na frase célebre de Levi-Strauss, << o mundo começou sem o homem e terminará sem ele >>. Resta saber se teremos imaginação e força suficiente para adiar o fim de nossos mundos, isto é, nosso próprio fim como espécie. Pois no que concerne <<nossa>> civilização, essa que se ergue sobre a disjunção entre imanência e transcendência, essa está, como tudo indica, com seus dias contados. (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, *on-line*).

Finalizamos nossas ideias, assim, exaltando os mundos possíveis que podemos sentir, observar, notar, considerar e alimentar através das narrativas das ambientalistas. Elas seguem, assim, como tradutoras desses mundos. Mãos de obra que trabalham, junto a formas de vidas, culturas e ontologias outras, para adiarem o fim do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Sobre o fim do mundo**. Artigo publicado pelo Blog Investigação Filosófica em Mar./2020. Disponível em: <https://bityli.com/33wqe>

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ANTOUN, Henrique. **Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.16, dez/2001. Disponível em: <https://goo.gl/3Xg5fb>

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **Ontologia da liberdade na rede: a guerra das narrativas na internet e a luta social na democracia**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 286-294 • set./dez.2010. Disponível em: <https://goo.gl/hFP6HZ>

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. **Passagens**. Tradução do alemão Irene Aron, tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão; revisão técnica Patrícia de Freitas Camargo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro de diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

_____. **A Terra na palma da mão: uma nova visão do planeta e da humanidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BORN, Rubens Harry. **Articulação do capital social pelo movimento ambientalista para a sustentabilidade do desenvolvimento no Brasil**. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental na sua área de conhecimento. 5.ed. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2008.

BUTLER, Judith. Levante. In: **Levantes**. Organização de Georges Didi- Huberman. Tradução de Jorge Bastos; Edgard de Assis Carvalho, Mariza P. Bosco e Eric. R.R. Heneault. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

_____. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Tradução de Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2010

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. Trad. Raul de Polillo. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

CASTELLS, Manuel. O “verdejar” do ser: o movimento ambientalista. In: CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 141-168.

_____. **Redes de indignação e esperança – movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CRESPO, Samyra. **Uma visão sobre a evolução da consciência ambiental no Brasil dos anos 1990**. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental na sua área de conhecimento. 5.ed. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de. **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/UFMG, 2004. Disponível em: <http://goo.gl/l6zuna>

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27. Disponível em: <http://goo.gl/vYla9k>

_____. Pathos e discurso político. In: MACHADO, Ida Lucia Machado; MENEZES, William; MENDES, Emilia (Orgs.). **As emoções no discurso**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 240-251. Disponível em: <http://goo.gl/n0iR9P>

_____. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia Atalia (Org.). **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 309-326. Disponível em: <http://goo.gl/k15WUf>

_____. **Linguagem e discurso – modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Discurso político**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Imagem, mídia e política: construção, efeitos de sentido, dramatização, ética. In: MENDES, Emilia (Coord.); MACHADO, Ida Lúcia; LIMA, Helcira; LYSARDO-DIAS, Dylia (Orgs.). **Imagem e Discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

DE LAURETIS, Teresa. **A Tecnologia do Gênero**. Bloomington/Indiana: Indiana University Press, 1987.

DIAS, Cristiane. L’écriture du fragmentaire quotidien entre mémoire discursive et mémoire métallique. Itinéraires, 2014-1/2015. Disponível em: <http://goo.gl/HmZtnA>

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Trad. Paulo Neves. São Paulo. Editora 34, 2010.

DRYZEK, John. **The politics of the earth – environmental discourses**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2013.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

EMEDIATO, Wander. Discurso e web: as múltiplas faces do Facebook. Revista da ABRALIN, v. 14, n. 2, p. 171-192, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://goo.gl/6GQsqS>.

GUMBRECHT, Huns Ulrich. **Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **O bovarismo brasileiro: ensaios**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARA, de Bruna; RANGEL, Bruna; MOURA, Gabriela; BARIONI, Paola; MALAQUIAS, Thaysa. **#MEUAMIGOSECRETO: Feminismo além das redes**. [Coletivo Não me Kahlo]. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

LYSARDO-DIAS, Dylia. **Narrativas de moradores de rua nas mídias sociais**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v.26, n.3, p. 989-1013, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/Hjuxov>

LOVISI, Giovanni Marcos *et al.*. **Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006**. Rev. Bras. Psiquiatr. [online]. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2MTaLok>

MAXAKALI, Toninho; ROSSE, Eduardo Pires (Orgs.) **Kômãyxop: cantos xamânicos maxakali**. Rio de Janeiro: Museu do Índio – Funai, 2011.

MENDES, Emilia. **Análise do discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica**. In: MENDES, Emilia (Coord.); MACHADO, Ida Lúcia; LIMA, Helcira; LYSARDO-DIAS, Dylia (Orgs.). **Imagem e Discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Tradução de Fernando Dias Antunes. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1993.

MIGUEL, Katarini Giroldo. **Pensar a cibercultura ambientalista: potencialidades da comunicação e da mobilização virtual**. Revista Tecer, Belo Horizonte, v. 4, p. 1-13, 2011.

_____. **Pensar a cibercultura ambientalista: comunicação, mobilização e as estratégias discursivas do Greenpeace Brasil**. 2014. 238f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) –

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2014.

MILLER, Carolyn R.; SHEPERD, Dawn. **Blogar como ação social: uma análise do gênero weblog.** In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Orgs.). Gênero textual, agência e tecnologia: estudos. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MURARO, Rose Marie. **Introdução.** In: KRAMER, Heinrich, 1430-1505. O martelo das feiticeiras. Tradução Paulo Fróes; Rose Marie Muraro; Carlos Byington. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

NOGUEIRA, Erika Cristina Dias. **Facebook como espaço de legitimação virtual: uma análise de posts e reações discursivas em páginas de ONGs ambientais.** Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ORWELL, George. **1984.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009

PAVEAU, Marie-Anne. **Ce qui s'écrit dans les universes numériques – matières technolangagières et formes technodiscursives.** Revista Itinéraires [on-line] 2014-1 | 2015. Disponível em: <http://itineraires.revues.org/2313>

PELIZZOLI, M.L. **A emergência do paradigma ecológico: Reflexões ético-filosóficas para o século XXI.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PEREIRA, Marcus Abílio. **Cyberativismo e democracia – movimentos sociais e novos repertórios de ação.** 2008. 221f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, 2008.

PEREIRA, Marcus Abílio. **Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DOS PESQUISADORES BRASILEIROS EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA (COMPOLÍTICA), 4. 2011. Rio de Janeiro, de 13 a 15 de abril de 2011, p. 1-26. Disponível em: <http://goo.gl/x6t6Bd>.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **A conversação em Rede – comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Simone de Beauvoir e Judith Butler: aproximações e distanciamentos e os critérios da ação política.** Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2015.

RODRIGUES, Josevana de Lucena; CAMPOS, Maria Sandra. **#Vemprarua: a linguagem na medida certa para mobilização social.** In: ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO, 13., 2013. Manaus, de 4 a 7 de setembro de 2013. Disponível em: <http://goo.gl/iHmXxU>.

SIBILIA, Paula. **O show do eu – a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILIPRANDI, Emma. **Mulher e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.

SHYAM, Bhajju; BAI, Durga; URVETI, Ram Singh. **A vida secreta das árvores**. Tradução do inglês Mônica Stahel. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010

SOARES, Juliana Cristina S. **A construção do Ethos no Orkut: um estudo sobre as estratégias discursivas**. 2011. 135f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

TRIGUEIRO, André. **Meio ambiente na idade média**. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental na sua área de conhecimento. 5.ed. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2008.

VAN DIJCK, José. **Facebook as a tool for producing sociality and connectivity**. Revista Television & New Media, Estados Unidos, v. 2, n. 13, p. 160-176. Disponível em: <<http://dare.uva.nl/document/2/108483>>.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

_____. **Posfácio a Ideias para Adiar o Fim do Mundo, de Ailton Krenak**. Coleção Pandemia Crítica, n.1. edições [on-line], n.113, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/14hwH>

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WILDHAGEN, Raquel Oliveira. **Sustentabilidade é atributo de quem? Críticas às práticas de responsabilidade social empresarial a partir de um estudo em território minerador**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ZANINI, Débora. **Etnografia em mídias sociais**. In: SILVA, Tarcísio; STABILE, Max (Orgs.). Monitoramento e Pesquisa em Mídias Sociais: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo: Uva Limão, 2016.

ŽIŽEK, Slavoj. **O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política**. Tradução Luigi Barichello. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **Vivendo no Fim dos Tempos**. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.

ZITKALA-ŠA. **Porque sou pagã**. Tradução de Scott Ritter Hadley. In: Revista Literária em Tradução, Florianópolis, ano.3, n. 4, p. 139 – 142, mar. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2JKoBbe>